



**UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA**  
**SIMONE ATAYDE FLORIANO DA SILVA**

**ANÁLISE DISCURSIVA DOS COMENTÁRIOS POSTADOS NA FERRAMENTA  
FÓRUM DA DISCIPLINA LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL NO ESPAÇO  
UNISUL/VIRTUAL DE APRENDIZAGEM**

**Tubarão**  
**2010**

**SIMONE ATAYDE FLORIANO DA SILVA**

**ANÁLISE DISCURSIVA DOS COMENTÁRIOS POSTADOS NA FERRAMENTA  
FÓRUM DA DISCIPLINA LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL NO ESPAÇO  
UNISUL/VIRTUAL DE APRENDIZAGEM**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem.

Orientador: Prof. Dr. Sandro Braga.

Tubarão

2010

**SIMONE ATAYDE FLORIANO DA SILVA**

**ANÁLISE DISCURSIVA DOS COMENTÁRIOS POSTADOS NA FERRAMENTA  
FÓRUM DA DISCIPLINA LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL NO ESPAÇO  
UNISUL/VIRTUAL DE APRENDIZAGEM**

Esta dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem e aprovada em sua forma final pelo Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Tubarão, (04) de (novembro) de (2010).

---

Professor e orientador Sandro Braga, Dr.  
Universidade do Sul de Santa Catarina

---

Prof. Silvia Inês Coneglian Carrilho de Vasconcelos, Dr<sup>a</sup>.  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof. Maria Marta Furlanetto, Dr<sup>a</sup>.  
Universidade do Sul de Santa Catarina

Dedico esta dissertação a duas pessoas Atayde e Honorina, que em nenhum momento mediram esforços para realização dos meus sonhos, que me guiaram pelos caminhos corretos, me ensinaram a fazer as melhores escolhas, me mostraram que a honestidade e o respeito são essenciais à vida, e que devemos sempre lutar pelo que queremos. A eles devo a pessoa que me tornei, sou extremamente feliz e tenho muito orgulho por chamá-los de pai e mãe.

AMO VOCÊS!

## AGRADECIMENTOS

Este agradecimento, além de ser o meu reconhecimento aos que de uma forma ou de outra ajudaram durante o meu mestrado, tem também um certo tom de despedida do Programa de Pós-graduação Ciências da Linguagem e dos amigos. Durante esse período no PPGCL, tive a felicidade de estar envolvida em eventos que contribuíram para a minha formação, além de fazer grandes amizades.

Ao criador Deus, o que seria de mim sem a fé que eu tenho nele.

De modo especial, agradeço ao meu querido orientador prof. Dr. Sandro Braga pela dedicação, carinho, paciência e por ter recebido meu trabalho de forma profissional, tornando possível a conclusão desta dissertação.

Ao meu amado esposo, que me apoiou nos momentos difíceis de desilusão, me amparou nas madrugadas, feriados e fins de semana que fiquei trabalhando na dissertação, dando-me coragem, incentivo, dedicação e confiança.

Aos meus pais e irmãos que souberam entender a minha ausência nos muitos momentos desde que ingressei no mestrado, não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida.

Das amizades que cultivei no período de que estive no Curso, algumas das quais entraram em minha vida por uma razão, por um momento ou por uma vida inteira. Em especial a Geny, pelas nossas discussões nas madrugadas de estudos, embora em áreas distintas, penso que contribuiu para nosso aprendizado, sem contar com a amizade que construímos. A amiga Marilene, pelos desabafos, e também pelos momentos de alegrias que passamos juntas. Dentre as pessoas que estiveram presentes na minha formação agradeço: Mário, Daniel, Waldir, Lanuzza, Neli, Sali, Maribel, Maristela, Monaliza obrigada pela convivência.

Aos amigos da vida, Juliana, Josiane, Luciano, Luciana, Gi, Jane, Keka, Zê, Vando, Conceição, Sandrei e Vanessa que sempre estiveram ao meu lado.

Aos meus professores do PPGCL que participaram da minha formação científica, contribuindo para o amadurecimento dos meus conhecimentos e conceitos.

Às secretárias do colegiado, Layla e Suelen e ao coordenador prof. Dr. Fábio José Rauen pela competência.

Ao professor Enzo Moreira e a professora Patrícia Meneguel da Unisul/Virtual, às professoras Milene Pacheco Kindermann, Nadia Sandrini e Denise Zumblick e ao Aleir de Medeiros que me apoiaram e me oportunizaram a chegar até aqui. A Unisul pelo incentivo e por me conceder licença para que eu pudesse concluir a pesquisa.

“O sucesso nasce do querer, da determinação e persistência em se chegar a um objetivo. Mesmo não atingindo o alvo, quem busca e vence obstáculos, no mínimo fará coisas admiráveis.” (José de Alencar).

## RESUMO

Esta dissertação apresenta os resultados de uma pesquisa que teve como objeto de análise os comentários postados no Espaço UnisulVirtual de Aprendizagem (EVA), mais especificamente na ferramenta Fórum da UnisulVirtual, em uma das disciplinas de Leitura e Produção Textual – 2008/2. Nossos objetivos na investigação foram analisar o funcionamento dos discursos que se materializam nesse espaço enunciativo e as características desses discursos. Evidenciamos, também, quais são os sujeitos que se põem a dizer e as condições de sua produção discursiva com base nas teorias concebidas pelos estudiosos da Análise do Discurso de corrente francesa. Dividido em três capítulos, nosso trabalho destaca primeiramente as formulações conceituais, como: a língua(gem) na/para análise do discurso; condição de produção; discurso; interpretação; ideologia; formação discursiva, seguindo com o interdiscurso; heterogeneidade(s) enunciativa(s); para finalizar com o *ethos* discursivos e a cena de enunciação, sob o prisma das reflexões teóricas de Pêcheux; Authier-Revuz; Orlandi; Maingueneau. Para tanto, o ponto de partida teórico desta análise está fundamentado na formulação de Orlandi (2003), que propõe a constituição do discurso pedagógico (DP) em que predomina o discurso autoritário. No entanto, o fato de na ferramenta Fórum os participantes estarem permeados por múltiplos processos interativos permitiu-nos pensar que há um deslizamento com referência ao DP (monofônico e de sentido restrito), o que produz um funcionamento do DP menos centrado no discurso autoritário, além de favorecer a instauração do discurso polêmico. No segundo capítulo, apresentamos o contexto da pesquisa, além de apresentar os dispositivos de análise. E no terceiro capítulo identificamos nas práticas discursivas do sujeito-acadêmico as características do DP nesse espaço midiático, em que subjaz o discurso polêmico – a polissemia emerge quando surge na interação o referente cotas para negros na universidade – que possibilita aos participantes a abertura para posições diversas. Nesse caso, a análise voltou-se à compreensão da relação subjetividade/sujeito/discurso que nos permitiu ver como o sujeito-acadêmico na ferramenta fórum é constituído por vários outros. Desse modo, a produção e circulação de discurso apontam que no Fórum o conhecimento não é tomado como “produto”, mas como “processo”, sendo o aluno o próprio gerenciador do saber.

Palavras-chave: Análise do discurso. Discurso pedagógico. Posição-sujeito. Espaço UnisulVirtual de Aprendizagem (EVA).

## ABSTRACT

This thesis presents the results of a survey which aimed to review the comments posted in Space UnisulVirtual Learning (EVA), more specifically the tool UnisulVirtual Forum, the discipline of reading and writing – 2008/2. Our objectives in this investigation were to analyze the functioning of the speeches that materialize in this space and the characteristics of expository speeches. Evidence, too, which are the subjects who set out to tell and the discursive conditions of its production based on the theories devised by scholars of discourse analysis of current French. Divided into three chapters, our first paper highlights the conceptual formulations, such as language (gem) in / for discourse analysis, basic conditions of production, discourse, interpretation, ideology, discursive formation, according to inter; heterogeneity (s) enunciative (s) to finish with the discursive ethos and the scene of enunciation, in the light of the theoretical Pêcheux; Authier-Revuz, Orlandi; Maingueneau. Thus, the theoretical starting point of the analysis is based on the formulation of Orlandi (2003) which proposes the creation of pedagogic discourse (DP), predominantly in the authoritative discourse. However, the fact that the tool Forum participants work in the midst by multiple interactive processes enabled us to think that there is a slip with reference to the pedagogic discourse (monophonic and narrow sense), which produces an operation of DP less focused on authoritative discourse, and encourage the introduction of controversial speech. In the second chapter, we present the research context and presents the analysis devices. And the third chapter in the discursive practices identified in academic subject-DP in the characteristics of the media space, which underlies the controversial speech – polysemy arises when the subject arises in the interaction of quotas for blacks in universities - which allows participants to open to diverse locations. In this case, the analysis turned to understanding the relationship subjectivity/subject/discourse that allowed us to see how the guy in the tool-academic forum is composed of several others. Thus, the production and circulation of discourse in the Forum indicate that knowledge is not taken as "product" but as "process" in which the students themselves manage knowledge.

Keywords: Discourse analysis. Pedagogical discourse, Position-subject, UnisulVirtual Learning Space (VAS).

## SUMÁRIO

<b>1 O PERCURSO DA TRILHA .....</b>	<b>11</b>
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>18</b>
2.1 A LINGUA(GEM) NA/PARA ANÁLISE DO DISCURSO .....	18
2.2 CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO .....	20
2.2 DISCURSO.....	22
2.3 INTERPRETAÇÃO .....	23
2.4 IDEOLOGIA .....	27
2.5 FORMAÇÃO DISCURSIVA .....	30
2.6 INTERDISCURSO: MEMÓRIA DISCURSIVA .....	32
2.7 HETEROGENEIDADE(S) ENUNCIATIVA(S).....	35
2.8 DISCURSO PEDAGÓGICO .....	39
2.9 ETHOS DISCURSIVO E CENA DA ENUNCIÇÃO.....	43
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>49</b>
3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA .....	49
<b>3.1.1 Ensino a distância (EaD).....</b>	<b>49</b>
<b>3.1.2 UnisulVirtual.....</b>	<b>52</b>
3.2 DISPOSITIVOS DE ANÁLISE .....	54
<b>3.2.2 Levantamento dos dados.....</b>	<b>56</b>
<b>3.2.3 Procedimentos de análise .....</b>	<b>57</b>
<b>4 ANÁLISE.....</b>	<b>58</b>
4.1 ANÁLISE DO DISCURSO MEDIADO PELO INSTRUMENTO FÓRUM DO EVA....	58
4.2 ANÁLISE DA(S) HETEROGENEIDADE(S) ENUNCIATIVA(S) NO FÓRUM DO EVA.....	79
4.3 ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DO ETHOS DOS ACADÊMICOS DO EVA .....	84
4.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE A ANÁLISE .....	93
<b>5 A TRILHA PERCORRIDA .....</b>	<b>97</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>102</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>104</b>
<b>ANEXO A – FÓRUM.....</b>	<b>105</b>
<b>ANEXO B – ESPAÇO UNISULVIRTUAL DE APRENDIZAGEM .....</b>	<b>106</b>

<b>ANEXO C – MATERIALIDADES LINGUÍSTICAS POSTADAS NA FERRAMENTA FÓRUM.....</b>	<b>107</b>
<b>ANEXO D – TRANSCRIÇÃO DO VÍDEO DA MEDIATECA .....</b>	<b>151</b>
<b>ANEXO E – AUTORIZAÇÃO DA UNISULVIRTUAL .....</b>	<b>152</b>

## 1 O PERCURSO DA TRILHA

As tecnologias digitais vêm contribuindo de maneira significativa para a interação nos processos de comunicação e transformando e ampliando as possibilidades de práticas discursivas decorrentes do uso do computador conectado à internet, especialmente no que tange ao Ensino a Distância (daqui para a frente, EaD). Por se tratar de nova modalidade de ensino, na esfera de transformações afluíram diversos desafios, tanto para os docentes quanto para os discentes.

Vive-se numa organização conhecida hoje como sociedade de informação, conceito que define a existência de fluxos tão complexos de ideias, produtos, serviços, compras e pessoas, o que estabelece uma nova forma de organização social. Sob esse prisma, os avanços tecnológicos têm contribuído para modificar substancialmente os diversos processos da atividade humana, principalmente nos processos de ensino-aprendizagem. Com isso, uma série de modificações vem acontecendo nas práticas pedagógicas, sobretudo no que diz respeito ao EaD. Assim, o uso da internet no âmbito educacional tem ampliado significativamente novas possibilidades de acesso ao universo acadêmico.

Por um lado, a acelerada evolução da Tecnologia de Informação e Comunicação (doravante, TIC), o surgimento de novos paradigmas e a renovação de outros conceitos para adaptação ao meio eletrônico exigem dos profissionais uma atenção redobrada nas abordagens teórico-metodológicas voltadas para o EaD em relação aos novos recursos que estão sendo criados e utilizados nas práticas pedagógicas.

De outro lado, as práticas pedagógicas não podem passar ao largo das práticas discursivas que se atualizam efetivamente na sociedade, nos mais variados contextos, ignorando os propósitos comunicativos que as movem e os efeitos pretendidos em cada situação particular de interação. Cabe às instituições de ensino promover as condições necessárias para que essas práticas estejam presentes nos novos meios de comunicação e interação, contribuindo assim para o ensino-aprendizagem.

Segundo comentam Mantoan e Baranauskas (2002) em seu artigo *Novas Mídias na Aprendizagem*, há “uma rápida expansão das ofertas de educação on-line”, por isso a presença dessa mídia moderna nas escolas deve mudar as formas do pensar e do relacionamento interpessoal, “afetando subjetiva e objetivamente as relações espaço-temporais e modificando os processos de ensino e de aprendizagem (MANTOAN; BARANAUSKAS, 2002, 83). E reforçam:

O novo desafio como educadores não é mais obter meios tecnológicos para desenvolver projetos educativos, mas o de saber utilizá-los. Por outro lado, é preciso criar mais para que a tecnologia e a educação se encontrem e se integrem seus propósitos e conhecimento, buscando complementos, uma na outra (MANTOAN; BARANAUSKAS, 2002, p. 83)

Na tentativa de melhorar a qualidade de ensino, as atuais instituições formadoras pretendem inovar na educação, apostando nas TICs para a capacitação de docente e para o processo de ensino e de aprendizagem entre os envolvidos no processo de interação. Nesse sentido, a UnisulVirtual aderiu à ideia, incorporando o programa de educação a distância no ano de 1999, em sintonia com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, agregando os recursos tecnológicos em suas práticas metodológicas como forma de instituir novos paradigmas de ensino. Um dos recursos é o Espaço UnisulVirtual de Aprendizagem (daqui para a frente, EVA), ambiente virtual que dispõe de várias ferramentas de comunicação, destinado à publicação das atividades propostas pelos professores e à postagem dos trabalhos dos alunos, além de promover uma interação significativa entre os envolvidos nesse espaço de enunciação.

É nesse contexto que a linguagem permeia esses meios de interação, e não é um simples aparato de comunicação, mas é atravessada pela ideologia e pela história, uma vez que vai mostrar a sua opacidade. E o sujeito produtor da linguagem não se constitui empiricamente, mas se representa conforme seu lugar, já determinado, em dada formação social.

Assim, para analisar tal sujeito da lingua(gem) no contexto interativo da UnisulVirtual, a pesquisa fundamenta-se nos dispositivos teóricos e analíticos da Análise do Discurso de linha francesa (PÊCHEUX, 1995 e 1997; AUTHIER-REVUZ, 1990; ORLANDI, 1996, 1999, 2001, 2003, 2005, 2007; MAINGUENEAU, 2008). E é exatamente aqui que reside nosso objeto de investigação: sendo o lugar/Fórum um espaço voltado para a discussão de um grupo pertencente a uma mesma comunidade que postam seus comentários a partir de um tema proposto pelo professor, analisamos os discursos que se materializam/manifestam no EVA, mais especificamente o caminho que pretendemos “trilhar” ocupando-nos dos comentários postados na ferramenta Fórum da UnisulVirtual, em uma das disciplinas de Leitura e Produção Textual – 2008/2, a fim de verificar qual prática discursiva se instaura nesse ambiente virtual. Mais particularmente, focaremos aqui o funcionamento do discurso a partir desses comentários postados nesse espaço de enunciação, com o intuito de analisar

como o sujeito interage nesse espaço enunciativo e quais condições de formação discursiva<sup>1</sup> levam os participantes a produzir tais discursos. Ainda, identificar as características do discurso que se materializa na ferramenta Fórum; e compreender a maneira pela qual se estabelece a posição-sujeito enquanto participante de Fórum de discussão, para, então, demonstrar o modo de produção do discurso pedagógico (doravante, DP) nesse ambiente virtual de aprendizagem.

Nesse quadro teórico, tem-se a formulação de Orlandi (2003) que propõe a constituição do DP<sup>2</sup>. Segundo a autora, esse discurso é produzido sob três perspectivas: do ludismo, da polêmica e do autoritarismo. No discurso lúdico, o seu objeto permanece do mesmo modo, os interlocutores não hesitam em contrariar, o que resulta na expansão da *polissemia aberta*; abertura total de sentido – *o exagero é o non-sense*. No discurso polêmico o objeto se mantém, e os participantes não se manifestam, ao contrário disso, procuram dominar, cada um por si, o referente do discurso, em que o sentido pode estar em posições distintas, resultando a *polissemia controlada* – *o exagero é a injúria*. Por último, tem-se o discurso autoritário que se mantém exclusivo e determina o que pode e deve ser dito (*porque é*), além de ocultar o referente pelo dizer, o que resulta na *polissemia contida*.

Dentre os autores pesquisados encontramos Neotti (2007), para quem a universidade se constitui também por um discurso, a que chama de discurso acadêmico (DA), que se estabelece numa relação diferenciada com o discurso científico: diferentemente do DP, não apaga a voz do cientista que “produz” a ciência. O DA seria então um tipo de discurso polêmico em que se mantém a presença do referente – a ciência não está oculta – mas os participantes não procuram dominar esse referente. A autora afirma ainda que o sujeito professor do DA não se apropria da voz do cientista sem explicitar o seu lugar de mediador, uma vez que é o cientista que ocupa a posição de educador (NEOTTI, 2007, p. 34).

Nessa perspectiva, não podemos caracterizar o discurso que se manifesta na ferramenta Fórum tal como proposto por Orlandi (2003), uma vez que, para ela, predomina o discurso autoritário no DP. Também não é possível caracterizá-lo como DA conforme Neotti (2007). Além de os participantes não dominarem o referente, a posição do professor deve coincidir com a da ciência. Essas considerações nos levam mais uma vez a constatar que o

---

<sup>1</sup> Dentre os vários conceitos desenvolvidos por teóricos (PÊCHEUX, 1995, 1997; ORLANDI, 2001, 2007; FOUCAULT, 1969; MAINGUENEAU, 2008) acatamos o proposto por Pêcheux e Orlandi.

<sup>2</sup> Contudo, essa categorização em primeiro plano, não está vinculada ao discurso pedagógico, uma vez que independentemente, que no DP predomina o caráter de autoritarismo, o que pode acontecer também com outros discursos.

discurso que encontramos nessa ferramenta, em relação à interação professor-aluno e aluno-aluno, não se manifesta no espaço acadêmico da mesma condição enunciativa.

Diante do exposto, consideramos que o funcionamento discursivo na ferramenta Fórum do EVA, em uma das disciplinas de Leitura e Produção Textual do ciclo letivo 2008/2, não se materializa com a mesma característica do discurso pedagógico, em que predomina o discurso autoritário tal como apontado por Orlandi (2003). As questões que nortearam inicialmente se voltam para as seguintes indagações: se não ocorre com a mesma característica do DP tal como apontado por Orlandi (2003), que discurso é esse? É apenas outro modo de funcionamento do DP em que os efeitos de sentidos são atualizados constantemente nessa prática discursiva?

A partir dessas indagações, rabiscamos nossa trilha a percorrer no inusitado mundo das reflexões e a partir dela esperamos contribuir para a compreensão do funcionamento do discurso nesse espaço enunciativo.

Convém salientar a proposta formulada por Orlandi (2003) sobre o discurso pedagógico: “A homogeneidade é criada a partir da instituição. É no espaço da instituição que o conhecimento é homogêneo [...]” (ORLANDI 2003, p. 20). Evidenciam-se aí duas situações: ora o professor repete a fala do cientista, ora o aluno repete a fala do professor, o que resulta no saber homogeneizado; em outras palavras, um saber legitimado.

Nesse ambiente, como já mencionamos, os participantes manifestam-se e interagem criando condições de aprendizagem. Pensar com base nessa conjuntura nos faz refletir sobre a formulação do DP, e portanto implica falar que “o sistema de ensino é essa fragmentação toda em que o conceito de unidade cede lugar ao de homogeneidade”. (ORLANDI, 2003, p. 30). Dito de outra forma, a homogeneidade se constitui por via institucional que, por sua vez, torna o conhecimento homogêneo. Então, o que pode ser observado no funcionamento discursivo na ferramenta Fórum, no que diz respeito a sua relação com a homogeneidade, parece não operar da mesma forma nesse ambiente virtual, porquanto o conhecimento parece direcionar-se para o heterogêneo, diferentemente do homogêneo, quando o conhecimento já é tomado como pronto e acabado.

Assim, tomaremos a contribuição de Authier-Revuz (1990), que conceitua a(s) heterogeneidade(s) enunciativa(s) e a(s) distingue de duas formas: mostrada e constitutiva. Alertamos que esses dois conceitos foram explanados no marco teórico. Ao nosso ver, a análise dos enunciados desta pesquisa recai essencialmente nas formas linguísticas, em que os sujeitos enunciativos nesse espaço virtual, se marcam no que dizem.

Para Orlandi (2003) o discurso pedagógico é visto “como um discurso circular, isto é, um dizer institucionalizado, sobre as coisas, que se garante, garantindo a instituição em que se origina e para a qual tende: a escola” (ORLANDI 2003, p. 28). Nessa perspectiva, o funcionamento do DP na ferramenta Fórum parece manifestar um discurso transversal, não significando que seja produzido somente dentro da academia, mas pode ser aquele que permite ao aluno tomar uma posição em relação a um tema proposto, possibilitando a interdiscursividade e o gerenciamento do saber, tanto dentro de uma instância educativa quanto mediada por ela.

Além disso, Orlandi (2003) retoma a formulação do DP e assume uma posição crítica diante da caracterização autoritária do DP, vislumbrando uma abertura para o discurso polêmico. Nesse ponto, a autora diz que o autoritarismo está incorporado às relações sociais, e faz referência à “forma de interferir no caráter autoritário do DP, que é questionar seus implícitos, o seu caráter informativo, sua ‘unidade’ e atingir seus efeitos de sentidos”. Isso porque, segundo a autora, “com os implícitos o discurso coloca algumas informações que aparecem como dadas, predeterminadas”. Também não abre espaço para a articulação existente entre o discurso e o contexto mais amplo; em contrapartida, os implícitos prendem os interlocutores no espaço no qual eles estão constituídos. (ORLANDI, 2003, p. 32).

Nesse quadro, com relação ao que se visualiza nas materialidades linguísticas, além do questionamento dos implícitos é necessário observar quais são as condições de produção do discurso que se materializa/manifesta/é mediado pela ferramenta Fórum. Assim, percebe-se que os participantes, na condição em que se encontram, estão cerceados por um limite de dizer, ou seja, nem tudo pode ser dito dentro de um espaço educativo, como Foucault (1996) já ensinava em *A ordem do discurso*.

Com relação à apropriação da língua pelo sujeito falante, Orlandi (2003) baseia-se em Benveniste (1966), que destaca as formas linguísticas e mostra a subjetividade na linguagem; aponta a presença do ouvinte dentro do texto. Orlandi ressalta essas marcas linguísticas para a constituição da forma polêmica, porque os interlocutores se expõem a efeitos de sentido em relação a ‘informações’ e ainda os participantes se mostram através de marcas explícitas de heterogeneidade: por meio do discurso direto e indireto. (ORLANDI, 2003, p. 34).

Ainda do ponto de vista de Benveniste uma maneira de o professor “se colocar de forma polêmica é construir seu texto, seu discurso, de maneira a expor-se a efeitos de sentido possíveis, é deixar um espaço para a existência do ouvinte como ‘sujeito’”. Conforme a autora, é permitir que o outro construa seu próprio discurso: ao mesmo tempo, ele (professor)

possa colocar-se como ouvinte, ou seja, “saber ouvir seu próprio texto e do outro” (ORLANDI, 2003, p. 32). Diante disso, pretende-se compreender o funcionamento discursivo que se visualiza nas postagens no Fórum, em que os participantes interagem ao mesmo tempo com o seu texto e com o texto do outro.

Levar em consideração as palavras da autora no que diz respeito ao DP e observar a manifestação dos discursos circundantes no EVA e condições de produção desses discursos nos permitiu pensar que há um deslizamento com referência ao discurso pedagógico, aquele proposto anteriormente por Orlandi (2003), em que a autora finaliza com a proposta “de buscarmos, professores e alunos, um DP que seja pelo menos polêmico e que não nos obrigue a nos despirmos de tudo que é vida lá fora ao atravessarmos a soleira da porta da escola”. (ORLANDI, 2003, p. 37).

Esta pesquisa justifica-se por contribuir para a compreensão do funcionamento discursivo da ferramenta Fórum no EVA, no que tange a essa modalidade de ensino, sobretudo por percebermos um desdobramento no funcionamento do discurso pedagógico já cristalizado teoricamente como discurso autoritário. E se inscreve numa perspectiva em que as linguagens se renovam para atender à demanda de novas tecnologias educacionais, o que tem por consequência a produção e circulação de discursos. O uso de novas tecnologias propicia a ampliação e a diversificação dos recursos educativos, permitindo novas formas de interação professor-aluno e aluno-aluno, oportunizando ao aluno manifestar e interagir com a informação e com os participantes, criando condições de aprendizagem. Pode ainda contribuir para a compreensão dos processos discursivos na construção do Espaço UnisulVirtual de Aprendizagem (EVA), colaborando com novas propostas educacionais.

Assim sendo, percebemos a importância de analisar essas modalidades discursivas diante da revolução tecnológica que se vive, pois não se pode ignorar o fato de que as TICs estão cada vez mais presentes na vida dos acadêmicos e que o avanço tecnológico, sobretudo a internet, tem contribuído para a educação.

O estudo segue a seguinte estrutura metodológica: na introdução apresentamos um resumo do quadro teórico, os objetivos e a justificativa da pesquisa.

O primeiro capítulo é destinado à revisão teórica da análise de discurso de corrente francesa, com destaque para as formulações conceituais, tais como: a língua(gem) na/para análise do discurso; condição de produção; discurso; interpretação; ideologia; formação discursiva, seguindo com o interdiscurso: memória discursiva; heterogeneidade(s) enunciativa(s); e discurso pedagógico, para finalizar com o *ethos* discursivos e a cena de enunciação.

No segundo capítulo, consta a metodologia, na qual buscamos explicitar os critérios adotados em relação à escolha e delimitamos o corpus, bem como fazemos sua descrição. Além disso, apresentamos os dispositivos de análise; o processo de seleção e levantamento de dados e, por fim, os procedimentos de análise, além de uma leitura prospectiva com vistas a levantar os recortes textuais que constituem os comentários na ferramenta Fórum.

O terceiro capítulo é destinado à análise do corpus e discussão dos dados obtidos na pesquisa, com vista a levantar as características do discurso pedagógico mediado na/pela ferramenta Fórum no EVA.

Por fim, apresentamos a conclusão.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Como mencionamos na introdução, os pressupostos teóricos desta pesquisa são apresentados sob a óptica da análise do discurso de corrente francesa (PÊCHEUX; AUTHIER-REVUZ; ORLANDI; MAINGUENEAU). Assim, objetivando fundamentar nosso capítulo de análise, retomamos aqui algumas concepções dentro dessa área. Primeiramente, destacamos a complexidade do termo *lingua(gem)* na/para análise do discurso. Em seguida, passamos ao que se compreende como condições de produção e a noção de discurso. Logo a seguir, focamos a questão da interpretação, passando para a noção de ideologia e formação discursiva. Depois, tratamos do interdiscurso: memória discursiva e a(s) heterogeneidade(s) enunciativa(s). Na sequência, discutimos a função-autor e concentramo-nos na formulação do conceito e no funcionamento do discurso pedagógico e suas relações. Finalizamos este capítulo com a noção do *ethos* discursivo juntamente com a cena de enunciação e suas relações com o discurso.

### 2.1 A LINGUA(GEM) NA/PARA ANÁLISE DO DISCURSO

A linguagem significa para o homem o princípio de todas as coisas, o que não é difícil de explicar. Podemos dizer que tanto para ações como para as reações humanas a linguagem é essencialmente importante. E mais: é pela linguagem que o homem reveste-se em sujeito e participa do fenômeno linguístico. Ou seja, o homem não fala pela linguagem, mas se revela, e mostra sua constituição enquanto homem.

Dentre os estudiosos da *lingua(gem)*, Saussure (1915) contribuiu significativamente para os estudos linguísticos. Deixou na obra “Curso de Linguística Geral” e nos “Escritos de Linguística Geral” conceitos importantes. A linguística foi estudada como ciência, que passou a ter como objetivo sustentar outras áreas do conhecimento. Em decorrência disso, iniciam-se os estudos centrados na linguística: fonética, morfologia, sintaxe, semântica, análise do discurso, pragmática, sociolinguística, psicolinguística e neurolinguística, entre outras.

A linguística tem a língua como seu objeto próprio, e por não se constituir da transparência da linguagem, a análise do discurso vai trabalhar com essa não transparência, ou, mais especificamente, nessa opacidade da língua. Assim, vamos trazer algumas contribuições à compreensão do funcionamento da linguagem.

Michel Pêcheux<sup>3</sup> teoriza que o discurso é a materialidade específica da ideologia, ao passo que a língua é a materialidade específica do discurso, isto é, estuda como a linguagem está materializada na ideologia e como esta se manifesta na linguagem. As ideologias não são ideias nem têm sua origem no sujeito, mas são forças materiais que constituem os indivíduos em sujeito. Assim, a evidência do sujeito é somente um efeito ideológico, pois o indivíduo é *sempre-já-sujeito*. Como a interpelação do indivíduo em sujeito do discurso se dá pela identificação do sujeito com a formação discursiva que o domina, não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia. (PÊCHEUX, 1995).

No quadro epistemológico, Pêcheux (1997) articula a análise do discurso a três áreas do conhecimento científico: o *materialismo histórico*; a *linguística* e a *teoria do discurso*. Define teoria das formações sociais, ou seja, teoria das ideologias para o materialismo histórico; trata a teoria da sintaxe e da enunciação a linguística; e como teoria do discurso descreve a determinação histórica de processos semânticos.

Benveniste (1966) parte da importância que a *língua* tem para a compreensão do uso da linguagem. E mais: diz que não se pode imaginar o homem isolado da linguagem. Para o autor, primeiramente é necessário constituir o sujeito; além disso, aborda em seus estudos que *forma* e *sentido* não se excluem, embora a primeira se ocupe dos *signos formais*, enquanto a segunda volta-se para a utilização e o uso da *língua*. E, através de uma metodologia de análise que estabelece o *discurso* como seu objeto de estudo, acrescenta: “com a frase, deixa-se o domínio da língua como sistema e entra-se no universo da língua como instrumento de comunicação, cuja expressão é o discurso”. (BENVENISTE, 1966, p. 130).

Para Maingueneau (2008), a noção de discurso “é muito utilizada por ser o sintoma de uma modificação em nossa maneira de conceber a linguagem” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 52). Para ele, essa modificação resulta da influência de diversas correntes das ciências humanas, sobretudo da pragmática, que se constitui sobremaneira no “ato verbal enunciado e enunciação, linguagem e contexto, fala e ação, instituição linguística

---

<sup>3</sup> Fundador da análise do discurso (AD), disciplina de entremeio que se estrutura entre a linguística e as Ciências das Formações Sociais. Surgiu na França na década de 60. Em 1970 e 1980 solidificou-se aqui no Brasil, tendo Eni Orlandi como precursora.

e instituições sociais” (MAINGUENEAU, 2008b, p. 24). Ou seja, tem o efeito de cooperar nos princípios que atuam no relacionamento linguístico entre o falante e o ouvinte, permitindo que o ouvinte interprete o enunciado do seu interlocutor, levando em conta, além do significado literal, elementos da situação e a intenção que o locutor teve ao proferi-lo. Conseqüentemente, o referido autor amplia seus estudos trabalhando algumas características essenciais do discurso. Por ora, ficamos por aqui, mas retomaremos Maingueneau para tratar da questão do *ethos*.

Na análise do discurso, Orlandi (2007) busca apreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico a partir das práticas discursivas considerando o movimento histórico-social, e por isso conhece melhor o que faz do homem um ser especial com capacidade de significar e significar-se. Para a referida autora, a linguagem na AD, além de ser vista como lugar do discurso, “concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social [...] o que torna possível tanto a permanência e a continuidade, quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive” (ORLANDI, 2007, p. 15-16). Na AD, para que a língua possa significar-se, *com homens falando*, é preciso que ela seja perceptível aos sentidos, uma vez que é imprescindível relacionar-se com a exterioridade para produzir sentidos.

Nessa direção, tomaremos aqui as concepções do discurso baseando-se em Pêcheux e Orlandi, porque a “materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua, trabalha a relação língua-discurso-ideologia” (ORLANDI, 2007, p. 17 *apud* PÊCHEUX, 1995); a partir daí, analisam-se as materialidades ideológicas apresentadas nos textos postados no Fórum no Espaço Virtual de Aprendizagem.

## 2.2 CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO

A análise do discurso tem por objetivo evidenciar as marcas dos *processos discursivos*, uma vez que se dão na origem dos efeitos de sentido, sendo a língua o *lugar material* onde se estabelecem os efeitos de sentido (PÊCHEUX 1995). Com relação às sistematicidades fonológicas, morfológicas e sintáticas, esse autor salienta que é preciso dispor de materiais de base para que os *processos discursivos* sejam estabelecidos. Dito de

outro modo, por tomar a ‘língua’ na percepção dessas sistematicidades e com base na condição de produção histórico-social é que o discurso se constitui pelas relações ideológicas.

Nesta pesquisa associamos as condições de produção dos envolvidos no funcionamento discursivo com os efeitos de sentido entre locutores. É importante destacar: Quais são os lugares desse dizer? Quais são os sujeitos que dizem? Qual a condição de produção discursiva desse sujeito? Estão em jogo: a UnisulVirtual e os acadêmicos que representam as duas formações discursivas em debate. Convém salientar que o sujeito, aqui denominado ‘acadêmico’, está inserido numa formação discursiva<sup>4</sup> que por sua vez já está constituída dentro de outra formação discursiva – instituição educadora. Considerando a proposta feita pelo professor sobre o racismo, a ferramenta Fórum é o lugar que propicia abertura para outro referente: cotas para negros na universidade, que surge no decorrer da interação entre os participantes.

Segundo Orlandi (2007, p. 39), “o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz” isto é, o lugar de onde fala o sujeito estabelece sua força no dizer. Assim, se o sujeito fala a partir do lugar de acadêmico, suas palavras significam de modo diferente do que se falasse do lugar de professor. Como nossa sociedade é constituída, conforme Orlandi (2007, p. 39-40), “por relações hierarquizadas, são relações de forças, sustentadas no poder desses diferentes lugares que se fazem valer na ‘comunicação’, a fala do professor vale (significa) mais do que a do aluno”.

Nesse sentido, o lugar ocupado pelos participantes no Fórum exerce determinadas forças estabelecidas pelos diferentes lugares de seus dizeres, materializando-se nos comentários ali postados. Mesmo que a proposta sobre o racismo conduzida pelo professor fosse propícia à polissemia, o lugar não permite que o sujeito se apresente como racista, por estar cerceado num limite de dizer, ou seja, nem tudo pode ser dito dentro de uma instância educativa.

Orlandi (2007) acrescenta que todos os mecanismos de funcionamento do discurso repousam nas formações imaginárias. Assim, coloca as relações de forças, a relação de sentidos e a antecipação sob o modo do funcionamento das formações imaginárias, articulando que tem muitas diferentes possibilidades regidas pela maneira como a formação social está na história. Situando a pesquisa, podemos encontrar em nossa formação social algumas dessas possibilidades, como, por exemplo, a imagem que o professor tem do que seja um aluno universitário e a imagem que um aluno tem do que seja um professor universitário.

---

<sup>4</sup> Ver a noção de formação discursiva na seção (2.5).

Além disso, a autora (2007, p. 42) afirma que tudo isso contribui para a “constituição das condições em que o discurso se produz e portanto para o seu processo de significação [...] na análise do discurso, não menosprezamos a força que a imagem tem na constituição do dizer. O imaginário faz necessariamente parte do funcionamento da linguagem”.

Dessa forma, a análise do discurso (AD) procura mostrar que “a relação linguagem/pensamento/mundo não é unívoca, não é uma relação direta que se faz termo-a-termo, isto é, não se passa diretamente de um ao outro. Cada um tem sua especificidade” (ORLANDI, 2007, p. 19). Desse modo, por não ser unívoca a AD entra fundamentalmente na questão do sentido e se constitui no espaço em que a linguística se relaciona com a filosofia e com as ciências sociais.

## 2.2 DISCURSO

A análise do discurso não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E, por estar constantemente em movimento, o discurso sofre transformações: sociais, políticas e históricas, entre outras. Acerca do discurso como ação social, Orlandi esclarece:

A palavra discurso, etimologicamente, tem em si a idéia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando (ORLANDI, 2007, p.15).

E prosegue: “na análise de discurso, procura compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história” (ORLANDI, 2007, p. 15). A autora afirma que na AD a língua não é vista enquanto sistema imanente, mas como língua e discurso. Com isso, o discurso implica uma exterioridade à língua, e ele mesmo é social, uma vez que envolve questões puramente linguísticas. A AD faz um recorte teórico relacionando língua e discurso, ao dizer que o discurso somente é visto e percebido quando carrega em si o condicionamento linguístico ou determinações históricas; pelo fato de a língua não ser fechada em si mesma e por ser passível de falha, o equívoco se instaura. Dito de outro modo, o equívoco precisa da falha para se constituir na língua e na história.

Segundo Orlandi (2007), no discurso não se trata apenas de transmissão de informação, a língua não é só um código entre outros e não há separação entre emissor e receptor. No funcionamento da linguagem, sujeito e sentido são afetados ideologicamente pela língua e pela história. Desse modo, o discurso é efeito de sentido entre locutores, ou seja, a linguagem se dá na relação entre os sujeitos e os variados efeitos de sentido que o discurso produz.

Orlandi baseia-se na ideia de Canguilhem (1980) de que o sentido não é definido como algo em si, mas como *relação a*. E parte do pressuposto de que a Análise de Discurso se constitui por três regiões do conhecimento; “a. a teoria da sintaxe e da enunciação; b. a teoria da ideologia, e c. a teoria da sintaxe do discurso que é a determinação histórica dos processos de significação” (ORLANDI, 2007, p. 25). Por isso, nos anos 60 a análise de discurso se constitui a partir de uma posição crítica, em relação à noção de leitura, de interpretação, problematizando, assim, a relação do sujeito com o sentido, ou seja, da língua com a história.

A afluência desses acontecimentos propicia a abertura para a existência da disciplina Análise do Discurso, apresentando-se como uma teoria da interpretação, visto que a própria concepção de interpretação é colocada em questão na AD.

### 2.3 INTERPRETAÇÃO

A interpretação tem uma relação fundamental com a materialidade da linguagem, e seu objetivo é entender como os objetos simbólicos produzem sentidos, possibilitando ver a presença do político, do simbólico e do ideológico se constituindo e intervindo no funcionamento da linguagem. Segundo Pêcheux, a ideia de funcionamento supõe a “relação estrutura/acontecimento, articulação do que é da ordem da língua e do que deriva de sua historicidade, relação entre o que, em linguagem, é considerado estável com o que é sujeito a equívoco”. (1988, *apud* ORLANDI, 2001, p. 21).

Em Orlandi (1996), a interpretação é sempre regida por condições de produção específicas. Sob esse prisma, tem-se a impressão de que o sentido é único e verdadeiro. Mais ainda: não se pode excluir do material linguístico o equívoco como fato estrutural implicado pela ordem do simbólico.

Nessa ordem, Orlandi, com base em Pêcheux, diz que todo enunciado, toda sequência de enunciados é “linguisticamente descritível como série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis (para nós, deslizos, efeitos metafóricos)” (ORLANDI, 1996, p. 82). É nesse lugar que se produz o deslize de sentidos, enquanto efeito metafórico, onde língua e história se ligam pelo equívoco. O equívoco, “na instância do sujeito nos permite compreender a relação com o inconsciente, na instância da história nos põe em contato com o como funciona a ideologia: o que está presente por uma ausência necessária” (ORLANDI, 1996, p. 82). Ora, se a interpretação é constitutiva da língua, também é constitutiva do sujeito e do sentido, mas isto não quer dizer que o sujeito é interpretável ou o sentido é interpretável; quer dizer que a interpretação os constitui: a interpretação faz sujeito, a interpretação faz sentido.

Pelo fato de a interpretação não ser livre de determinações, ela não pode ser igualmente distribuída na formação social. E o que garante é a memória sob dois aspectos: “a) a memória institucionalizada, ou seja, o arquivo, o trabalho social da interpretação em que se distingue quem tem e quem não tem direito a ela; e b) a memória constitutiva, ou seja, o interdiscurso, o trabalho histórico da constituição da interpretação (o dizível, o repetível, o saber discursivo)”. (ORLANDI, 1996, p. 67-68).

Em face desse entendimento, entre a memória institucional (arquivo) e os efeitos da memória (interdiscurso), temos, no âmbito da primeira, a repetição congelada, e, no da segunda, a repetição é a possibilidade mesma de o sentido vir a ser outro. Assim, presença e ausência trabalham delimitando o movimento da contradição entre o mesmo e o diferente; entre a paráfrase e a polissemia.

A interpretação entendida por Orlandi (1996), com base em Pêcheux (1969), é um “gesto”, ou seja, é um ato no nível simbólico. Conforme a autora (2003, p. 18), “o gesto de interpretação se dá porque o espaço simbólico é marcado pela incompletude, pela relação com o silêncio. A interpretação é o vestígio do possível. É o lugar próprio da ideologia e é ‘materializada’ pela história”. Isso porque, para Orlandi:

Efetivamente, no momento em que se assume a incompletude da linguagem, sua materialidade discursiva, o gesto de interpretação passa a ser visto como uma relação necessária (embora na maior parte das vezes negada pelo sujeito) e que intervém decisivamente na relação do sujeito como o mundo (natural e social), mesmo que ele não saiba. (ORLANDI, 1996, p. 20).

Partindo do princípio de que há sempre uma interpretação e que não há sentido sem interpretação, há que recriá-lo, mesmo às custas do “sentido” original. Orlandi baseia-se

na afirmação de Pêcheux (1975) de que uma palavra não tem um sentido que lhe é próprio, preso à sua literalidade e nem sentidos deriváveis a partir dessa literalidade (ORLANDI, 1996, p. 21 *apud* PÊCHEUX, 1975). Isto é, o sentido é sempre uma palavra, uma proposição por outra e essa superposição, essa transferência “meta-phora” pela qual elementos significantes passam a se confrontar, de modo que se revestem de um sentido, não poderia ser predeterminada por propriedades da língua. Assim, as proposições recebem seus sentidos das formações discursivas nas quais se inscrevem.

Ainda nas palavras da autora, “o espaço da interpretação é o espaço do possível, da falha, do efeito metafórico, do equívoco, em suma: do trabalho da história e do significante, em outras palavras, do trabalho do sujeito.” (ORLANDI, 1996, p. 22).

Reportando-se a Halliday (1976), Orlandi (2005) retoma o *inteligível* e o *interpretável* e faz uma extensão desses conceitos. Para o primeiro, relaciona ao que se atribui sentido atomizadamente. Para o segundo, por um lado, tem-se o conceito da coerência interna (coesão); por outro, tem-se a coerência externa (consistência de registro), pensando numa dimensão de atribuição de sentidos que se reporta à exterioridade (à coerência externa) e chama-o de *compreensão*.

De um lado, a *inteligibilidade* se refere ao sentido para a língua, isto é, basta saber um idioma para que o enunciado seja inteligível. No entanto, um enunciado pode não ser interpretável, por falta de referenciação anafórica. Isso vem confirmar que o *inteligível* corresponde à significação – codificação. De outro, para que a *interpretação* se estabeleça é necessário pensar o sentido no cotexto e no contexto imediato. A propósito:

O intérprete formula apenas o(s) sentido(s) constituído(s) (o repetível), estando ele (leitor) afetado tanto pela ilusão que produz a eficácia do assujeitamento quanto pela que institui a estabilidade referencial, de que resulta a impressão de que há uma relação direta entre o texto e o que ele significa. Portanto, enquanto intérprete, o leitor apenas *reproduz* o que já está lá produzido. De certa forma podemos dizer que ele não lê, é ‘lido’, uma vez que apenas ‘reflete’ sua posição de leitor na leitura que produz. (ORLANDI, 2005, p. 73).

No entanto, a *compreensão* abrange tanto uma como a outra, ou seja, a *compreensão* é tudo o que produz sentido; além de explicar os processos de significação presente nos textos e como os sentidos se constituem, já que nem o sujeito nem o texto são transparentes e tampouco mantêm uma relação unívoca, termo a termo, quanto à significação. Em consequência, a incompletude é característica desse processo de significação.

Do ponto de vista discursivo, a autora vai além do que Halliday propõe, e explica: a compreensão se instaura no reconhecimento de que o sentido é *sócio-historicamente*

determinado e está ligado à forma-sujeito que, por sua vez, se constitui pela relação com a formação discursiva. “A partir desse reconhecimento, pode-se levar em conta o chamado ‘domínio de saber’, o da constituição do sentido. É ainda através desse reconhecimento, assim caracterizado, que também se pode atingir a produção do efeito de estabilidade referencial, produzido pelo interdiscurso”. (ORLANDI, 2005, p. 73).

Orlandi (2005) vai além do exposto ao dizer que para chegar à compreensão não basta interpretar, é preciso ir ao contexto de situação – imediato e histórico. Interpretar aqui significa pensar que o texto tem um sentido e compreender é perceber que o sentido pode ser outro, dependendo da relação sócio-histórica desse texto com o leitor. Uma vez atingido, pode-se apreciar o lugar em que o leitor se constitui como tal e cumpre seu papel social. Dito de outra forma, é atingir (desconstruir) a relação enunciação/enunciado, formulação/constituição do sentido. É chegar, segundo Orlandi (2005, p. 74), “no domínio em que se elaboram as consequências da ilusão do sujeito às quais nos referimos anteriormente: o assujeitamento e a estabilidade referencial”. E acrescenta que sem teoria não há compreensão, e não há compreensão sem historicidade.

Orlandi (2007) retoma o conceito de interpretação e propõe a construção de um dispositivo da interpretação que tem como característica “colocar o dito em relação ao não dito, o que o sujeito diz em um lugar com o que é dito em outro lugar, o que é dito de um modo com o que é dito de outro, procurando ouvir, naquilo que o sujeito diz, aquilo que ele não diz mas que constitui igualmente os sentidos de suas palavras” (ORLANDI, 2007, p. 59). Esse lugar do outro enunciado é o lugar da interpretação, manifestação do inconsciente e da ideologia na produção dos sentidos e na constituição dos sujeitos. Nesse sentido, o dispositivo deve tornar inteligível os gestos de interpretação, contanto que se liguem aos processos de identificação dos sujeitos, suas filiações de sentido: descrever a relação do sujeito com sua memória.

É possível identificar a não transparência no funcionamento discursivo no Fórum, em que o sujeito participante expõe o seu dizer com base no dizer do outro, manifestando, assim, efeitos de evidência produzidos pela linguagem. Essas evidências permitem que o sujeito produza sua interpretação (mais ou menos individual) com base na proposta do professor, mas é evidente que esse sujeito sofre a pressão social quando o espaço ocupado por ele, naquele momento, é social; e mais, um determinado espaço social em que sua posição de aluno está afetada por esse lugar. De acordo as “autoridades interpretativas”, não é todo mundo que tem direito a interpretar. “Há aqueles que têm direito à interpretação e aqueles que não têm” (ORLANDI, 2001, p. 28). Nesse espaço, em que os acadêmicos interagem, existe

uma relação *dialética* de tensão entre o individual e o social. Mesmo que cada participante tenha sua posição em relação ao tema proposto, o lugar não permite que sua interpretação não coincida com a prática social estabelecida naquele espaço interativo. Isso se comprova no dizer de Orlandi (2001), de que a constituição do sujeito se dá na dinâmica social na qual ele está inserido, influenciado pelas instituições de sua sociedade e pela língua que utiliza.

## 2.4 IDEOLOGIA

A noção de ideologia é re-significada pela Análise do Discurso com base na consideração do funcionamento da linguagem; trata-se de uma definição discursiva de ideologia. Ao dizer que não há sentido sem interpretação, Orlandi (2007) atesta a presença da ideologia, uma vez que, diante de qualquer objeto simbólico, o homem é levado a interpretar. O trabalho da ideologia é produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência.

Para Orlandi (2007, p. 46), a ideologia “é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer”. Citando M. Pêcheux, a autora aponta que a característica comum da ideologia é dissimular sua existência no interior de seu próprio funcionamento, produzindo um conjunto de evidências.

No entanto, Pêcheux entende a ideologia não como as condições que “afetam o sujeito”, mas “nas quais se constitui o sujeito”. E acrescenta, ainda, a necessidade que se tem de trabalhar, além do efeito de evidência do sentido, o efeito do sujeito. No primeiro caso, o sentido de uma palavra dependerá do conjunto de formações discursivas dominante. No segundo, apaga-se o fato de que o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia.

É a partir dessas evidências que funcionam os esquecimentos<sup>5</sup> no discurso, os quais Pêcheux (1995) distingue como esquecimento número um e esquecimento número dois, e traça o modo como o sujeito é subordinado e assujeitado através da relação entre linguagem e mundo. Assim, para que essa relação produza sentido é preciso que o sujeito esteja afetado pela língua e que a história intervenha através do equívoco, da opacidade e da

---

<sup>5</sup> Para melhor compreensão ver seção heterogeneidade(s) enunciativa(s).

representatividade do significante. Além disso, o gesto de interpretação marca a subjetividade e, ao mesmo tempo, descreve a relação da língua com a exterioridade.

Segundo Orlandi (2007), a ideologia pensada como mecanismo estruturante no processo de significação vai ser determinante para constituir os sentidos. Dito de outra forma, o sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas postas em jogo no processo sócio-histórico em que sentenças são produzidas.

Para Orlandi (2007), o discurso precisa do sujeito para existir, uma vez que o sujeito constitui-se ideologicamente, além de estarem materialmente ligados pela língua. A autora esclarece:

A ideologia, [...] é interpretação de sentido em certa direção, direção determinada pela relação da linguagem com a história em seus mecanismos imaginários. A ideologia não é, pois, ocultação mas função da relação necessária entre a linguagem e o mundo. (ORLANDI, 2003, p. 31).

Dessa perspectiva, entende-se que o indivíduo é interpelado através da língua, da história e da ideologia. A partir disso, ele se torna sujeito e o seu dizer assume uma forma subjetiva. Desse modo, o sujeito deve submeter-se à língua e à história para se constituir.

Ao recuperar o que diz Foucault (1969), Orlandi (2007, p. 49) afirma que o sujeito discursivo ocupa uma “posição, não como uma forma de subjetividade, mas um lugar que ocupa para ser sujeito do que diz.”, isto é, é a posição que deve e pode o indivíduo ocupar para se constituir enquanto sujeito.

É por esse viés que Orlandi (2007) reconhece que os sujeitos são intercambiáveis, ou seja, é a posição que o sujeito ocupa em determinada formação discursiva na qual seu dizer vai demarcar um sentido, contanto que a posição do sujeito se torne significativa e lhe seja atribuída uma identidade: de aluno, de trabalhador ou de professor. Além disso, uma vez assumida certa identidade, não há como trocar.

Para Orlandi (2007), o ideológico está ligado a um trabalho de memória e de esquecimento. Por exemplo: para que o dizer possa produzir efeito de literalidade é necessário esquecermos: quem disse “colonização”? quando? onde? e por quê? Dessa maneira, o sentido de colonização produz seus efeitos. Para que o dizer produza seu efeito de literalidade<sup>6</sup> é preciso antes passar pelo anonimato. Por causa disso, o sujeito tem a impressão de que seu dizer é transparente, ou seja, que não há opacidade no seu texto. Nas palavras da autora, “o

---

<sup>6</sup> Igualmente a naturalidade (não se interroga a palavra ou o enunciado).

dizer tem história. Os sentidos não se esgotam no imediato. Tanto é assim que fazem efeitos diferentes para diferentes interlocutores” (ORLANDI, 2007, p. 50).

Orlandi (2007) corrobora a afirmação de C. Haroche (1987) para diferenciar a forma-sujeito religioso da forma-sujeito jurídico. Na forma-sujeito religioso, o sujeito é impossibilitado de escolher, ou seja, há uma subordinação explícita por meio do discurso religioso. No entanto, na forma-sujeito jurídico, o sujeito torna-se proprietário e ainda é responsável por suas escolhas, isto é, tem direitos e deveres: sujeito do capitalismo. A autora acrescenta que “a noção de sujeito-de-direito se distingue de indivíduo. O sujeito-de-direito não é uma entidade psicológica, ele é feito de uma estrutura social bem determinada: sociedade capitalista. Em consequência, há determinação do sujeito, mas há, ao mesmo tempo, processos de individualização do sujeito pelo Estado”. (ORLANDI, 2007, p. 51).

Assim, a autora descreve que o assujeitamento é aquele que mostra o sujeito como livre e responsável. Desse modo, o discurso aparece como instrumento transparente do pensamento e reflexo da realidade. E que, na transparência da linguagem, a ideologia é a responsável por fornecer as evidências que faz desaparecer o material do sentido e do sujeito. Por isso é que se sustenta a noção de literalidade: “o sentido literal, concepção linguística imanente, é aquele que uma palavra tem independentemente de seu uso em qualquer contexto. Daí seu caráter básico, discreto, inerente, abstrato e geral”. (ORLANDI, 2007, p. 51).

Por um lado, o estatuto primitivo da literalidade é o produto histórico, efeito de discurso que sofre determinações dos modos de assujeitamento das diferentes formas-sujeito na sua historicidade e em relação às diferentes formas de poder. Por outro, não há um sentido único, mas um sentido instituído historicamente na relação do sujeito com a língua e que faz parte das condições de produção do discurso.

Nesse sentido, Orlandi (2001, p. 114) afirma que “o discurso é sempre incompleto. A incompletude é o indício da abertura do simbólico, do movimento do sentido e do sujeito, da falha do possível. Acrescenta ainda que o sentido e o sujeito poderiam ser os mesmos, mas escorregam, derivam para outros sentidos, pra outras posições.

Buscaremos neste trabalho, a partir da análise do corpus, identificar a relação entre língua e ideologia dos sujeitos participantes na interação e na construção do conhecimento. A compreensão do funcionamento da ideologia é importante, nesta pesquisa, uma vez que evidencia a não transparência da língua, ou seja, mostra como a língua produz sentidos por/para os envolvidos no processo discursivo do Espaço UnisulVirtual de Aprendizagem.

## 2.5 FORMAÇÃO DISCURSIVA

A noção de formação discursiva (doravante FD) foi introduzida por Foucault (1969) para designar um conjunto de enunciados, diferentes em sua forma, dispersos no tempo, relacionado a um mesmo sistema de regras, historicamente determinado. Na tentativa de contornar as unidades tradicionais como *teoria*, *ideologia*, e *ciência*, ele afirma:

No caso em que se puder descrever entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade [...] evitando, assim, palavras demasiadas carregadas de condições e consequências, inadequadas, aliás, para designar semelhante dispersão, tais como ciência, ou ideologia, ou teoria, ou domínio de objetividade, chamaremos de regras de formação as condições a que estão submetidos os elementos dessa repartição (objetos, modalidade de enunciação, conceitos, escolhas temáticas). (FOUCAULT, 1969, p. 53).

Assim, as regras de formação constituem as condições de existência em uma dada repartição discursiva. Foucault (2004, p. 12) ensina que “o estabelecimento do sentido de verdade é fruto de um processo coercitivo e produtor de efeitos regulamentados de poder”. Isso quer dizer que o sujeito tem a ilusão de controlar a origem de seu discurso, uma vez que não se dá conta de que o determinante dos sentidos desse discurso é a história, que se manifesta através de diferentes formações discursivas nas quais se inscreve e das quais não pode privar-se. Desse modo, o próprio sujeito, os sentidos de seus discursos, o dizível e o não dizível são determinados pelas formações discursivas que se realizam através de memórias discursivas próprias às diversas posições desse sujeito.

Com Foucault, as discussões em torno das diferentes formações discursivas equivalem à representação imaginária dos lugares sociais de um sujeito, ou seja, sua relação social. Pêcheux (1995), considerando a divisão de classes, introduziu essa noção na análise do discurso, enfatizando que as formações discursivas devem existir historicamente no interior das relações de classes sociais. É preciso que o sujeito esteja inserido em dada posição histórico-ideológica para que se estabeleça o que pode e deve ser dito. Para o referido autor (1995), “uma FD pode fornecer elementos que se integram em novas FDs que se constituem no interior de relações ideológicas (exterioridade constitutiva), que, por sua vez, põe em jogo novas formações ideológicas”. (PÊCHEUX, 1995, p. 160).

Com relação ao objeto que interessa à análise do discurso, Pêcheux (1980, p. 97), entende por formações discursivas “um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço que definiram em uma época dada, e para uma área social, econômica, geográfica ou linguística dada, as condições de exercício da função enunciativa”.

Embora se considere(m) a(s) heterogeneidade(s) um dado constitutivo da FD, admite-se, por outro lado, que a relação com a alteridade não se dá de maneira aleatória, pois, ainda nas palavras de Pêcheux (1997, p. 118), “num dado momento, uma formação discursiva é associável a certos trajetos interdiscursivos e não a outros, e isto faz parte integrante de sua especificidade”. Desse modo, observam-se as diferenças na relação entre a constituição e a formulação, por estarem constituídas em caráter particular.

Orlandi (1999) define formação discursiva como “aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito” (Orlandi, 1999, p. 42). Além disso, a autora (2001, p. 94) afirma que “a noção de formação discursiva permite-nos observar – e qualificar – as diferenças produzidas na textualização do discurso”. Ou ainda, para Furlanetto (2003), é através das formações discursivas, não estabelecidas de uma vez por todas, que se pode reconhecer, nos textos, o cruzamento de vários discursos e, ao mesmo tempo, a dominância de um discurso.

Na perspectiva de Orlandi (2001, p. 115), “todo texto é heterogêneo do ponto de vista de sua constituição discursiva: ele é atravessado por diferentes formações discursivas, ele é afetado por diferentes posições do sujeito, em sua relação desigual e contraditória com os sentidos, com o político, com a ideologia”. Ou seja, as posições do sujeito em função do interdiscurso são orientadas por diferentes formações discursivas, uma vez que o interdiscurso determina e significa o saber discursivo.

No tangente à noção de FD podem ser observadas peculiaridades inerentes a partir da formulação proposta pelos autores, estando longe, desse modo, um fechamento desse conceito.

Na análise do corpus deste trabalho, há duas formações discursivas em debate. A UnisulVirtual representa a instituição formadora que é vista aqui como Formação discursiva (FDx), enquanto os acadêmicos representam a outra formação discursiva (FDz). Nesse caso, são duas formações discursivas envolvidas no processo de construção do conhecimento, em que cada FD irá definir o lugar enunciativo de cada sujeito. O lugar ocupado pela instituição e pelos alunos é regulado por práticas históricas e sociais que demarcam no imaginário social o

lugar definido para cada sujeito, o seu lugar e suas condições de fala. Isto é, a FDx vai determinar o que a FDz pode e deve dizer.

## 2.6 INTERDISCURSO: MEMÓRIA DISCURSIVA

Ao recuperar o que diz Pêcheux (1969), Orlandi (2003) considera que quando se fala algo, esse algo vem de algum lugar já dito anteriormente por alguém produzindo significantes, e como estes não são soltos, eles se concretizam na historicidade e ocupam determinado lugar na medida em que o discurso permeia o texto, uma vez que o texto projeta diferentes formações discursivas e diferentes posições do sujeito.

Nos trabalhos apresentados na sessão temática “Papel da memória” (1983)<sup>7</sup>, Pêcheux compreende a memória não no sentido diretamente psicologista da ‘memória individual’, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas e da memória construída do historiador (PÊCHEUX, 1999, p. 50). Para nosso estudo focalizamos as reflexões de Achard e Pêcheux no que concerne à memória na perspectiva do discurso.

Achard (1999), ao analisar a construção discursiva do sentido e o funcionamento dos implícitos, mostra que a memória não pode ser provada, não pode ser deduzida de um corpus, ainda que ela só trabalhe ao ser reenquadrada por formulações no discurso concreto. Do ponto de vista discursivo, o autor afirma que o implícito “trabalha então sobre a base de um imaginário que o representa como memorizado, enquanto cada discurso, ao pressupô-lo, vai fazer apelo a sua (re)construção, sob a restrição ‘no vazio’ de que eles respeitem as formas que permitem sua inserção por paráfrase”. (ACHARD, 1999, p. 13).

Achard (1999) considera que os manuais escolares<sup>8</sup>, pelo fato de estarem ao nível dos próprios implícitos, é que constituem uma vulgata<sup>9</sup> em relação a textos mais elaborados, e

---

<sup>7</sup> Estavam com Pêcheux (1983), na Escola Normal Superior de Paris, Pierre Achard – sociolinguista e analista de discurso; Jean Davallon – semiótico e sociosemiótico; Jean-Louis Durand – semiótico interessado nas práticas memoriais da Grécia Clássica. Esses teóricos, em suas respectivas áreas de estudo, procuram refletir/problematizar, de uma forma ou de outra, o papel da memória: O que é produzir memória? Como a memória se institui? De que modo os acontecimentos – históricos, midiáticos, culturais – são inscritos ou não na memória? O encontro tem como eixo central a relação entre língua e história. A memória é também enfocada sob diferentes aspectos: lembrança, memória social ou coletiva, memória institucional, memória mitológica, memória registrada, memória do historiador.

estão sujeitos à crítica ao apresentarem variações consideráveis de um a outro. Ainda para o autor “eles constituem a ilustração do fato de que enquanto um registro discursivo supõe uma vulgata para funcionar, a tentativa de esclarecimento, de explicitação desta vulgata, jamais ‘contém’ o que seria necessário para funcionar na retomada, e constitui na melhor das hipóteses uma primeira retomada da vulgata” (ACHARD, 1999, p. 13). E acrescenta: (1999, p. 15) “a hipótese de uma construção discursiva do sentido é certamente discutível, mas parece frutífera, pela abertura às práticas que podemos estudar ao nível da dialética entre repetição e regularização”, isto é, efeito reforçado, sobretudo pela existência de vários registros articulados nos discursos reais.

A regularização se ampara sobre o reconhecimento do que é repetido. Por outro lado, uma vez reconhecida essa repetição, tornam-se necessários determinados procedimentos para que se estabeleçam os deslocamentos, as comparações e as relações contextuais. Achard (1999, p. 16) coloca que o papel de memória discursiva está relacionado “as valorizações diferentes, em termos, por exemplo, de familiaridade ou de ligação a situações, atribuídas às paráfrases, que entretêm então, graças ao processo controlado de derivação, relações reguladas com o atestado”.

Achard (1999) propõe um modelo de trabalho para o analista, que tenta dar conta do fato de que a memória suposta pelo discurso é sempre reconstruída na enunciação. A enunciação, por sua vez, deve ser retomada, bem como a circulação do discurso, levando em consideração que o texto se efetiva através de um contexto social.

É por esse viés que nossa análise do corpus se sustenta, por fazerem parte das formações discursivas o interdiscurso e a memória discursiva. E como, são elementos constitutivos das condições de produção de um texto, são indispensáveis para analisá-lo. No dizer de Achard (1999), a memória suposta pelo discurso é sempre reconstruída na enunciação; podemos, assim, relacionar com o funcionamento discursivo no Fórum, em que o sujeito-acadêmico, através da enunciação do outro, (re)formula o seu enunciado e pouco a pouco vai colocando o dito e, em consequência, rejeita o não-dito. Todavia, por se constituir num ambiente virtual de aprendizagem, esse enunciado permite a repetição do mesmo de modo que se diferencia, isto é, dá abertura para outros sentidos, possibilitando assim o confronto entre processos parafrásticos e processos polissêmicos. É nesse jogo de linguagem

---

<sup>8</sup> Textos publicados em *Historie et Linguistique* (1984) por Pierre Achard, Max-Peter Gruenais, Dolores Jaulin.

<sup>9</sup> Repetição do mesmo, que se diferencia. Ou ainda, as gramáticas também podem ser vistas como “vulgata” em relação aos usos elaborados de uma língua.

que se produzem os sentidos – daquilo que “supostamente” esquecemos e que a partir da ideologia e do inconsciente (re) construímos.

Nesse sentido, Orlandi afirma que é inevitável a dispersão das ciências humanas e sociais, porque são afetadas necessariamente pela incompletude própria ao sujeito e à linguagem. Daí considerarmos que todo o funcionamento da linguagem se assenta na tensão entre processos parafrásticos e processos polissêmicos. Ambos são “tratados nos limites moventes e tensos entre a paráfrase e a polissemia, sendo que os dois eixos que sustentam o funcionamento da linguagem e que constituem o movimento contínuo da significação entre a repetição e a diferença” (ORLANDI, 2001, p. 20).

Em Pêcheux (1999, p. 53), “a repetição é antes de tudo um efeito material que funda comutações e variações, e assegura – sobretudo ao nível da frase escrita – o espaço de estabilidade de uma vulgata parafrástica produzida por recorrência, quer dizer, por repetição literal dessa identidade material”. Ainda para ele, os implícitos não são mais reconstrutíveis, é provavelmente o que compele cada vez mais a análise de discurso a se distanciar das evidências da proposição e da estabilidade parafrástica. Desse modo, torna-se necessário buscar a significação ou suas condições implícitas de interpretação.

Para Pêcheux (1999), há duas contradições no processo de inscrição do acontecimento no espaço da memória: o acontecimento que não chega a se inscrever; o acontecimento que é absorvido na memória – como se não tivesse ocorrido. A memória discursiva seria o que na superfície de um texto surge como acontecimento e vem restabelecer os implícitos – os pré-construídos, os elementos citados, entre outros – ou seja, tudo o que é possível à leitura, tudo o que é legível.

Em suas indagações acerca dos implícitos, a questão de Pêcheux “é saber onde residem esses famosos implícitos, que estão ‘ausentes por sua presença’ na leitura da sequência: estão eles disponíveis na memória discursiva como um fundo de gaveta, um registro do oculto?”. Para o autor, os implícitos residiriam nas regularizações<sup>10</sup>, sob a forma de remissões, de retomadas e de efeitos de paráfrase – construção dos estereótipos. Segundo Pêcheux (1999), “o acontecimento discursivo pode desmanchar essa regularização e produzir retrospectivamente uma nova série sob a primeira”. Em outras palavras, o acontecimento transfere e desregula os implícitos que fazem parte do sistema de regularização anterior. (PÊCHEUX, 1999, p. 52).

---

<sup>10</sup> Termo introduzido por P. Achard.

Pêcheux (1999) acrescenta que a memória não restabelece as expressões estereotipadas na língua advinda no passado, mas por situação verossímil conforme o que é reconstruído através de paráfrase. Por assim dizer, essas considerações transferem o estatuto do que é plausível historicamente, em razão de estar no mesmo nível, o que permite a retomada. A memória suposta pelo discurso é sempre reconstruída na enunciação. A enunciação, nesse caso, deve ser tomada não como advinda do locutor, mas como operações que regulam a retomada e a circulação do discurso.

Além disso, Pêcheux (1999) não dissocia memória do histórico e do político. E o fato de que exista assim o outro interno em toda memória é, na concepção do autor, a marca do real histórico como remissão necessária ao outro exterior. Na visão do autor, a memória estará sempre no âmbito de que não existe uma verdade absoluta, levando em consideração os vários conceitos atribuídos pelos diversos autores.

Na concepção de Orlandi (1999, p. 64), “A memória – o interdiscurso como definimos na análise de discurso – é o saber discursivo que faz com que, ao falarmos, nossas palavras façam sentido. Ela se constitui pelo já-dito que possibilita todo dizer”. Ainda em relação à memória e ao discurso, ao falar da história e de política Orlandi (1999, p. 59) afirma que “não há como não considerar o fato de que a memória é feita de esquecimentos, de silêncios. De sentidos não ditos, como também, de sentidos a não dizer, mais ainda, de silêncios e de silenciamentos”. Para a autora (1999), tanto os sentidos se constroem com limites quanto os limites são construídos com sentidos.

## 2.7 HETEROGENEIDADE(S) ENUNCIATIVA(S)

Orlandi (2007) retoma as duas formas de esquecimento no discurso tal como propõe Pêcheux (1995): esquecimento número um e esquecimento número dois. O primeiro é entendido como *esquecimento ideológico*, no qual o sujeito tem ilusão de ser a origem do que diz, quando, na realidade, retoma sentidos pré-existentes, isto é, o sujeito inconscientemente esquece que seu dizer é afetado ideologicamente. O segundo é compreendido como *esquecimento enunciativo* – da ordem da enunciação – nesse esquecimento o sujeito tem a impressão de que o que diz só pode ser dito de uma forma e não de outra, e assim, formam-se famílias parafrásticas, para melhor especificar o que diz.

Além disso, Orlandi (2007) acrescenta que o *esquecimento é estruturante*, por considerar uma nuance entre as duas formas, de modo que é parte fundamental para a constituição dos sujeitos e dos sentidos, uma vez que é necessário que a língua se inscreva na história para significar. Desse modo, a condição inalienável para a subjetividade é a língua, a história e o mecanismo ideológico pelo qual o sujeito se constitui.

Nesse sentido, percebe-se no corpus deste trabalho que os participantes não se posicionam como racistas, e isso não quer dizer que eles não se reconhecem como racistas (se considerarmos os comentários postados), mas na posição de sujeito-acadêmico não é permitido posicionar-se como racista. Isto é, o enunciado só pode ser dito “daquela” forma, por se constituir dentro de um espaço educacional. Além disso, o sujeito tem a ilusão de ser a origem do seu dizer. Assim, no desenrolar da interação os enunciados postados vão significando-se pela história e pela língua, uma vez que os enunciados remetem a uma memória da qual o analista não detém o controle, ou seja, é construída ao longo de sua formação social.

A partir do que categoriza Pêcheux como *esquecimento ideológico e esquecimento enunciativo*, Authier-Revuz (1990) trabalha com um conjunto de formas que chama de *heterogeneidade constitutiva e heterogeneidade mostrada*. Para a referida autora, esses conjuntos de formas não necessariamente estão ancorados no exterior da linguística, as concepções do sujeito emergem de sua relação com a linguagem. De fato, quando se trata do domínio como o da enunciação, o exterior inevitavelmente retorna implicitamente ao interior da descrição sob a forma das evidências, deixando-se afetar profundamente pelos sujeitos falantes, isto é, em conformidade com a prática de linguagem. Mas é em relação a esse exterior à linguística que Authier-Revuz mostra a irredutibilidade e a articulação dos dois planos. Além disso, traz a descrição da heterogeneidade mostrada como formas linguísticas de representação de diferentes modos de negociação do sujeito falante com a heterogeneidade constitutiva do seu discurso.

Por um lado, Authier-Revuz apresenta as formas marcadas da heterogeneidade mostrada que se configuram por formas concretas de representação da enunciação, e que é acessível aos aparelhos linguísticos. Nas formas marcadas encontram-se: a *autonímia simples* – discurso relatado direto; *conotação autonímica* – elemento colocado entre aspas, itálicos, glosas, ou, ainda, elementos que não são assinalados por aspas ou itálico. Todavia, esses elementos deixam pistas recuperáveis na superfície do discurso; se altera a unicidade aparente da cadeia discursiva; marca o ‘eu’ no fio condutor do discurso. Por outro lado, a autora apresenta as não marcadas, “o discurso indireto livre, ironia, metáforas, jogos de palavras,

[...], representam, pelo continuum, a incerteza que caracteriza a referência ao outro, uma forma de negociação com a heterogeneidade constitutiva”. (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 34).

A outra forma de heterogeneidade, que a referida autora chama de heterogeneidade constitutiva do sujeito e do seu discurso, joga com a diluição (dispersão) e atua através de forças centrífugas. Trabalha com a exterioridade interna ao sujeito e ao discurso. Além disso, a heterogeneidade constitutiva não está na organização do discurso, mas no interdiscurso, que é a parte constituinte, ou seja, é mais amplo do que a formação discursiva, e é preciso o interdiscurso para produzir o intradiscurso.

Na análise das postagens que compõem o corpus desta pesquisa podemos dizer que o sujeito-acadêmico expõe-se a efeitos de sentido em relação ao tema proposto no lugar/Fórum como prática discursiva. Os participantes se mostram através das marcas explícitas de heterogeneidade, marcam-se no texto por meio do discurso direto, da conotação autonímica, que Authier-Revuz chama de formas marcadas da heterogeneidade mostrada. Além disso, interessa-nos também o conceito de heterogeneidade constitutiva, uma vez que o material analisado aponta para o interdiscurso quando o sujeito traz para seu discurso outros dizeres já pré-existentes.

A autora afirma que “as heterogeneidades constitutiva e mostrada do discurso representam duas ordens de realidade diferentes: a dos processos reais de constituição dum discurso e a de processos não menos reais, de representação, num discurso, de sua constituição”. No campo da enunciação, estão em jogo de maneira solidária esses dois planos distintos, não se pode dividir, mas se pode articular.

A partir do que Authier-Revuz considera sobre a heterogeneidade constitutiva, Maingueneau (2008), nessa perspectiva, aprofunda-se no conceito do primado do interdiscurso e o coloca numa relação inseparável entre o *Mesmo do discurso e seu Outro*. O propósito do autor é substituí-lo por uma tríade: *universo discursivo, campo discursivo, espaço discursivo*. Para o primeiro, compreende como conjunto de formações discursivas de todos os tipos que interagem numa conjuntura dada. Para o segundo, entende que o sujeito está inserido dentro de certa formação discursiva que, por sua vez, posiciona-se dentro de um campo discursivo, seja movimento literário, partido político etc. Por último, entende os conjuntos de formação discursiva que se encontram em concorrência, delimitam-se reciprocamente em determinada região do *universo discursivo*; de modo que a concorrência deve ser “entendida da maneira mais ampla, ela inclui tanto o confronto aberto quanto a aliança, a neutralidade aparente etc... entre discursos que possuem a mesma função social e

divergem sobre o modo pelo qual ela deve ser preenchida”. Trata-se do campo político, filosófico, dramaturgico, gramatical. (MAINGUENEAU, 2008, p. 34).

O autor entende que tais campos não possuem nada de evidente, e acrescenta que é no interior do *campo discursivo* que se constitui um discurso. Isso não quer dizer que um discurso se constitui da mesma forma com todos os discursos desse campo, uma vez que se dá em razão de sua evidente heterogeneidade.

Maingueneau (2008) supõe que a relação constitutiva seja marcada apenas por poucos índices na superfície discursiva e julga pertinentes os fundamentos semânticos do discurso. Para ele, reconhecer esse tipo de primado do interdiscurso é provocar “a construir um sistema no qual a definição da rede semântica que circunscreve a especificidade de um discurso coincide com a definição das relações desse discurso com seu Outro<sup>11</sup>”. (MAINGUENEAU, 2008, p. 35-36). Mas entende que o Outro não deve ser pensado como uma espécie de “invólucro” do discurso:

No *espaço discursivo*, o Outro não é nem um fragmento localizável, uma citação, nem uma entidade externa; não é necessário que ele seja localizável por alguma ruptura da compacidade do discurso. Ele se encontra na raiz de um Mesmo sempre já descentrado em relação a si próprio, que não é em momento algum passível de ser considerado sob a figura de uma plenitude autônoma. (MAINGUENEAU, 2008, p. 36-37). (Grifos nosso).

Em outras palavras, é necessário que o discurso rejeite uma parte do sentido para poder constituir a própria identidade. Por isso, resulta daí “*o caráter essencialmente dialógico de todo enunciado do discurso*, e impossibilita dissociar a influência recíproca dos discursos do funcionamento intradiscursivo. Essa imbricação do Mesmo e do Outro retira à coerência semântica das formações discursivas todo caráter de ‘essência’”. (MAINGUENEAU, 2008, p. 37). Para o autor, não é, necessariamente, da história que a formação discursiva concede o princípio de sua unidade, mas de um conflito que se move regularmente.

Além da distinção entre heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva, o referido autor (2008) aponta a relação com o Outro independentemente de qualquer forma de alteridade marcada, e contempla no Outro um *eu* do qual o enunciador discursivo deveria constantemente separar-se. Isto é, aquele que está *interdito* em um discurso – não pode ser dito.

Maingueneau (2008) evidencia a falta de proporção entre os protagonistas do *espaço discursivo* e categoriza cronologicamente que o discurso segundo – *campo discursivo*

– constitui-se através do discurso primeiro – *universo discursivo* – e afirma que esse discurso primeiro é o Outro do discurso segundo, mas que o inverso não é possível. Ainda para o autor, “se o discurso segundo não tem mais nada a ver com o discurso primeiro, nem por isso ele necessariamente deixa de ter relação com as estruturas semânticas correspondentes, nas quais continuará a ler a figura de seu Outro”. (MAINGUENEAU, 2008, p. 41).

## 2.8 DISCURSO PEDAGÓGICO

Dando continuidade ao atravessamento de conceitos teóricos dos quais se formou a AD, segundo Orlandi (2003), todo discurso nasce de outro discurso e reenvia a outro, porquanto não se pode falar em discurso como mera transmissão de informação, mas deve-se considerá-lo como efeito de sentido, isto é, o processo que reúne o eu e o outro. Para ter sentido, esse processo discursivo deve pertencer a uma formação discursiva que também faz parte de determinada formação ideológica.

Nesse sentido, focaremos o funcionamento discursivo a partir das materialidades linguísticas constitutivas das postagens na ferramenta Fórum. Fundamentada no conceito do discurso pedagógico (DP) tal como propõe Orlandi (2003), vamos identificar as características do DP, considerando a relação de interação professor-aluno e aluno-aluno nesse ambiente virtual de aprendizagem.

Para o discurso pedagógico, a definição de Orlandi (2003) vai além da neutralidade, vinculando-o a três tipos de discurso em seu funcionamento: o lúdico, o polêmico e o autoritário. Quanto aos critérios estabelecidos para a distinção dos três tipos de discurso, a autora parte do pressuposto de que é necessário tomar como base o referente, neste caso o objeto do discurso, e os participantes discursivos. Além disso, a autora (2003) define o DP “como um discurso circular, isto é, um dizer institucionalizado, sobre as coisas, que se garante, garantindo a instituição em que se origina e para a qual tende: a escola”. Ainda nas palavras da autora, o discurso pedagógico pode ser caracterizado através do percurso da comunicação pedagógica, no qual estão contidos elementos como o professor, o aluno, o referente e a escola.

---

<sup>11</sup> Não entende aqui o Outro lacaniano.

Para compreender o que é discurso pedagógico, é preciso depreender o que são condições de produção. Orlandi (2007, p. 30) explica que “elas compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação”. A referida autora considera, entretanto, que há dois sentidos: imediato e amplo. O primeiro se constitui entre os participantes do processo discursivo e nesse caso se pode vincular a imagem do professor e a imagem do aluno. O contexto amplo é o que representa e organiza o poder, no caso a universidade, aqui vista como aquela que exerce o poder e elege seus representantes, distribuindo posições de mando e obediência. É com base nesses sentidos que entra a história, a produção de acontecimentos, que por sua vez é afetada pela ideologia e pela memória<sup>12</sup>.

Em nossa pesquisa, considerando as condições de produção que fundamentalmente abrangem tanto os sujeitos quanto as circunstâncias da enunciação, encontra-se, de um lado, o contexto estrito – o lugar em que o sujeito estabelece sua força no dizer. Cabe aqui ressaltar que o lugar fala com/ao sujeito, isto é, o lugar determina o dizer, é o caso do lugar/Fórum, em que o sujeito se expõe e interage como acadêmico. De outro, tem-se o contexto sócio-histórico – determina e controla o dizer – é o caso da UnisulVirtual, instância reguladora que atua pelo prestígio da legitimidade e pelo seu discurso.

De acordo, então, com a dinâmica das condições de produção, Orlandi (2003) parte da suposição de que o discurso pedagógico se insere na categoria do “autoritário”, por estar caracterizado pela polissemia contida:

[...] no discurso lúdico, há a expansão da polissemia, pois o referente do discurso está exposto à presença dos interlocutores; no polêmico, a polissemia é controlada, uma vez que os interlocutores procuram direcionar, cada um por si, o referente do discurso; e, finalmente, no discurso autoritário há a contenção da polissemia, já que o agente do discurso se pretende único e oculta o referente pelo dizer. (ORLANDI, 2003, p. 29).

Como um discurso autoritário, o DP pode ser considerado um discurso de poder e por isso sem nenhuma neutralidade. Sob o propósito da autoridade, as posições de sujeito manifestam-se pré-determinadas obedecendo a uma hierarquia: o professor está na posição do sujeito que sabe, portanto pode ensinar ou inculcar o referente, e o objeto a ser ensinado ao aluno, visto como aquele que não sabe, que deve aprender; e finalmente, mas não menos importante, a escola, vista como um aparelho ideológico do Estado.

---

<sup>12</sup> “A memória, por sua vez, tem suas características, quando pensada em relação ao discurso. E, nessa perspectiva, ela é tratada como interdiscurso. Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva” (ORLANDI, 2007, p. 31).

O que nos interessa neste trabalho é refletir sobre o funcionamento discursivo no Fórum. Como sabemos, as condições de produção abrangem tanto os sujeitos quanto as circunstâncias da enunciação, por isso, percebe-se que o discurso que se materializa na/pela ferramenta Fórum parece não operar do mesmo modo que o discurso pedagógico, em que a transmissão/reprodução do conhecimento científico é posta sob dois aspectos: a metalinguagem e a apropriação do cientista feita pelo professor.

Orlandi (2003, p. 30) enfatiza que “através da metalinguagem estabelece-se o estatuto científico do saber que se opõe ao senso comum, isto é, constrói-se com a metalinguagem o domínio da objetividade do sistema”. A metalinguagem consiste na exclusão dos fatos, as definições são rígidas, há cortes polissêmicos. O que se explica “é a razão do *é-porque-é* e não a razão do objeto de estudo”. (ORLANDI, 2003, p. 30).

Ao se apropriar do cientista, o professor, segundo a autora (2003), confunde-se com ele sem se mostrar como voz mediadora. É no espaço institucional que se apaga o modo pelo qual se faz a apropriação do conhecimento do cientista. Com isso, a legitimidade conferida à fala do professor não é somente dada pelo fato de ele apropriar-se do cientista, mas pelo fato de ocupar uma posição de autoridade na instituição que o legitima.

Por essa perspectiva, observa-se que na ferramenta Fórum a produção/transmissão/reprodução do conhecimento científico se dá na interação entre os envolvidos (aluno-aluno, aluno-professor-aluno) no processo discursivo. Além de favorecer ao sujeito-acadêmico tomar uma posição de gerenciador do conhecimento/saber, diferentemente do modo como se enquadra o sujeito como “aquele que não sabe, deve aprender”, conforme propõe o discurso autoritário. Também se percebe que o professor não detém o conhecimento, pois ocupa uma posição de mediador do conhecimento ao aluno, diferentemente do discurso autoritário em que o professor se apropria do saber do cientista e o transmite ao aluno; o aluno, por sua vez, se apropria do saber transmitido pelo professor, o que resulta na paráfrase<sup>13</sup>. Nesse sentido, nota-se que na interação do Fórum há o deslizamento da apropriação, pelo professor, do discurso científico para a produção do conhecimento a partir de jogos de dizeres entre aluno-aluno.

O discurso pedagógico tende à homogeneização. Segundo Orlandi (2003, p. 20), “a homogeneidade é criada a partir da instituição. É no espaço da instituição que o

---

<sup>13</sup> “Os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer” (ORLANDI, 2003, p. 36).

conhecimento é homogêneo”. Ora, se o professor repete a fala do cientista, e o aluno repete a fala do professor, esse saber é homogeneizado; em outras palavras, um saber legitimado.

Pensar com base nessa conjuntura nos faz refletir acerca da formulação do DP proposto por Orlandi (2003, p. 30), ao afirmar que o sistema de ensino “é essa fragmentação toda em que o conceito de unidade cede lugar ao de homogeneidade”. Isto é, a homogeneidade é criada a partir da instituição, que torna o conhecimento homogêneo. Não se trata, portanto, segundo a autora (2003), da explicação dos fatos, mas de determinar a perspectiva de onde devem ser vistos e ditos. Na ferramenta Fórum, a formulação/construção do conhecimento não ocorre dessa forma, embora a proposta apresentada pelo professor possa conduzir a uma única definição; no desenrolar da interação, o que se encontra não são definições rígidas do referente nem conclusões exclusivas. De fato, o que se encontra é o conhecimento direcionado para a heterogeneidade. Isto é, mesmo o conhecimento constituindo-se dentro de um espaço legitimado – fórum – não significa que o saber se torna óbvio, até porque não se instaura, nesse ambiente, a voz do saber na fala do professor, todavia, possibilita a abertura para outros dizeres, e com isso, outros sentidos vão se constituindo no processo de ensino-aprendizagem.

Em relação aos recursos didáticos vistos como motivação para aprendizagem, na perspectiva da autora há um mascaramento do ato de interrogar e de ordenar ao aluno que aprenda. Isso sugere que o DP se inscreve em uma relação profundamente assimétrica, pois, ao se erguer, a “voz da sabedoria” silencia a voz do aprendiz, já que a primeira é legitimada pela ideologia da escola, como bem observa Foucault (2004, p. 7), em sua “A ordem do discurso”, ao simular um diálogo entre o locutor e a instituição que o legitima. Na análise do corpus pode-se observar que a relação aluno-professor-aluno escapa da relação assimétrica porque o aprendiz – aluno – conduz o processo de ensino-aprendizagem, cabendo ao professor mediar o processo.

Desta maneira, o rótulo “autoritário”, que Orlandi confere ao DP, pode justificar-se na medida em que este se apresenta como um discurso institucional. Assim, a imbricação polifônica entre os termos dizer e saber é “o que autoriza o aluno, a partir de seu contato com o professor, no espaço escolar, na aquisição da metalinguagem, a dizer que sabe: isso se chama escolarização” (ORLANDI, 2003, p. 31).

## 2.9 ETHOS DISCURSIVO E CENA DA ENUNCIACÃO

Tomaremos o conceito de *ethos* por ocupar nos anos 80 um lugar na reflexão sobre o discurso. O próprio Maingueneau (2008) propõe uma teoria de *ethos* em um quadro da análise do discurso. A razão de *ethos* provocar interesse está em consonância com o domínio das mídias audiovisuais<sup>14</sup>: com elas, o centro de interesse deslocou-se das doutrinas e dos aparelhos que lhes estavam ligados para a apresentação de si.

Maingueneau (2008) retoma a Retórica de Aristóteles, cuja técnica reside em examinar não o que é persuasivo para este ou aquele indivíduo, mas para este ou aquele tipo de indivíduos. A prova pelo *ethos* consiste em causar boa impressão, pelo modo como o enunciador constrói o discurso para dar uma imagem de si capaz de convencer o auditório, ganhando sua confiança. O destinatário deve, assim, atribuir certas propriedades à instância que é posta como a fonte do evento enunciativo.

Fundamentado nos preceitos da Retórica, o *ethos* é um objeto que não está diretamente presente no texto, mas em toda cena que produz texto, conferindo, numa instância subjetiva, um tom de autoridade ao que é dito. Esse formato permite ao leitor construir uma representação, identidade do corpo do enunciador que, nas palavras do autor, torna-se um fiador do que é dito.

Na retórica aristotélica o *ethos* intervém de duas formas. Na primeira, como afirma Maingueneau (2008, p. 57), “persuade pelo caráter (*ethos*) quando o discurso é considerado de forma a tornar o orador digno de fé”. Na segunda, “a questão de *ethos* está ligada à construção da identidade. Cada tomada da palavra implica, ao mesmo tempo, levar em conta representações que os parceiros fazem um do outro e a estratégia de fala de um locutor que orienta o discurso de forma a sugerir através dele certa identidade”. Assim, ter-se-ia o *ethos* retórico. (MAINGUENEAU, 2008, p. 59-60).

Duas razões levaram Maingueneau a recorrer à noção de *ethos*:

[...] seu laço crucial com a reflexividade enunciativa e a relação entre corpo e discurso que ela implica. É insuficiente ver a instância subjetiva que se manifesta por meio do discurso apenas como estatuto ou papel. Ela se manifesta também como “voz” e, além disso, como “corpo enunciante”, historicamente especificado e inscrito em uma situação, que sua enunciação ao mesmo tempo pressupõe e valida progressivamente. (MAINGUENEAU, 2005, p. 70).

---

<sup>14</sup> Com relação ao termo ‘midialogia’ Régis Debray, teorizou o fenômeno ‘look’. Consultar no livro Curso de Midialogia Geral. Petrópolis. Vozes. 1991.

Para Maingueneau (2008), é preciso que o *ethos* tenha sua especificidade, para remeter à figura de um fiador que por meio da fala, implícita no texto, se dá uma identidade que constrói no enunciado. Esse autor afirma que o *ethos* é um elemento pertencente e evidente nos textos publicitários, objetivando "encarnar", por meio da sua própria enunciação, aquilo que propõe evocar. O *ethos* mobiliza tudo o que, na enunciação discursiva, contribui para emitir uma imagem positiva de quem fala (ou escreve) para quem escuta (ou lê).

Trazendo para a análise do corpus a noção de *ethos* tal como propõe Maingueneau (2008), observa-se nas postagens no Fórum um discurso que produz uma imagem com valores sociais e éticos de locutor agradável, ligado a valores humanos; colocando sempre os pontos negativos nos outros, desloca o “eu” e coloca o “outro” como responsável por seu dizer – no Brasil, no povo, na sociedade, no governo, nunca se assumindo como racista. O sujeito-acadêmico busca também, através das participações dos colegas, a confiança, argumentando com base no dizer do “outro”. Esses valores são construídos a partir do lugar que ocupa, uma vez que já é legitimado. Além disso, a imagem deve responder às necessidades de seu auditório, que vai incorporar e legitimar o lugar do orador/locutor num *ethos* produzido no e pelo discurso.

Maingueneau (2008) explica que não se trata de uma representação estática e bem delimitada, mas de uma forma dinâmica, construída pelo destinatário por meio do próprio movimento da fala do locutor. O *ethos* não age em primeiro plano, mas de maneira lateral, implica uma experiência sensível do discurso, mobiliza a afetividade do destinatário.

Ainda para Maingueneau (2008), mesmo que o destinatário não saiba nada antecipadamente sobre o *ethos* do locutor, pelo simples fato de um texto pertencer a um gênero de discurso ou a certo posicionamento ideológico destinatário tem expectativas em matéria de *ethos*. Além disso, a noção de *ethos* remete a coisas muito diferentes conforme seja considerada do ponto de vista do locutor ou do destinatário: o *ethos* visado não é necessariamente o *ethos* produzido. E cita, como exemplo: um professor que queira passar uma imagem de sério pode ser percebido como monótono; um político que queira suscitar a imagem de um indivíduo aberto e simpático pode ser percebido como demagogo.

Para Auchlin (2001, *apud* MAINGUENEAU, 2008) a própria concepção de *ethos* está suscetível a amplas zonas de variação, como, por exemplo:

- o *ethos* pode ser compreendido como *mais ou menos carnal, concreto ou mais ou menos ‘abstrato’* – caráter, retrato moral, costumes oratórios, atitude;

- o *ethos* pode ser concebido como *mais ou menos axiológico* – homem do bem, estimado, merecedor;
- o *ethos* pode ser compreendido como *mais ou menos saliente, manifesto, singular ou coletivo, partilhado, implícito ou visível* – a maneira de se comportar, de se apresentar na interação;
- o *ethos* pode ser concebido como *mais ou menos fixo, convencional ou ousado, singular*. É evidente que existem, para um dado grupo social, *ethos* fixados que são relativamente estáveis, convencionais. Mas não é menos evidente que existe também a possibilidade de jogar com esses *ethos* convencionais.

Por assim dizer, o *ethos* está ligado às características de determinado grupo social, ao perfil comunicativo dessa comunidade, quanto à maneira de se comportar nas interações.

Entretanto, Maingueneau (2008) concorda sobre alguns princípios mínimos, sem prejudicar o modo como eles podem eventualmente ser explorados nas diversas problemáticas de *ethos*:

- o *ethos* é uma noção *discursiva*, ele se constrói através do discurso, não é uma “imagem” do locutor exterior a sua fala;
- o *ethos* é fundamentalmente um processo *interativo* de influência sobre o outro;
- o *ethos* é uma noção fundamentalmente *híbrida* (sócio-discursiva), um comportamento socialmente avaliado, que não pode ser apreendido fora de uma situação de comunicação precisa, integrada ela mesma numa determinada conjuntura sócio-histórica. (MAINGUENEAU, 2008, p. 63).

Assim, não se pode considerar o *ethos* da mesma forma em qualquer texto. Num texto escrito, o *ethos* não implica necessariamente uma relação direta com um fiador encarnado, socialmente determinável. De fato, segundo Maingueneau (2008, p. 69), “quando se trabalha com textos que derivam de gêneros determinados, o apagamento do enunciador não impede que se caracterize a fonte enunciativa em termos de *ethos* de um ‘fiador’”. Isto é, a fala é socialmente encarnada e avaliada; seja ela científica, ou jurídica, é inseparável de mundos éticos bem caracterizados – homem vestido de branco, juiz que é muito rigoroso nos seus princípios – no qual o *ethos* assume, conforme a situação, as cores da “neutralidade”, da “objetividade”, da “imparcialidade” etc.

Em Ducrot (1984) tem-se a distinção entre “locutor-L” (= o enunciador) e “locutor-lambda” (= o locutor como ser do mundo), que cruza a pragmática entre mostrar e dizer: o *ethos* se mostra no ato de enunciação, ele não se diz no enunciado. Fica por natureza no segundo plano da enunciação: deve ser percebido, mas não ser o objeto do discurso. Portanto, para Ducrot:

Não se trata de afirmações que o autor pode fazer a respeito de sua pessoa no conteúdo do seu discurso – afirmações que, ao contrário, correm o risco de chocar o auditório –, mas da aparência que lhe conferem a cadência, a entonação, calorosa ou severa, a escolha das palavras, dos argumentos... Em minha terminologia, direi que o *ethos* está associado a L, o locutor como tal: é na medida em que é fonte da enunciação que ele se vê revestido de certos caracteres que, em consequência, tornam essa enunciação aceitável ou refutável. (DUCROT, 1984, p. 201). (Grifos nosso).

É importante perceber, como mostra Ducrot, que o *ethos* é distinto dos atributos “reais” do locutor, ainda que preso ao locutor na medida em que este é a fonte da enunciação, é do exterior que ele (o *ethos*) caracteriza esse locutor. O destinatário atribuí a um locutor inscrito no mundo extradiscursivo traços que são, na realidade, intradiscursivos, por ser associados a uma maneira de dizer.

Segundo Ruth Amossy (2005), Ducrot foi o teórico moderno a usar pela primeira vez o termo *ethos* integrado à ciência da linguagem, no momento em que expressa a teoria polifônica do discurso na pragmática semântica. Trata-se de uma teoria que enfatiza a fala como ação que visa a influenciar o parceiro. Mas foi Maingueneau que trouxe a noção de *ethos* e a desenvolveu de forma articulada à cena de enunciação. Para ele cada tipo de discurso comporta uma distribuição preestabelecida de papéis, razão pela qual, o locutor pode escolher mais ou menos livremente sua *cenografia*<sup>15</sup>.

Prosseguindo nossa fundamentação relacionando-a ao corpus desta pesquisa, tomaremos a noção de *ethos* proposto por Maingueneau (2008), uma vez que antes de construir seu dizer, o sujeito enunciador está inserido numa cena de enunciação<sup>16</sup>. Por conseguinte, o Fórum aponta que o sujeito-acadêmico não somente se propõe a interagir com o interlocutor, mas também marcar a sua imagem no discurso de diferentes formas, seja através do *ethos* pré-discursivo, seja através do *ethos* discursivo. Desse modo, seu dizer implica a construção de uma identidade – representação que o outro tem de si – consequentemente o outro se torna um fiador do que é dito.

Por meio do *ethos*, conforme Maingueneau (2008), o destinatário está inserido num lugar, que por sua vez está inserido na *cena de enunciação* e, por isso, compromete-se com o texto. Para o autor, essa cena de enunciação constitui-se de três cenas.

A primeira, a *cena englobante* – concede ao discurso um estatuto usual – é atribuída a uma tipologia: publicitário, administrativo, filosófico.

---

<sup>15</sup> Termo a ser abordado na próxima seção.

<sup>16</sup> Conceito a ser exposto na próxima seção.

A segunda, a *cena genérica* – é saber definir em que gêneros de discurso se está trabalhando, ou seja, cada gênero define seus próprios papéis – pode ser o editorial, o sermão, o guia turístico ou até mesmo a consulta médica.

Por fim, a *cenografia* – não é determinada pelo gênero, mas construída pelo próprio texto – não é um ambiente em que o discurso independe do espaço para se constituir, mas está no que a enunciação progride gradualmente com seu próprio dispositivo de fala. Trata-se, portanto, de um discurso de quem tem o que ensinar, num tom professoral, amigável ou profético. Desse modo, a *cenografia*, segundo Maingueneau (2008, p. 87), “é ao mesmo tempo a fonte do discurso e aquilo que ele engendra”.

Ainda para o autor (2008, p. 87), “a cenografia não é simplesmente um quadro, um cenário, como se o discurso aparecesse inesperadamente no interior de um espaço já construído e independente dele: é a enunciação que, ao se desenvolver, esforça-se para constituir progressivamente o seu próprio dispositivo de fala”.

Para Maingueneau (2008), há gêneros de discurso que se atêm a sua *cena genérica* e de certa forma impedem cenografias variadas. É o caso da lista telefônica, ou as receitas médicas, dentre outras. De outro modo, a *cenografia* valida através de sua própria enunciação qualquer discurso, por meio do seu próprio desenvolvimento, como é o caso dos gêneros literários, filosóficos, publicitários. São os conteúdos desenvolvidos pelo discurso que particulariza e legitima o *ethos*, bem como sua *cenografia*, por meio dos quais esses conteúdos surgem.

Conforme Maingueneau (2008), o *ethos* está ligado ao ato da enunciação, todavia o público também edifica representações do *ethos* do enunciador, sem mesmo haver alguma exposição oral por parte do orador. Distingue-se, então, o *ethos pré-discursivo* do *ethos discursivo*.

O *ethos pré-discursivo*, conforme Maingueneau (2008), é o saber prévio que o auditório tem do orador. Em outras palavras, quando o orador fala, ele faz uma ideia de seu auditório a ponto de avaliar como seu discurso é recebido e esforça-se para confirmar e reelaborar sua imagem.

Já para o *ethos discursivo*, o autor propõe uma divisão: *ethos dito* – é aquele através do qual o enunciador mostra diretamente suas características, dizendo ser essa pessoa ou aquela – e *ethos mostrado* – é aquele que não é dito diretamente pelo enunciador, mas é reconstituído através de pistas fornecidas por ele no seu discurso.

Portanto, não há uma distinção nítida de separação entre o explicitado e o não explicitado. Isto é, ambos se relacionam mutuamente. Para tanto, é preciso que o gênero de

discurso varie, para que o *ethos efetivo* – construído pelo destinatário – possa constituir-se por meio dessas instâncias. (MAINGUENEAU, 2008).

Situando o conceito dado por Maingueneau ao nosso corpus, cumpre destacar que no funcionamento discursivo da ferramenta Fórum, o sujeito enunciador não mostra diretamente suas características, dizendo ser racista, ou não racista, mas por meio de pistas linguísticas fornecidas por ele no seu discurso coloca seu ponto de vista com relação ao racismo – *ethos mostrado*.

Convém salientar a importância de se definir por qual disciplina a noção de *ethos* é apresentada, visto que há olhares alternativos e não é possível apreendê-lo da mesma maneira em diferentes teorias.

### 3 METODOLOGIA

Neste capítulo, destacamos o contexto da pesquisa: ensino a distância no Brasil e na Unisul Virtual; também buscaremos explicitar os critérios adotados em relação à escolha e delimitação do corpus, bem como fazer sua descrição. Além disso, apresentaremos os dispositivos de análise e descreveremos o processo de seleção e levantamento de dados, concluindo com procedimentos de análise.

#### 3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

Esta pesquisa baseia-se na modalidade do Ensino a distância (EaD) e é pautada na UnisulVirtual com ênfase no Espaço UnisulVirtual de Aprendizagem (EVA), especificamente na ferramenta Fórum como mais uma forma de interação e ensino aprendido no universo acadêmico.

##### 3.1.1 Ensino a distância (EaD)

Em sua forma embrionária, o Ensino a Distância (EaD) é conhecido desde o século XIX, embora sua evolução histórica, tanto no Brasil como no mundo, seja marcada pelo surgimento e pela disseminação dos meios de comunicação. Segundo Valente (2009), vivemos a etapa do ensino por correspondência; passamos pela transmissão radiofônica e, depois, televisiva. Hoje utiliza-se a informática, a telemática e a multimídia. O uso dessas novas tecnologias digitais propicia a ampliação e a diversificação dos programas, permitindo a interação entre professores e alunos.

Para Valente (2009), o advento das tecnologias de informação e comunicação – TIC – trouxe novas perspectivas para a educação a distância devido às facilidades de design e produção, além de rápida emissão e distribuição de conteúdos, interação com informações,

recursos e pessoas, bem como à flexibilidade do tempo e à quebra de barreiras espaciais. Essas barreiras temporais estão sendo eliminadas com atividades síncronas, em que professor e aprendiz se encontram para trocar ideias, em um *chat* ou fórum. Com isso, o distanciamento temporal passa a significar a possibilidade ou não de realizar atividades simultâneas ou síncronas.

Para o autor, o distanciamento físico está sendo resolvido por intermédio da interação que pode existir na troca entre professor e aluno, e que denomina o “estar junto virtual”<sup>17</sup>. Desse modo, Valente baseia-se no que Levy (1998) afirma sob o ciberespaço: para ele, o espaço físico está dando lugar ao desenvolvimento de outro espaço, em que todos, aprendizes e professores, estão interagindo, cooperando e aprendendo juntos.

Sob essa perspectiva, as tecnologias digitais são as principais responsáveis pelas novas possibilidades na interação entre pessoas e estão, conforme Valente (2009), contribuindo para o desenvolvimento, a reformulação e a disseminação da EaD. De tal modo, o ciberespaço permite que cada indivíduo tenha voz, manifeste-se e interaja com a informação ou com pessoas, criando condições de aprendizagem.

Para que de fato essas abordagens de EaD pudessem ser desenvolvidas foi preciso o governo brasileiro intervir através do MEC e do Ministério das Comunicações (MC), em 1993, para tomar a primeira medida concreta com vistas à formulação de uma política nacional de EaD, o que se formalizou com o Decreto nº 1.237 de 6/9/94 do Sistema Nacional de Educação a Distância.

Convém observar que no ano de 1995 o MEC implanta uma Subsecretaria de EaD na sua estrutura, que após um ano foi substituída pela própria Secretaria de Educação a Distância (SEED). Nessa perspectiva, o Ministério da Educação, por meio da SEED/MEC, atua como agente de inovação tecnológica nos processos de ensino e aprendizagem, fomentando a incorporação das tecnologias de informação e comunicação (TICs) e das técnicas de educação a distância aos métodos didático-pedagógicos. Além disso, promove a pesquisa e o desenvolvimento voltados para a introdução de novos conceitos e práticas nas escolas públicas brasileiras (BRASIL, 2007).

A modalidade de educação a distância obteve respaldo legal para sua realização com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996 – que

---

<sup>17</sup> As ideias norteadoras do “estar junto virtual” são baseadas, segundo Valente (2009), nas interações aluno-professor que aconteciam no ambiente de aprendizagem presencial em que o aprendiz trabalhava com o computador. Mais adiante essas ideias estenderam-se para o EaD, em que o aprendiz encontra-se separado fisicamente do professor.

estabelece, em seu artigo 80, a possibilidade de uso orgânico da modalidade de educação a distância em todos os níveis e modalidades de ensino. Esse Decreto estabeleceu a política de garantia de qualidade no tocante aos variados aspectos ligados à modalidade de educação a distância, notadamente ao credenciamento institucional, supervisão, acompanhamento e avaliação enunciados pelo Ministério da Educação (BRASIL, 1996).

Com essa medida, multiplicaram-se os congressos e seminários a propósito de EaD, atraindo grande número de pessoas, com inúmeras instituições<sup>18</sup> interessadas em utilizá-la. Cada qual com suas diferentes abordagens teórico-metodológicas na EaD (VALENTE, 2009).

A expansão do Ensino a Distância tem sido motivada pelo aumento da demanda por qualificação e formação, além da multiplicação dos meios técnicos que garantem este tipo de educação, facilitando o acesso e desafiando o aluno a pesquisar e compreender os conteúdos por meio de um processo de autoaprendizagem.

A esse propósito, Sancho (2006) retoma seu trabalho de 1996, no qual questiona que a implantação da *internet* em uma repartição tão conservadora como a escola requereria romper certos paradigmas. E faz uma reflexão sobre os aspectos de como a educação está sendo gerenciada neste mundo pós-moderno em que, até agora, tem sido aceita tradicionalmente como a única possível.

Nas palavras de Sancho (1998 *apud* SANCHO, 2006, p. 19):

A história recente da educação está cheia de promessas rompidas; de experiências não-cumpridas, geradas ante cada nova onda de produção tecnológica. Devemos considerar as problemáticas associadas ao fracasso na incorporação às aulas de cada um destes meios e ajudar a planejar melhor a integração nos processos de ensino aprendizagem.

A principal dificuldade que a autora encontra para transformar os contextos de ensino com a incorporação de tecnologias de informação e comunicação parece estar no fato de que a tipologia de ensino dominante na escola é centrada no professor. Com isso, a situação se torna particularmente problemática. De um lado, diferentes organizações internacionais (Unesco, OCDE – Organisation de Coopération et de Développement Économiques) advertem sobre a importância de educar os alunos para a sociedade do conhecimento. De outro, segundo Sancho (2006), requereria professores convenientemente

---

<sup>18</sup> As instituições devem basear-se no referencial norteador, expedido pelo Ministério de Educação/Secretaria de Educação a Distância, com relação aos princípios, diretrizes e critérios que atuam como referenciais de qualidade para as instituições que ofereçam cursos nessa modalidade.

capacitados e com autonomia e critérios profissionais. Dessa forma, é preciso que haja instituições de ensino com boa infraestrutura e com bons equipamentos, currículos atualizados e capazes de se ligar às necessidades dos alunos. A maior implicação desse contexto é fazer com que os profissionais da educação mudem de imediato sua forma de conceber e pôr em prática alguma nova ferramenta de ensino-aprendizagem que venha a conhecer.

O fenômeno da EaD representa um passo fundamental para a inclusão educacional, possibilitando a um grande número de estudantes cursar uma disciplina a distância (DADs), graduação ou até mesmo uma pós-graduação. O que antes era apenas presencial tem a possibilidade de hoje ser virtual, permitindo que profissionais e estudantes sem tempo para frequentar cursos regulares, mas com acesso à *internet* possam interagir de forma síncrona (interação em tempo real) ou, até mesmo, assíncrona (participação não-simultânea), estabelecendo uma relação entre a construção e o gerenciamento do saber.

Em consequência disso, ao exercer essa autonomia (gerenciar o próprio saber), o acadêmico toma a responsabilidade para si, uma vez que escolhe por qual caminho vai navegar e investigar. Diante desse entendimento, é preciso ter, além da autonomia, da cooperação, da interação e da diversidade, uma finalidade educativa entre os envolvidos nos processos de comunicação do saber a distância.

### **3.1.2 UnisulVirtual**

A UnisulVirtual foi criada em outubro de 2001, incorporando o Programa de Educação a Distância implantado em 1999. Em sintonia com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, no ano de 2002 a Unisul foi credenciada pelo Ministério da Educação para ofertar a educação a distância através da Portaria Ministerial nº 2.132, publicada no Diário Oficial da União de 24/7/2002.

Desde então, a UnisulVirtual é responsável por todos os projetos e programas de ensino a distância da Universidade. Atualmente conta com mais de 9 mil alunos, uma vez que está autorizada a oferecer esse tipo de educação em nível superior em todo o território brasileiro. Assim, os diplomas dos cursos de pós-graduação, graduação tecnológica, licenciatura e bacharelado são válidos em todo o país e com total equivalência a diplomas dos mesmos cursos oferecidos na modalidade do ensino presencial.

Para realizar suas ações, a UnisulVirtual utiliza e desenvolve tendências atuais na área de educação a distância, como: implantação de metodologias de ensino-aprendizagem e incorporação das TICs. Baseado no conceito de universidade virtual, o modelo pedagógico adotado permite a escolha dos horários e locais de estudo, com o acompanhamento de professores virtuais, além de atendimento permanente via *internet*. Nesse contexto, emprega modernas tecnologias, produz e adapta materiais didáticos nas mais variadas mídias, capacita e disponibiliza educadores e profissionais técnicos.

Segundo Manual do aluno (2009), as Disciplinas a Distância (doravante DADs) são ofertadas desde o ciclo letivo 2003/02 na UnisulVirtual, amparadas nos Artigos 80 e 81 da LDB da Educação Nacional – Lei Nº. 9.394/96. No Sistema Federal de Ensino estão regulamentadas pela Portaria MEC Nº. 4.059 de 10 de dezembro de 2004, autorizadas por ambos os instrumentos. A UnisulVirtual atende até 20% de carga horária total de um curso de graduação presencial para ministrar as disciplinas a distância.

O sistema de avaliação da UnisulVirtual para as DADs pode acontecer de duas maneiras: as atividades obrigatórias e as não obrigatórias. No primeiro caso, algumas situações são específicas: na Avaliação a distância (AD), por exemplo, as atividades são elaboradas pelo professor virtual; o aluno<sup>19</sup> pode realizar no local em que desejar, enviando-as ao professor na data estabelecida pelo cronograma da disciplina disponibilizado no EVA. Essas atividades são corrigidas pelo professor virtual<sup>20</sup> que seguirá os critérios de avaliação<sup>21</sup>, emitindo logo após o *feedback* e a nota, devidamente publicados no sistema acadêmico. É importante ressaltar que essas atividades devem ser dissertativas, possibilitando a escrita e a leitura. Além disso, nas obrigatórias encontram-se as atividades de Avaliação Presencial<sup>22</sup> (AP), geradas por meio de um banco de questões. O aluno pode realizá-la na cidade escolhida no momento da matrícula. Após corrigir essas atividades, o professor virtual emite a nota e os comentários no final da avaliação. (MANUAL DO ALUNO, 2009),

No caso das não obrigatórias, as atividades de autoavaliação podem ser encontradas tanto no livro didático quanto no EVA. Nesse caso, conta-se com a participação

---

<sup>19</sup> O aluno poderá acessar todas as ferramentas disponíveis no EVA e interagir com seus colegas por meio das ferramentas: *Chat*, Fórum e Turma.

<sup>20</sup> O professor, especificamente, poderá postar seus conteúdos na ferramenta Mídiateca, colocar seus recados no Mural, ou ainda responder aos questionamentos dos alunos e corrigir as atividades de autoavaliação postadas pelos alunos.

<sup>21</sup> Publicados pelo professor na ferramenta Plano de Ensino.

<sup>22</sup> Correspondem às duas avaliações presenciais, que serão efetuadas aos sábados, podendo ocorrer em primeira ou em segunda chamada (também pré-fixadas em calendário).

nos Fóruns de discussão, e no *Chat*. Além do mais, a autoavaliação é encontrada no final de cada unidade de estudo (livro didático), em que o aluno consulta um gabarito com as respostas adequadas a cada questão e analisa seu próprio desempenho no final.

### 3.2 DISPOSITIVOS DE ANÁLISE

Refletindo sobre o método e o objeto da AD enquanto teoria que tem como objeto o discurso, Orlandi (2001) afirma que a partir de um dado definimos o objeto através da metodologia. Sendo assim, da mesma forma que nos comprometemos com uma teoria e com um corpo de definições, produzimos as correspondentes técnicas de análise. (ORLANDI, 2001, p. 16). Ainda na perspectiva de Orlandi (2003), para que, de fato, possa a análise se sustentar, é preciso uma correlação entre o objeto, as técnicas, a metodologia e a teoria.

Nessa conjuntura encontra-se uma definição de linguagem que não se manifesta, mas a partir de análise determina os princípios teóricos e metodológicos. Do ponto de vista metodológico, Orlandi (2001) cita Veyne para falar das várias perspectivas adotadas:

[...] não se trata do mesmo objeto visto de várias perspectivas, mas de uma multiplicidade de objetos diferentes. Ou seja, as diferentes perspectivas pelas quais se observa um fato, ou acontecimento, dão origem a uma multidão de diferentes objetos de conhecimento, cada qual com suas características e propriedades. (VEYNE, 1971 *apud* ORLANDI, 2001, p 15-16).

Para Orlandi (2007, p. 63), “a construção do corpus e a análise estão intimamente ligadas: decidir o que faz parte do corpus já é decidir acerca de propriedades discursivas”. A autora considera que para efetivamente atender à questão da constituição do corpus é necessário levantar as possibilidades discursivas estabelecidas por critérios decorrentes de princípios teóricos da análise de discurso. Por isso, em consonância com o método e os procedimentos não aponta diretamente a demonstração, mas permite mostrar como um discurso produz efeitos de sentido.

No que tange ao método, para Orlandi (2007) há uma passagem inicial fundamental, que é a que ocorre entre a superfície linguística e o objeto discursivo, este definido pelo fato de que o corpus já recebeu um primeiro tratamento de análise superficial. Esse processo ela o chama de *de-superficialização*, o que se traduz como materialidade

linguística: “o como se diz, o quem diz, em que circunstâncias etc.” (ORLANDI, 2007, p. 65). Dito de outra forma, é tudo o que se apresenta na construção gramatical e enquanto processo de enunciação (em que o sujeito se marca no que diz), o que permitirá ao analista observar, compreender e descrever os vestígios daquilo que *o quem diz* em seu discurso e o modo como se opera o funcionamento discursivo. Além disso, mostra os mecanismos dos processos de significação.

### 3.2.1 Seleção e descrição do corpus

Nessa mesma ordem, a metodologia aqui utilizada se constitui da seguinte estrutura: primeiramente, o objeto de análise pauta-se nos textos postados na ferramenta Fórum<sup>23</sup> (ANEXO A), no Espaço UnisulVirtual de Aprendizagem <sup>24</sup> (ANEXO B) na disciplina de Leitura e Produção Textual, ciclo letivo 2008/2. Em seguida, a delimitação do corpus (ANEXO C) a ser trabalhado; e, por fim, efetuamos uma leitura prospectiva a fim de delimitarmos os recortes textuais que constituem os comentários postados nessa ferramenta.

A escolha desse corpus deve-se ao fato de a ferramenta Fórum apontar para um espaço de maior abertura que gera produção e circula conhecimento. Assim, focalizaremos o funcionamento discursivo nessa ferramenta e, mais ainda, o discurso que manifesta neste espaço enunciativo, com base na formulação do discurso pedagógico proposto por Orlandi (2003), uma vez que no decorrer do processo de aprendizagem o discurso pedagógico manifesta uma (re)significação em relação ao que Orlandi (2003) constata inicialmente. Questões dessa natureza estiveram e estão presentes, impulsionando a realização desta pesquisa.

---

<sup>23</sup> O termo “fórum” nessa concepção é o espaço virtual voltado para a discussão de um grupo pertencente a uma mesma comunidade. Ele é composto de mensagens que são publicadas sobre algum assunto e se caracteriza principalmente por não ser feito em tempo real.

<sup>24</sup> É o espaço em que as ferramentas estão disponíveis para os sujeitos da aprendizagem: professor, conteudistas, tutores, monitores e cursistas postarem seus conteúdos adicionais entre as diversas ferramentas do EVA.

### 3.2.2 Levantamento dos dados

Na avaliação discente (conforme instrumento avaliativo)<sup>25</sup>, os acadêmicos realizam, além de atividades de Avaliação a Distância 1 e 2 (AD1) (AD2), via ambiente on-line, também Avaliação Presencial. Assim, o professor avalia a participação do aluno diretamente da ferramenta Fórum, atribuindo até seis pontos para a AD2, com base no tema proposto.

Na AD2 o aluno deve postar seu comentário na unidade 5 no Espaço UnisulVital de Aprendizagem (EVA), na data estipulada no instrumento avaliativo. Essa etapa é individual e divide-se em duas questões: na primeira, o acadêmico deve efetuar quatro (4) postagens no Fórum com base no tema proposto pelo professor; na segunda, é preciso que o acadêmico faça uma resenha crítica do mesmo tema.

Os dados que passaram a integrar o estudo são os textos produzidos da Avaliação a Distância 2 postados pelos alunos na ferramenta Fórum no EVA, em uma das disciplinas de Leitura e Produção Textual, ciclo letivo de 2008/2. Na sua totalidade se constitui de 210 postagens em que o racismo é proposto como tema, em vídeo<sup>26</sup> postado na ferramenta MEDIATECA<sup>27</sup>. Limitamos nosso estudo à questão primeira da Avaliação a Distância 2 (AD2).

Dessa forma, o tema conduz à discursividade entre os participantes desse espaço virtual – em número de 79, oriundos dos cursos oferecidos na Unisul – tendo como pressuposto analítico o modo de funcionamento discursivo no Fórum, visto que os acadêmicos interagem uns com os outros na sequência de determinada tessitura discursiva.

---

<sup>25</sup> Disponível em: <https://www.uaberta.unisul.br/eadv2/disciplina/index.jsp?ead=8.23545825791442E7892390935>, acesso em: 3 de fevereiro de 2010.

<sup>26</sup> Transcrição do vídeo no ANEXO D.

<sup>27</sup> Link: <http://www.youtube.com/watch?gl=BR&hl=pt&v=dergWtU1tnE>.

### 3.2.3 Procedimentos de análise

Ao definirmos o corpus deste trabalho e optarmos pelo funcionamento discursivo na ferramenta Fórum, o próximo passo foi estipular os critérios de análise. Com base nos dispositivos teóricos e analíticos discutidos pelos precursores na AD, busca-se compreender o objeto da análise de nossa pesquisa. Para tanto, o aparato analítico parte do texto como materialidade linguística para, com base na sua composição, trabalhar os efeitos de sentido que ele produz.

Para a Análise de Discurso, buscar efeitos de sentido não é interpretar textualmente, mas observar os discursos constitutivos do texto que tornam possível dizer o que foi dito – e não dizer outra coisa. Isso implica que a análise feita no objeto de estudo – textos produzidos da AD2 na ferramenta Fórum no EVA – será diferente de outra, já que os conceitos selecionados e aqui mobilizados são de nossa competência. Além disso, acreditamos que a análise desses dados busque atender os objetivos deste trabalho e permita perceber as características do discurso pedagógico que se materializa pela ferramenta Fórum.

## 4 ANÁLISE

Nos procedimentos metodológicos, destacamos o contexto da pesquisa e apresentamos os critérios adotados em relação à escolha e delimitação do corpus. Neste capítulo, temos por objetivo apresentar, discutir e analisar os dados obtidos através da metodologia adotada para este trabalho. Primeiramente, para que a análise se efetivasse foi necessário o recorte do corpus para, então, determinarmos o modo da análise e o dispositivo teórico da interpretação. O recorte se deu através de uma leitura prospectiva a fim de delimitarmos no corpus os fragmentos textuais que constituem os comentários postados na ferramenta Fórum, do Espaço UnisulVirtual de Aprendizagem (EVA), em uma disciplina de Leitura e Produção Textual, ciclo letivo de 2008/2. Em seguida, apresentamos a discussão e análise dos dados, tomando como referência os conceitos abordados no marco teórico. Desse modo, interessa-nos agora relacionar o material teórico ao objeto de estudo, partindo do entendimento de que o discurso pedagógico na ferramenta Fórum não opera do mesmo modo que em outros lugares (leia-se instituição escolar tradicional), em que predomina o discurso autoritário (ORLANDI, 2003). Assim, identificamos nas práticas discursivas do sujeito-acadêmico as características do discurso que se manifesta nesse espaço midiático, em que subjaz o discurso polêmico. O presente capítulo é apresentado em quatro seções, nesta sequência: análise do discurso que se materializa/manifesta/é mediado na/pela ferramenta Fórum do EVA; análise das heterogeneidades enunciativas no Fórum do EVA e análise da construção do ethos dos acadêmicos do EVA.

### 4.1 ANÁLISE DO DISCURSO MEDIADO PELO INSTRUMENTO FÓRUM DO EVA

Ao considerarmos a produção e a circulação do conhecimento na sociedade, vemos que hoje ela não se restringe à escola – no sentido físico. Mesmo enquanto lugar de ensino da ciência, a escola está dividindo espaço com a mídia que se volta para a prática discursiva buscando ocupar função de mediadora. Exemplo disso são as universidades com modalidades de ensino a distância, que, além de oferecer apoio pedagógico ao aluno, exige que disponha também de aparato tecnológico – multimídia adequada para assistir aos vídeos

postados pelo professor – no seu ambiente de estudo, para desenvolver as atividades pedagógicas que lhe são propostas.

Orlandi (2003) caracteriza no DP – corrente na instituição escola – o predomínio do discurso autoritário porque ele mantém o referente ausente, não há interlocução, mas um agente exclusivo. Ao contrário disso, percebemos que no Fórum do EVA, na materialidade linguística, há abertura para a discussão entre os participantes, o que estaria mais próximo de outro funcionamento do DP. Os participantes interagem uns com os outros criando condições de aprendizagem. Em dado momento da interação surgem questionamentos com relação a outros temas que se vão entrelaçando no engendrar das postagens, o que nos remete à existência de vestígios do discurso polêmico.

É preciso dizer também que, embora as práticas discursivas da escola sejam determinadas pelo discurso pedagógico (ORLANDI, 2003), em que o objeto do discurso aparece como *algo que deve ser* (discurso autoritário), o DP aparece como discurso do poder – legitimado. Na modalidade de ensino a distância, na disciplina de Leitura e Produção Textual, mais especificamente na ferramenta Fórum, concebemos que se trata de outro funcionamento do próprio discurso pedagógico. Isto é, um discurso que, por não ser estanque (pronto e acabado), permite a entrada de novos campos semânticos, oportunizando ao aluno manifestar-se e interagir com a informação ou com os participantes, criando assim outras condições de aprendizagem.

Além disso, identificamos as características desse discurso e descrevemos como funciona. Para isso, é necessário destacar: quais as condições de produção discursiva dos sujeitos envolvidos nesse processo de ensino aprendizagem? Quais são os lugares desse dizer? Quem são os sujeitos que dizem?

Para compreender a maneira pela qual se estabelece a posição-sujeito enquanto participante de Fórum de discussão, é necessário considerar o que Pêcheux pensa em relação à questão do discurso e a forma-sujeito, “uma vez que não existe prática sem sujeito [...] uma vez que os ‘indivíduos-agentes’ [...] agem sempre na forma de sujeitos enquanto sujeitos” (PÊCHEUX, 1995, p. 213-214).

Nesse espaço de práticas discursivas tomamos as materialidades discursivas – indícios, pistas – dos processos de significação para então aplicarmos o dispositivo teórico da interpretação, uma vez que a interpretação está presente em toda e qualquer manifestação da linguagem. Com relação a essas propriedades discursivas, Orlandi (2007, p. 68-69) ensina que “o texto, referido à discursividade, é o vestígio mais importante, funcionando como unidade

de análise. Unidade que se estabelece, pela historicidade, como unidade de sentido em relação à situação”.

Assim, para demonstrar o modo de produção do discurso pedagógico (DP) nesse ambiente virtual, apresentamos a atividade (proposta pelo professor) para discussão e reflexão com base em um vídeo veiculado no *YouTube*<sup>28</sup> sobre o tema Racismo<sup>29</sup>, como podemos observar no comentário postado na ferramenta Fórum no início da discussão do tema: *Entre as variedades de racismo que encontramos em na nossa sociedade, o de raça é o mais agressivo, principalmente entre brancos e negros*. Para essa atividade o acadêmico deveria postar até quatro participações no Fórum, expondo sua opinião, argumentando e discutindo sobre o tema proposto.

Essa atividade pressupõe uma discussão em torno de um assunto considerado polêmico. O que se nota, no entrelaçar das postagens, é que, por mais que o tema “racismo” possa promover polêmica, essa polêmica está cerceada por um limite no dizer, ou seja, nem tudo pode ser dito. Disso, podemos dizer que a produção de dizer desse tema gerou uma polissemia controlada. Em sua obra *A ordem do discurso*, Foucault (1996), enfatiza a capacidade que o poder do discurso tem em controlar o sujeito, e esclarece que há duas formas: interdições e exclusão, que interpelam o sujeito levando-o a seguir determinada ordem social. Segundo Foucault (1996, p. 9), em uma sociedade como a nossa, “conhecemos, é certo, procedimentos de exclusão. O mais evidente [...] é a interdição. Sabe-se bem que não se tem direito de dizer tudo, que não se pode falar tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa”. Do que Foucault diz, podemos mostrar que na ferramenta Fórum os participantes interagem não expondo-se abertamente ao racismo, porque nesse espaço midiático não se tem o direito de dizer tudo.

Nessa conjuntura, percebemos no discurso mediado pela ferramenta Fórum um funcionamento do DP dissonante daquele em que predomina o discurso autoritário. Observamos um movimento diferente no modo como o DP opera neste espaço, e parece ser interessante repensar o processo de ensino/aprendizagem. Considera-se, ainda, que esse aluno usa as novas tecnologias de informação e comunicação (TIC) para interagir, sendo ele afetado e deixando-se afetar pelas manifestações linguísticas.

A análise dessas postagens aponta que o sujeito enunciativo não só se propõe a interagir com o interlocutor, mas também produz sentidos a partir de certo lugar discursivo,

---

<sup>28</sup> Encontra-se o vídeo na ferramenta MEDIATECA no EVA. A transcrição do vídeo está no Anexo D.

<sup>29</sup> O Racismo, segundo Van Dijk (2008, p. 134), “é entendido como um complexo sistema social de dominação, fundamentado étnica ou ‘racialmente’, em sua consequente desigualdade”.

ou seja, aponta para o lugar de enunciação de onde os participantes falam, assumindo uma posição de estudante universitário branco. A partir daí marcamos as posições ideológicas apresentadas nos textos postados em que os falantes se assumem sempre em 1ª pessoa do discurso, ora singular (eu), ora plural (nós):

[1] *Eu acredito que se as pessoas se preocupassem com questões mais importantes, como a fome, o aquecimento global, o amor próprio, não teriam tempo para sentimentos mesquinhos como o racismo* (Comentário de VS) (Grifos nosso);

[2] *Para finalizar minhas posições, gostaria de dizer que não devemos ser condescendentes com essas diferenciações originárias da ignorância dos seres humanos, e salientar também que apesar das diferenças físicas ou estéticas que de fato existem, são os valores e personalidades de cada um que realmente devem ser levados em conta, pois somos todos iguais* (Comentário de GCF) (Grifos nosso);

[3] *Achei o video uma grande ironia, acho que fez muita gente pensar melhor em seus preconceitos e com certeza chegar a conclusão de que todos precisamos uns dos outros* (Comentário de ICBO) (Grifos nosso);

[4] *Queria deixar claro também, que sou completamente contra o racismo* (Comentário de BSS) (Grifos nosso);

[5] *O racismo no meu ponto de vista, ta no coração das pessoas que não tem dignidade e muito menos conhecimento para sabermos que somos "TODOS IGUAIS", independente de qual seja a cor da pele de cada um* (Comentário de BSS) (Grifos nosso);

[6] *...considero até uma crueldade julgar as pessoas pela cor de sua pele...*(Comentário de JB) (grifos nosso).

Podemos dizer que nesses enunciados tem-se o “eu” (aluno universitário) assumindo uma posição contra o racismo e, no limite, uma posição sujeito-não-racista. Ao expressar sua opinião na 1ª pessoa do singular “eu” (explícito ou implícito) – “Eu acredito”; “concordo”; “gostaria”; “achei”; “considero”, “queria”, “sou”, “meu” – estabelece uma diferença entre quem não é racista, neste caso o “eu”, e quem é, ou seja, os “outros”. O sujeito acadêmico também traz a 1ª pessoa do plural “nós” para concluir sua fala, reforçando a ideia de que o “eu” que constitui o “nós” não é racista, mas o “nós” que constitui os “outros” são

racistas. Isso justifica o dizer “somos todos iguais” todos precisamos uns dos outros, isto é, não podemos ser racistas. Dito de outro modo, esse dizer sinaliza um “eu” não racista que se inclui numa coletividade em que pode haver pessoas racistas; assim, esse “eu” age julgando aqueles identificados como racistas.

Dizemos que na posição sujeito-acadêmico estando inserido dentro da formação discursiva x – UnisulVirtual – não permite um posicionamento racista. Assim, com relação às circunstâncias em que os alunos se encontram, podemos dizer que o sentido não existe em si, mas é, segundo Orlandi (2007, p. 42), “determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas”. Disso podemos dizer que o lugar/Fórum determina as posições ideológicas assumidas pelo sujeito-acadêmico, isto é, suas palavras mudam de sentido por estarem num espaço em que o dizer é determinado pela FDx, como se pode observar neste enunciado:

*[7] Concordo plenamente com o que muitas pessoas descreveram, axo muito importante elas expressarem suas opiniões, sendo elas contrarias ou a favor, e se cada um de nós passarmos um pouco do conhecimento que adquirimos em um debate como esse, estaremos assim ajudando a mudar o ponto de vista de muitas pessoas que ainda tem gestos e atitudes preconceituosas mas não assumem eles como uma forma de racismo. Uma determinação imposta (Comentário de JB), (Grifos nosso).*

A posição sujeito-acadêmico concorda plenamente com o dizer do “outro”, colocando sempre o “outro” como aquele que pratica atitudes racistas. Há nesse dizer uma subjetividade da posição sujeito-acadêmico em relação ao “outro”, ou seja, não reconhece que seu ponto de vista é o mesmo que de muitas pessoas – racistas. Assim, a posição sujeito-acadêmico esquece que as palavras mudam de sentido, esse sujeito deixa marcas implícitas, mesmo estando contra o racismo, de que a posição “nós” também tem atitudes preconceituosas. Além disso, ao expressar a importância de estarem os participantes colocando seu ponto de vista em relação ao tema racismo, a posição-sujeito distancia-se da posição “muitas pessoas”, ao dizer: “se cada um de nós passarmos um pouco do conhecimento que adquirimos em um debate como esse, estaremos assim ajudando a mudar o ponto de vista de muitas pessoas”, ou seja, “as pessoas” têm gestos preconceituosos, mas a posição “nós” não assume essa posição. Portanto, “elas” podem ser racistas, já o “nós”, por estar num ambiente educacional, não permite a manifestação racista.

Observemos mais atentamente o uso do plural (**nós**), nos enunciados:

[8] *...temos provas todos os dias que não somos ninguém sem precisar da ajuda, do carinho, da atenção de alguém... então para as pessoas que ainda tem RACISMO, como uma forma de ver outras pessoas troque isso igualdade social, ou amor ao proximo... ja seria um bom começo* (Comentário de BSS) (Grifos nosso);

[9] *Mesmo inconscientemente todos nós já agimos de forma discriminatória;* (Comentário de MCP) (Grifos nosso);

[10] *...deveríamos nos sentir envergonhados de ainda nos dias de hoje apesar de tantos levantarem a bandeira de ‘igualdade’ existir este tipo de preconceito* (Comentário JAVP) (Grifos nosso);

[11] *...a cor, é uma mera diferença física, de aparência, logo não temos o direito de julgar capacidade ou personalidade de alguém por sua cor* (Comentário de FA) (Grifos nosso);

[12] *Devemos parar de olhar o lado externo das pessoas e começar a ter um olhar mais humano* (Comentário de ERS) (Grifos nosso);

[13] *O que devemos fazer é refletir e ter a consciência de que são dignos de respeito e de igualdade;* (Comentário de BSS) (Grifos nosso);

[14] *Bom vendo o video, mostra que ainda a muito preconceito contra os negros, e no video mostra claramente que nos precisamos das outra pessoas independente de raça ou classe* (Comentário DCG) (Grifos nossos);

[15] *Mas porem muitas vezes os culpados de tudo isto é nos seres humanos que temos preconceito de nós mesmos sendo ele material ou racial* (Comentário de VGM). (Grifos nosso).

Agora, nessas postagens que as sinalamos, sempre que se marca o “nós” se instaura uma contradição com o “eu” pelo fato de o “eu” defender um outro posicionamento. A posição do “nós” surge coletivizada em um lugar comum no contexto social e assume certa marca de racismo, mas mesmo assim deve ser combatido pelo “eu” acadêmico. Como podemos perceber no enunciado [12], ao assumir a posição “nós” o sujeito-acadêmico se inclui nas pessoas que olham e discriminam os “outros”. Então, nessa prática discursiva, manifesta-se a (ego imaginário) ilusão do sujeito, e por ser a língua passível de falha, o

equivoco<sup>30</sup> se instaura. Em outras palavras, o indivíduo é interpelado pela língua, pela história e pela ideologia, tornando-se sujeito, e uma vez que assume a posição-sujeito, o homem se subjetiva.

Em geral, quando o discurso sai da forma singular “eu” e adentra o plural “nós”, a posição se mostra ainda mais afastada de um discurso racista (camuflado), como se observa neste fragmento textual:

[16] *temos que admitir que ainda temos o preconceito em nosso coração* (Comentário de EMO), (Grifos nosso).

O fato de o “nós” assumir uma posição enunciativa: enuncia-se apenas como branco, faz com que seu dizer fale a partir do lugar no qual está inserido; portanto, suas palavras significam de modo diferente do lugar de dizer de um negro.

Do exposto se pode inferir que o mecanismo imaginário que o “nós” tem do negro, ao tomar o tema racismo como objeto do discurso e por estar inserido dentro de uma conjuntura sócio-histórica, vai apontar para aquele de quem se fala, “ele”, que é identificado como negro. Mesmo o negro sendo sempre “ele”, o “nós” não se posiciona explicitamente favorável ao racismo. Isto remete a certo distanciamento com relação ao negro, de que “ele” é negro e “eu” sou branco, como se observa nos recortes:

[17] *A questão de que nem sempre somos nós brancos que discriminamos os negros, muitas vezes os próprios negros de consideram inferiores* (Comentário de BSS) (Grifos nosso);

[18] *...pois os negros são como nós e tem direito a tudo como nós* (Comentário de AKC) (Grifos nosso);

[19] *Dá a entender que os negros têm capacidade menor do que nós* (Comentário de PVZ) (Grifos nosso).

Diante dessa dinâmica enunciativa, da posição assumida pelos participantes de que o “nós” é branco e o “ele” é o negro, podemos atravessar o imaginário que condiciona os sujeitos em suas discursividades. A condição de produção na qual os participantes estão

---

<sup>30</sup> A ambiguidade não planejada mostra a falha da língua e produz o equivoco, isto é, o equivoco precisa da falha para se constituir.

inseridos estabelece as relações que o sentido mantém com a memória e também o remete a determinada formação discursiva. Assim, o sujeito-acadêmico fala a partir do lugar de branco “nós” e suas palavras significam de modo diferente do que se falasse do lugar do negro “ele”. Isto é, o que significa no discurso são essas posições assumidas pelos participantes do Fórum. Mais ainda: os participantes interagem construindo uma relação imaginária com o tema proposto, a partir da qual se constituem no confronto do simbólico (materialidade discursiva) com o político (UnisulVirtual). Como podemos perceber explicitamente no enunciado [17], o sujeito-acadêmico coloca-se na posição de homem branco. Mostra também que os próprios negros, “eles”, de quem se fala, se consideram inferiores aos brancos; além da cor de pele, no recorte [19] mostra que a capacidade cognitiva do negro em relação ao branco é inferiorizada.

Além disso, diversos são os casos de discurso apontando para aquele de quem se fala (ele), identificado como negro, em cujos exemplos o negro é sempre o “outro”, pois o “nós” é sempre branco, como podemos perceber através do verbo na terceira do singular *consideram; respaldam; entraram; vitimizam*. Ou, ainda, nestes fragmentos:

[20] *...e que infelizmente os negros não tem tantas prioridades e chances como para as demais pessoas ou seja os brancos* (Comentário de BGK) (Grifos nosso);

[21] *Afinal, quando o racismo acabou, os negros não tinham leis ou direitos que os ajudassem, dessa forma durante muitos anos viveram em condições mais precárias quando comparados a indivíduos brancos* (Comentário de FA) (Grifos nosso);

[22] *Fora a discriminação que o próprio branco sofre que por incrível que pareça em algumas vezes só os negros são beneficiados com a justiça* (Comentário de KC) (Grifos nosso).

No enunciado [21] o sujeito-acadêmico discorre sobre “o racismo acabou” e acrescenta que o negro, comparado ao branco, viveu em condições piores, razão pela qual o governo instituiu as leis para lhes garantir mais direito. Disso podemos dizer que, mesmo não estando implícito no enunciado o referente “cotas”, a posição ideológica assumida pela posição “nós” dá pistas de que ele é a favor das cotas para negros nas universidades, sendo as cotas um direito garantido aos negros pelo Estado. No entanto, no enunciado [22] o sujeito-acadêmico nos mostra uma posição ideológica assumida contrária ao enunciado anterior, uma vez que ele sente-se inferiorizado em relação ao negro pelo fato de o governo beneficiar somente o negro.

Notável, também, no fragmento textual que:

*[23] O que me admira também é que são formados "grupos de negros" e esses se tratam como diferentes, defendem o sistema de cotas e são tão radicais que podem chegar ao ponto de dizer racismo o simples fato de um branco brigar com um negro na rua por causa de mulher (Comentário de MCZ) (Grifos nosso);*

O sujeito-acadêmico faz uso do pronome demonstrativo “esses” para retomar o termo citado anteriormente “grupos de negros”, o que demonstra mais ainda a posição-sujeito “nós” distanciar-se do “esses” identificado como “eles”. Na materialidade linguística percebe-se ainda que o sujeito-acadêmico infere o racismo no negro para com o branco por duas razões: primeiro, o fato de a cor de pele do negro ser diferente da pele do branco; segundo, o negro tira proveito do sistema de cotas para os negros nas universidades, o que lhe garante mais direitos.

Quando dizemos que o discurso aponta para uma posição não-racista não estamos querendo afirmar que os acadêmicos não se reconhecem como racistas (se consideramos as situações do cotidiano), como podemos perceber nos enunciados em que o sujeito-acadêmico constrói sua subjetividade insinuando que há realmente sujeito que se manifesta racista. Claro que, em outra posição discursiva, esses sujeitos podem deixar aflorar mais facilmente posições racistas:

*[24] A maioria das pessoas afirmam que não são racistas e condenam o preconceito, no entanto essas mesmas pessoas acabam realizando em seu cotidiano atitudes racistas (Comentário de CMB) (Grifos nosso);*

*[25] ...muitos afirmam que não tem preconceito mas na prática nem sempre é assim (Comentário de JAVP) (Grifos nosso);*

*[26] ...ainda vemos, e presenciamos aqui, quase que todos os dias alguma forma de preconceito racial, seja com piadinhas sem graça (Comentário de ARS) (Grifos nosso);*

*[27] Seria inocência dizer que não existe racismo e que por mais oculto que ele esteja sempre tem alguém que expressa ele de forma sutil ou mesmo abertamente, quando nega emprego ou mesmo quando faz gestos de desprezo a pessoas de cor (Comentário de ICBO) (Grifos nosso);*

[28] *O racismo é um preconceito que esta em nosso meio todos os dia a muitos anos* (Comentário de AKC) (Grifos nosso).

Nesses enunciados existe um modo de dizer que há realmente pessoas racistas, que tanto pode ser o colega, o irmão, o pai, enfim, as pessoas com as quais o sujeito-acadêmico se relaciona. Daí podermos dizer que essa posição-sujeito tem a ilusão de que sabe o que diz, mas não tem acesso sobre o modo pelo qual o sentido se constitui nele. O fato de que há um já-dito nas materialidades linguísticas leva-nos a perceber que o sujeito-acadêmico na formação discursiva na qual está inserido não se permite ser racista, embora, noutro contexto (prática discursiva), permita manifestar-se racista – considerando aqui o tema racismo. No entanto, quando surge o tema das cotas, aí uma posição racista vem à tona sem que o sujeito se dê conta disso – o deslize – isto é, o sentido e o sujeito escorregam, derivam para outros sentidos, para outras posições. Ou ainda, noutro contexto – fora do espaço acadêmico virtual – essa mesma posição racista pode aflorar tranquilamente num evento social: como uma festa, ou bate-papo num bar; esse sujeito poderia – por exemplo – contar, tranquilamente, uma piada de negro, em que a cor de pele fosse o mote de escárnio.

Ao enunciar a posição-sujeito “nós”, o sujeito-acadêmico traz para dentro do discurso outras vozes e coloca na sua prática discursiva “as pessoas”, “várias pessoas”, “muitas pessoas” com o intuito de não se comprometer com o que foi dito. Com isso, percebemos que há certo distanciamento do “nós” com relação às “muitas pessoas” pelo fato de o lugar/Fórum não permitir posição favorável ao racismo. Ao manifestar essas marcas linguísticas, a posição-sujeito deixa implicações de um discurso racista de que “as pessoas”, “várias pessoas” são racistas, nunca se reconhecendo como racista. Mais ainda: o enunciado a seguir confirma que várias pessoas são racistas e conclui que *todos somos iguais*:

[29] *Atualmente muitas pessoas tem o intuito de julgarem umas as outras, seja no fato de pensar, falar, se vestir, entre outros fatores fúteis que fazem essas mesmas pessoas seguirem uma linha - quase que irracional - de pensamento [...] A verdade é que o próprio racismo sofre preconceito, sendo que várias pessoas são racistas e se negam por acharem medíocre essa situação [...] O racismo necessita ser extinto, somos todos únicos, e a diversidade é o fator que move o mundo!* (Comentário de KPS) (Grifos nosso).

Portanto ao dizer isso, o sujeito-acadêmico estabelece uma relação entre o já-dito não devemos “inferiorizar as pessoas”; ou ainda não devemos ser “desumano” e o que se está dizendo, de que “somos todos iguais”. O mesmo ocorre quando o sujeito-acadêmico se desloca da formação discursiva e coloca a “sociedade” como responsável por tal situação, ou seja, está o não-dito; em outras palavras, “nós somos racistas”, como podemos identificar no recorte:

*[30] Em nossa sociedade civil vigente há o predomínio de diversos tipos de racismo devido a questão de sermos um país multicultural; Acredito que a sociedade só vai mudar quando as pessoas se aceitarem e deixarem de ter preconceito consigo, só assim se aceitando que você aceita o próximo como ele é; racismo deve ser combatido e se não for feito nada para mudarmos essa realidade ele ainda continuará presente de forma mascarada ou explícita na nossa sociedade; Existe um pré conceito por alguns indivíduos da sociedade atual, que discrimina pessoa de raça negra (Comentário de CED) (Grifos nosso).*

Essa posição não assumida explicitamente é que nos permite dizer que mesmo o sujeito-acadêmico colocando a discriminação racial na sociedade, ele se constitui enquanto “sociedade”, ou seja, está inserido nessa “sociedade civil vigente”, ou seja, está o já-dito ao trazer para sua prática discursiva a memória discursiva. Isto é, o interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito-acadêmico se significa no EVA. Ao enunciar o sujeito-acadêmico: *diversos tipos de racismo devido a questão de sermos um país multicultural*, ele traz de algum lugar já ditos por alguém, isto é, o racismo no Brasil se manifesta pelo fato de o país agrupar diversas culturas e raças; ao dizer isso, remete ao efeito de que a culpa ao racismo se deve à diversidade cultural existente no Brasil.

Noutro fragmento a posição do sujeito-acadêmico propõe o racismo “*no Brasil é*”; “*pessoas no mundo*”; “*dentro das pessoas*”; ou ainda “*no Brasil*” para não se comprometer com o dito. Nessa prática discursiva o não-dizer se instaura uma denegação de tal modo que o “eu” poderia dizer, mas não diz, mesmo falando de determinada formação discursiva. Como podemos observar nos recortes:

*[31] O racismo no Brasil é uma incoerência, pois boa parte da nossa cultura é proveniente da raça negra (Comentário de ICBO), (Grifos nosso);*

[32] *O racismo é um absurdo, como pode haver pessoas no mundo que ainda discriminam uma pessoa só pela cor da pele dela* (Comentário de ACM), (Grifos nosso);

[33] *Apesar de muitas pessoas lutarem contra o preconceito racial, ainda podemos perceber o preconceito dentro das pessoas e no Brasil* (Comentário de GMM) (Grifos nosso).

A posição do “eu” continua a ser sujeito-universitário. No entanto, mesmo se dizendo não racista, o “eu” não pode, não consegue negar que existe racismo no Brasil. Assim, ao dizer “o racismo no Brasil...”; “o preconceito dentro das pessoas” aponta para um racismo de que o “eu”<sup>31</sup> não compartilha. Nota-se que mesmo usando formas generalizantes, como “o Brasil” e “as pessoas”, que poderiam levar a inclusão do “eu” por ele ser **pessoa e brasileiro**, o enunciado traz uma estratégia de localizar o “eu” destoando dessa posição, como se observa no uso de recursos que desfazem (no sentido de mostrar uma não unidade) a própria afirmação: “*O racismo no Brasil é uma **incoerência**...*”. O termo “incoerência” funciona excluindo a parte (o “eu”) do todo (o Brasil). Nesse exemplo, a relação metonímica não se estabelece.

Outro aspecto interessante é que inicialmente o tema da proposta foi articulado a fim de possibilitar a abertura para posições diversas e instaurar uma polêmica. Cabe observar que o tema está sendo discutido com finalidade acadêmica, e nesse espaço interativo da academia a polêmica emerge, mas já dentro de certa formação discursiva: ninguém se posiciona conscientemente como racista, ou seja, todos evitam assumir a posição-sujeito-racista. Por mais que o tema traga falas divergentes, todas são afinadas no dizer de “não se pode”, “não se deve” ser racista, como está claro nos enunciados:

[34] *É preciso que os negros sejam vistos e tratados como pessoas comuns e normais que são, e não como inferiores aos brancos. Esse é apenas o primeiro passo para à sociedade se tornar menos preconceituosa.* (Comentário de ARS) (Grifos nosso);

[35] *Devemos acabar com o racismo, acabar com a idéia de que a cor da pele nos torne diferentes em termo de potencial de desenvolvimento* (Comentário de TGF) (Grifos nosso);

---

<sup>31</sup> Ou seja, “eu” ainda é um centro – antropocentrismo.

[36]...*deve se combater qualquer preconceito nao importando o que se faça, os negros são como nos e nao devemos trata-los como diferentes.* (Comentário de DCG) (Grifos nosso);

[37] *Os anos passam e as pessoas, de um modo geral, não se conscientizam que todos nós somos iguais, independente de raça e de cor, todos nós possuímos os mesmo direitos e deveres* (Comentário de FBM) (Grifos nosso);

[38] *Concordo com você, pois todos somos iguais, o que nos difere é nossa estatura, cor de cabelo, tipo físico, da mesma maneira nossa cor* (Comentário de LFS).(Grifos nosso).

Assim, não encontramos no Fórum um discurso fechado, isto é, no ambiente virtual o conhecimento não é homogêneo, mas heterogêneo, uma vez que o aluno constrói seu conhecimento, diferentemente do que acontece quando o conhecimento já é tomado como pronto e acabado – DP com predomínio do discurso autoritário. Assim, podemos trazer as palavras de Orlandi (2005, p. 36) de que “todo o funcionamento da linguagem se assenta na tensão entre processos parafrásticos e processos polissêmicos”. Isto é, de um lado, há um retorno constante a um mesmo dizer sedimentado – a paráfrase – e, de outro, há no texto uma tensão que aponta para o rompimento. Apesar disso, são duas forças que trabalham continuamente o dizer, na condição de que as formulações se constituem nessas duas tensões: entre o mesmo e o diferente. É a partir desses processos que se verifica o funcionamento discursivo no Fórum como discurso heterogêneo.

A partir do contexto histórico-ideológico podemos pensar de que modo essa relação da posição do sujeito com a memória discursiva atua para constituir o discurso pedagógico na ferramenta Fórum. Com relação às paráfrases do texto, Orlandi (2007) ressalta o que M. Pêcheux (1975) estabelece como esquecimento enunciativo – é da ordem da enunciação. Esse tipo de esquecimento deixa o sujeito com a impressão de que seu dizer só pode ser dito com aquelas palavras e não com outras, e por isso forma famílias parafrásticas para melhor explicitar o seu dizer, como podemos observar no enunciado do sujeito-acadêmico ARS:

[39]... *exclusão social pode estar relacionada a vários fatores sejam eles, políticos econômicos, religiosos, entre outros. O preconceito racial é uma forma bastante comum de exclusão social. Apesar de o Brasil ser um país com população em sua maioria negra ou afro descendente, o racismo é uma prática muito freqüente, o*

*que nos leva a pensar em qual seria o verdadeiro motivo para tamanha discriminação. É óbvio que a cor da pele não julga a competência de ninguém, mas, infelizmente, o preconceito existe e deve ser combatido [...].* (Grifos nosso).

Assim, com base no enunciado: *o preconceito racial é uma forma bastante comum de exclusão social; é óbvio que a cor da pele não julga a competência de ninguém*, do sujeito-acadêmico “ARS”, outros participantes interagem formando famílias parafrásticas. Segundo Orlandi (2007), a paráfrase é a matriz do sentido, pois não há sentido sem repetição, sem sustentação no saber discursivo, além de que na paráfrase opera-se o “esquecimento número 2”. Esse tipo de esquecimento é semiconsciente e muitas vezes o sujeito-acadêmico volta-se sobre ele. Na paráfrase aparecem outras possibilidades, os outros textos possíveis. As palavras sempre são explicadas por outras palavras. Um texto é ao mesmo tempo um e outros, como ocorre nos recortes abaixo:

*[40]...acho q a ARS esta certa deve se combater qualquer preconceito não importando o que se faça, os negro são como nos e não devemos trata-los como diferentes*” (Comentário de DCG) (Grifos nosso);

*[41] É de grande ignorância mesmo com as diferenças físicas,estéticas ou ainda com qualquer outro tipo de diferenças não aceito pela sociedade. Independente de raça, religião, física, culturas...* (Comentário de CMDP) (Grifos nosso);

*[42] Concordo plenamente com você ARS, o preconceito racial é uma forma realmente bastante comum de exclusão social e muitas vezes ele é mascarado, muitos afirmam que não tem preconceito mas na prática nem sempre é assim. Deve-se ter consciência que a cor de pele não difere a competência de ninguém*” (Comentário de JAVP) (Grifos nosso).

Ao mesmo tempo em que estes enunciados se mostram diferentes, é difícil, segundo Orlandi (2007, p. 36), “traçar limites estritos entre o mesmo e o diferente”. Assim, podemos dizer que nessa prática discursiva os participantes interagem a partir do dizer do “outro”, mantendo assim sempre algo dizível, a memória, diferentemente da criatividade que Orlandi (2007) compreende como aquilo que afeta os sujeitos e os sentidos na sua relação com a história e com a língua.

Percebe-se, ainda, que a condição de produção, entre os participantes do Fórum, não dá abertura para uma posição favorável ao racismo, ou seja, num primeiro momento a condição de produção possibilita a produção de uma discursividade polêmica, mas os participantes não se expõem, e o referente – racismo – não é dominado. Mas, quando o discurso adentra o referente – cotas para negros em universidade – é dominado pelos participantes, dando-lhes uma direção, indicando perspectivas particularizantes, o que resulta na *polissemia controlada*, e dessa forma, a discursividade monitorada pelos próprios interlocutores do EVA desencadeia várias posições discursivas, como podemos notar em tais dizeres:

*[43] Ólá ICRF, concordo com você que o racismo racial não é apenas dos brancos para com os negros, o contrario também acontece. Não sei se você concorda comigo, mas a criação das cotas para negros nas universidades pode ser uma prova disso. Os negros se respaldam atrás das cotas e se vitimizam através delas. Esse comportamento identifica o preconceito que eles têm contra os brancos.*  
(Comentário de MVN) (Grifos nosso);

Esse enunciado mostra que o sujeito-acadêmico atribui às cotas uma forma de preconceito racial do negro para com o branco, isto é, há nesse dizer um apagamento de relação de poder – apaga-se a voz do Estado, como se fosse o negro que instituisse as leis, não atribuindo nenhum mando de poder ao Estado. Entendemos que essa posição-sujeito é capaz de uma liberdade sem limite e de uma submissão sem limite, conforme afirma Orlandi (2007, p. 50): “pode tudo dizer, contanto que se submeta à língua para sabê-la”. É nesse ponto que no tema das cotas o sujeito pode tudo dizer, colocando-se contra ou a favor do racismo, porque a proposta inicial da professora era conduzir a produção discursiva para o tema racismo, mas a polissemia emerge quando na interação afloram outros posicionamentos que se direcionam para o referente “cotas”.

*[44] Concordo plenamente com minhas colegas que citam o sistema de cotas para negros em universidades como uma forma de valorizar a igualdade racial*  
(Comentário de JB) (Grifos nosso).

Aqui, no recorte [44] o sujeito-acadêmico concorda e reconhece que o sistema de cotas para negros na universidade é uma forma de valorizar a igualdade racial. Há um

apagamento do sujeito-acadêmico em relação às cotas para brancos nas universidades, como se o branco tivesse cotas, e ao dizer isso, equipara os mesmos direitos de brancos e negros. Mas a ilusão do sujeito-acadêmico ao enunciar “*igualdade racial*” nos remete à ideia de que há um confronto entre o ter cotas para o “negro” e o não ter cotas para o “branco” como forma de valorizar e fortalecer o negro na sociedade.

[45] *Não aprovo o sistema de cotas, pois, como a JB disse, a cor de pele não afeta cognitivo de alguém!* (Comentário de KPS) (Grifos nosso);

Esse dizer [45] coloca o reconhecimento de que a cor de pele não prova inferioridade intelectual de ninguém. Portanto, o diferencial aqui é o próprio espaço enunciativo, já envolvido por diversos posicionamentos em relação ao referente “cotas”, que permite ao sujeito-acadêmico se posicionar contra o sistema de cotas para negros nas universidades. Assim, o lugar/Fórum faz com que a produção dos dizeres seja quase sempre colocada em uma mesma posição em relação ao sistema de cotas, como podemos perceber nos fragmentos textuais a seguir:

[46] *Em relação as cotas que a KPS também comentou, eu acho realmente um absurdo, há uma discriminação totalmente estampada em relação a isso, um sentido de inferioridade* (Comentário de JAVP) (Grifos nosso);

[47] *O rascimo está presente até nas universidades, com a cota para negros, isso que é um absurdo em uma universidade que vai nos ensinar a sermos um profissional, termos uma carreira, ter uma discriminação dessas* (Comentário de AKC) (Grifos nosso).

Nessas materialidades linguísticas mediadas pela ferramenta Fórum observam-se também cortes polissêmicos, isto é, deslocamento, ruptura de processo de significação, uma vez que a polissemia joga com o equívoco. Mais ainda: instaura-se o discurso polêmico em que cada um por si procura dominar o referente. Disso podemos dizer que há um apagamento da FDx, na qual os participantes estão inseridos, permitindo-lhes posicionar-se contra as cotas ou a favor delas para negros na universidade.

[48]... *concordo com você, sempre falamos e falamos mais também na maioria das vezes não fizemos nada contra isso. As cotas são umas das maiores amostras de*

*racismo em nosso governo, pois os negros são como nós e tem direito a tudo como nós* (Comentário de AFK) (Grifos nosso);

*[49] Li o comentário da FA, eu concordo em parte com o sistema de cotas, como já falei antes o problema precisa ser resolvido na base com educação pública de qualidade para todos, no entanto o sistema de cotas resolve parte dos problemas como a nossa colega colocou e por isso é importante* (Comentário de CED) (Grifos nosso).

Nesse dizer [49] há uma ilusão referencial de que o “eu” concorda em parte com o sistema de cotas para negros. Ao enunciar dessa forma, o sujeito-acadêmico apaga da memória discursiva o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) – do Direito à Educação, à Cultura, ao Esporte e ao Lazer – comum a branco, negro, índio, e pardo sem distinção. O mesmo ocorre no recorte a seguir: [50], quando o sujeito-acadêmico ressalta o *ensino público de qualidade para todos* como forma de resolver os problemas sociais.

*[50] O que é preciso não são cotas para negros em instituições de ensino superior, mas rever algumas questões sociais como ensino público de qualidade para todos* (Comentário CED) (Grifos nosso);

Esse dizer, em relação ao outros vistos anteriormente, não só re-afirma a posição sujeito-acadêmico desfavorável às cotas naquele contexto de subjetivação, como aponta a resposta para o problema social: o *ensino público de qualidade para todos*, mas não cita o racial; talvez para essa posição-sujeito o social esteja inserido no racial, como forma de igualdade social.

*[51] em relação as cotas eu acho justo que tenham, pois se é provado o desfavorecimento aos negros novas chances para um bom futuro deve ter* (Comentário de BGK) (Grifos nosso);

Aqui nesse fragmento textual [51] não só o sujeito-acadêmico concorda como também explicita que os negros sofrem desigualdade racial: há nesse dizer uma subjetividade da posição-sujeito “branco” em relação aos negros, “eles”; ao usar o verbo na terceira pessoa do plural, o sujeito-acadêmico remete a uma inferioridade do negro em relação ao branco: por

que não ajudar os negros a ter um futuro melhor, sendo eles desfavorecidos com relação aos brancos.

[52] *Concordo com a C, acho que se somos todos iguais não deveria existir cotas para negros e realmente o governo esta gerando preconceito e racismo* (Comentário de LTH) (Grifos nosso);

Percebemos, então, que os enunciados de forma geral adentram a polissemia, ao manifestar posição a favor ou contra o sistema de cotas para negros nas universidades. Segundo Orlandi (2007, p. 38), “a polissemia é a fonte da linguagem, uma vez que ela é a própria condição de existência dos discursos, pois se os sentidos – e os sujeitos – não fossem múltiplos, não pudessem ser outros, não haveria necessidade de dizer”. A polissemia é a simultaneidade de movimentos distintos de sentido no mesmo objeto simbólico (tema: cotas).

[53] *Com certeza CM, o sistema de cotas não deixa de ser uma forma de discriminação racial, onde nos faz pensar que os negros são menos capacitados do que as demais raças* (Comentário de DNM) (Grifos nosso).

Esse jogo entre paráfrase e polissemia nas materialidades linguísticas do Fórum revelam a não transparência da língua, por isso todo dizer é ideologicamente marcado. Partindo da afirmação de que a ideologia e o inconsciente são estruturas-funcionamentos, Pêcheux (*apud* ORLANDI, 2007) diz que sua característica comum é a de dissimular sua existência no interior de seu próprio funcionamento, produzindo um tecido de evidências “subjetivas” nas quais se constitui o sujeito. Nesse sentido, na ferramenta Fórum os participantes manifestam-se sob efeito de evidência do sujeito. Isto é, apaga-se o fato de que o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia, além de fazer com que sua palavra designe uma coisa, ou seja, sua palavra muda de sentido segundo a posição ideológica dos interlocutores. Assim, observamos que no lugar/Fórum a posição ideológica dos participantes permite que a polêmica se instaure no tema cotas para negros nas universidades.

[54] *"Cotas", nada mais é do que mais racismo* (Comentário de FBM);

Ao enunciar [53] o advérbio de intensidade “mais”, o sujeito-acadêmico deixa pistas de que tem algo a se dizer, enquanto no segundo advérbio “mais” há o efeito de

evidências de que além de existir racismo por outros fatores, o sistema de cotas para negros na universidade prova que também é uma forma de discriminação racial. Assim, ao usar o advérbio como palavra para marcar uma intensidade, o sujeito-acadêmico quer chamar a atenção para mais racismo existente, e um deles é o sistema de cotas para negros em universidades.

*[55] O fato de concordarmos com as cotas das universidades, mostra que pensamos que os negros só conseguem estudar por serem beneficiados pelas cotas. Particularmente, sou extremamente contra as cotas (Comentário de EMO) (Grifos nosso).*

Notável a posição bem marcada em relação ao sistema de cotas nesses dois recortes [55], [56]: aqui os enunciadores se posicionam explicitamente porque o espaço permite que “eles” se manifestem assim, mas isso não acontece com o assunto racismo.

*[56]...o sistema de cotas é uma palhaçada, que eu fico indignada até hoje, o próprio governo está subestimando a sua educação* (Comentário de CM) (Grifos nosso).

Nesses recortes textuais percebe-se que as palavras sempre são explicadas por outras palavras, isto é, estão no limite entre o mesmo e o diferente, por isso, ao tomar a palavra, o sujeito-acadêmico produz um deslocamento na rede de filiação dos sentidos, no entanto fala com palavras já ditas. Segundo Orlandi (2007, p. 36), “nesse jogo entre paráfrase e polissemia, entre o mesmo e o diferente, entre o já-dito e o a se dizer é que os sujeitos e os sentidos se movimentam, fazem seus percursos, (se) significam”. Dito de outra maneira, o fato de o sujeito se constituir pela linguagem, o cruzamento de diversos discursos que o atravessam faz acreditar que sua prática deve ser considerada a partir do resultado de sua relação com o outro.

Temos ainda nos recortes outro exemplo em que o sujeito-acadêmico marca sua fala com relação ao assunto polêmico: cotas para negros nas universidades como mostram os enunciados:

*[57] ...o racismos, ao meu ver, é um dos tipos que prevalecem sem qualquer disfarce, o exemplo mais popular e mais polêmico é o das cotas nas*

*universidades, em que são reservadas algumas vagas para negros em todos os cursos* (Comentário de KF) (Grifos nosso);

[58] *Já fiz meu outro comentário falando de cotas, pois acho esse assunto muito polêmico* (Comentário de FA) (Grifos nosso).

Nesse fragmento há evidências de que o sujeito-acadêmico, ao usar o adjetivo comparativo de superioridade “mais polêmico”, deixa pistas que, além de o tema cotas para negros nas universidades ser mais polêmico, o tema racismo também pode manifestar-se polêmico. Isto é, mesmo não evidenciando na sua escritura, ao usar esses recursos linguísticos “muito polêmico” demonstra que há também uma polissemia “não explicitada” instaurada no tema “racismo”.

Nos fragmentos textuais é notável como os discursos se atravessam; mais ainda: como os sujeitos se constroem de forma dialógica, na base de “eus”. Nos enunciados a seguir percebemos marcas do discurso religioso, isto é, manifestação da memória tratada como interdiscurso que, segundo Orlandi (2007, p. 31), “é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos de memória discursiva”. Destacamos recortes que seguem características do discurso religioso:

[59] *Deus nos ensina amar o nosso irmão como a nós mesmo, esse é o segundo mandamento e o maior de todos é amar a Deus em primeiro lugar* (Comentário de ERS) (Grifos nosso),

O sujeito-acadêmico traz para seu dizer o discurso religioso para determinar sua posição ideológica. E no recorte:

[60] *É dever de todos respeitar e zelar pelo próximo, pois perante Deus e perante a lei somos todos iguais e temos os mesmo direitos e deveres* (Comentário CSC), (Grifos nosso).

O sujeito-acadêmico, além de marcar seu dizer por meio do discurso religioso, determina-se também sob a forma de um sujeito-de-direito (jurídico). Segundo Orlandi (2007, p. 45), “esta forma-sujeito corresponde, historicamente, ao sujeito do capitalismo, ao mesmo tempo determinado por condições externas e autônomo (responsável pelo que diz), um sujeito com direitos e deveres”.

Vejamos ainda, no recorte do *corpus*, um exemplo de como ocorre a memória discursiva que constitui a interdiscursividade entre os envolvidos no processo discursivo:

*[61] Entendendo o racismo como um fenômeno psicológico-cultural construído historicamente e socialmente definido, com base nas teses racista dos séculos XIX e XX, que afirma haver relação entre características raciais e culturais e que algumas raças são superiores a outras (Comentário de TS), (Grifos nosso).*

Aqui, o sujeito-acadêmico traz para seu discurso outros dizeres que já significam pela história e pela língua, uma vez que o dizer não é propriedade particular.

Constata-se, ainda, que o professor, enquanto responsável pelo ensino-aprendizagem, constituído nesse ambiente virtual, interage fazendo comentários de incentivo e em algum momento se posiciona concordando com a posição de alguns participantes, fundamentando sua própria fala no dizer do outro: *É isso menina. Muito fácil julgar, o difícil é reconhecer que vemos primeiro a aparência, para depois o que realmente a pessoa é; Seu comentário é muito pertinente. Realmente você tem toda razão. Não há inclusão se não houver responsabilidade social; Concordo que essa história de cotas não soluciona muito. Não há só negros que necessitam, há muitos estudantes de escolas pública, de classe baixa, que sonham com uma faculdade. A discriminação não inclui só o negro, mas uma sociedade muito pouco favorecida pelo sistema educacional vigente; A denúncia deve ser feita sempre e todos devem pagar pelo seu ato discriminatório, mas acredito que isso deva acontecer quando atinge qualquer pessoa. Não discriminamos só o negro, mas qualquer um que seja diferente de nós; Seu comentário está muito bom e cheio de razão; A questão do racismo é cultural. Sempre houve e sempre haverá. Poderia haver campanhas mais sólidas para conscientização desse mal;*

Se considerarmos as 214 postagens feitas pelos participantes dessa prática discursiva – professor-aluno, aluno-professor-aluno – se observa o movimento do discurso autoritário para o polêmico. Assim, observa-se que há um deslizamento da apropriação, pelo professor, do discurso científico para a produção do conhecimento a partir do entrecruzamento de dizeres entre os envolvidos na interação. E ainda, percebemos a descentralização de sua figura como único organizador de todo processo de ensino-aprendizagem.

## 4.2 ANÁLISE DA(S) HETEROGENEIDADE(S) ENUNCIATIVA(S) NO FÓRUM DO EVA

No nosso entender não prevalece o discurso autoritário na ferramenta Fórum no que concerne à produção do discurso pedagógico. Percebe-se que os interlocutores se expõem a efeitos de sentido em relação ao tema proposto e mediado pelo professor, mas se mostram através das marcas explícitas de heterogeneidade, isto é, marcam-se no texto por meio do discurso relatado (direto, indireto, indireto livre) sem preocupação de repetir o discurso canonizado pela ciência.

Evidenciamos nas postagens no Fórum as heterogeneidades enunciativas em que os participantes se mostram no texto por meio do discurso relatado direto e da conotação autonímica. Conforme anuncia Authier-Revuz (1990, p. 29), “na conotação autonímica, o fragmento mencionado é ao mesmo tempo um fragmento do qual se faz uso: é o caso do elemento colocado entre “ ”; em itálico ou (às vezes) glosado por uma incisa”. Sendo assim, a cadeia discursiva é apresentada sem ruptura sintática. Podemos observar no enunciado a conotação autonímica como forma marcada da heterogeneidade mostrada:

*[62] Concordo plenamente! Nosso país é rico em cultura e devemos isso a diversidade aqui existente! O racismo atualmente anda muito mascarado, justamente por pessoas que tratam desse assunto de forma sutil... (Comentário de TS) (Grifos nosso).*

O sujeito-acadêmico interage concordando com o dizer do outro e utiliza a glosa – explicação<sup>32</sup> – para fazer seu comentário. Portanto, há nesse dizer uma continuidade sintática do discurso, até o momento em que traz para seu discurso o discurso relatado direto:

*[63] Há poucos dias presenciei uma mãe de uma amiga minha dizer a seguinte frase: "Não sou racista, mas minha filha com um negro? Jamais!". E eu me pergunto: Que linha de raciocínio contraditória é essa (Comentário de KPS), (Grifos nosso).*

---

<sup>32</sup> Segundo Authier-Revuz (1990), a glosa não é, em si, caso de conotação autonímica – ela é um “a mais”, que não precisa aparecer para ocorrer a conotação.

[64] *Possuo amigos negros e são tão bons quanto os outros, porque tom de pele não reflete o que a pessoa é interiormente!* (Comentário de KPS), (Grifos nosso).

Aqui o sujeito-acadêmico utiliza a autonímia simples para marcar seu dizer, e essa heterogeneidade que constitui o fragmento mencionado é acompanhada de uma ruptura sintática. Ou seja, o fragmento citado no interior de um discurso direto é apresentado como objeto; é extraído da cadeia enunciativa normal e remetido a outro lugar: aquele de outro ato de enunciação, conforme afirma Authier-Revuz (1990), “(Z disse: ‘X’, **na expressão de Z**, ‘X’...”.

Disso podemos evidenciar que o fragmento *uma mãe de uma amiga minha dizer a seguinte frase*, corresponde a “Z disse:” e o fragmento *“Não sou racista, mas minha filha com um negro? Jamais!* corresponde a “X”. Já no recorte: *E eu me pergunto: Que linha de raciocínio contraditória é essa*, o fragmento é designado como um outro: é aquele em que se traz de um lugar e introduz em outro, como se percebe na cadeia discursiva em que o sujeito-acadêmico discorre sobre um determinado assunto e, logo, remete a um discurso oposto: *Possuo amigos negros e são tão bons quanto os outros*, por isso, Authier-Revuz (1990, p. 29) afirma que na autonímia simples “a heterogeneidade que constitui um fragmento mencionado, entre os elementos linguísticos de que se faz uso, é acompanhada de uma ruptura sintática”.

Para uma melhor compreensão, as formas marcadas de heterogeneidade mostrada, conforme Authier-Revuz (1990, p. 33), “representam uma negociação com as forças centrífugas, de desagregação, da heterogeneidade constitutiva: elas constroem, no desconhecimento desta, uma representação da enunciação, que, por ser ilusória, é uma proteção necessária para que um discurso possa ser mantido”. Assim, essa representação da enunciação é igualmente constitutiva, em um outro sentido: além do “eu” que se coloca como sujeito de seu discurso, essas formas marcadas de heterogeneidade mostrada no discurso do sujeito-acadêmico reforçam, confirmam, asseguram o “eu” por uma especificação de identidade, dando corpo ao discurso, isto é, pelas bordas, pelos limites que elas traçam – e dando forma ao sujeito enunciador – pela posição e atividade metalinguística que encenam.

Além disso, percebemos nos enunciados as formas não marcadas da heterogeneidade mostrada quando o sujeito-acadêmico traz para seu dizer, o discurso relatado indireto, faz referência ao outro, isto é, traz para seu dizer o dizer do outro:

[65] *Eu concordo com o comentário do Jaison Cristian da Cunha Tavares que tem várias campanhas de conteúdo social* (Comentário de TGF) (Grifos nosso);

[66] *...concordo com o comentário da Vania Gava Marine; as pessoas hoje, com toda essa história de desenvolvimento tecnológico* (Comentário de ARS) (Grifos nosso);

[67] *... concordo com a professora quando ela afirma que dentre os racismos o da raça é o mais agressivo* (Comentário de ICRF) (Grifos nosso).

Nesses recortes, temos é uma posição-sujeito que por ora não se posiciona como racista, ao contrário, se marca a partir da prática discursiva do outro em relação a si próprio. Podemos, também, observar as posições sócio-históricas constituídas no entremeio dos discursos. Da mesma forma, a heterogeneidade mostrada pode contribuir, no âmbito do discurso, para manter a distinção entre o (eu) pleno e o (sujeito) que tropeça, isto é, o sujeito tem a ilusão de que seu discurso é isento do já-dito na fala do outro. Assim, as distinções operadas pelas formas marcadas de heterogeneidade mostrada revelam da relação de (um) com o (outro) inscrito na pluralidade.

Também é importante ressaltarmos no recorte do corpus de nossa pesquisa que a fala dos participantes é atravessada por várias formações discursivas, mostrando a heterogeneidade que está na base de sua constituição e que, num outro nível, se mostra através de marcas específicas.

Authier-Revuz (1990) desdobra os pontos a que chama de heterogeneidade constitutiva do sujeito e do seu discurso. Como primeiro desdobramento, toma o discurso como produto do interdiscurso, ou seja, cita o “dialogismo” do círculo de Bakhtin, e, numa outra perspectiva, investe em Freud e na releitura Lacaniana do sujeito e de sua relação com a linguagem – a teoria de seu objeto próprio, o inconsciente. Nessa perspectiva, observamos nos enunciados postados no Fórum uma exterioridade interna ao sujeito e ao discurso:

[68] *O filme retrata uma realidade que ainda existe, mesmo com a modernidade, a informação, as campanhas anti-racismo, existem pessoas intolerantes e no meu entender criminosas* (Comentário de ICRF) (Grifos nosso);

[69] *Segundo o dicionário, preconceito significa; Historiadores constatam que o racismo é uma carga acumulada da época da escravização, e que a mente humana talvez não tenha evoluído como muitos pensam* (Comentário de KPS) (Grifos nosso);

[70] *Embora os atos de discriminação estejam publicamente proibidos por lei, a discriminação em função da cor da pele* (Comentários de TGF) (Grifos nosso).

[71] *Portanto temos a consciência de que esse preconceito resulta de algumas raízes, (escravos, nazistas), porém já eram para ter sido superadas* (Comentário de CMB), (Grifos nosso).

Aqui, percebemos que o sujeito-acadêmico traz para seu discurso outros discursos pré-existentes, ou seja, estabelecidos já de outro lugar, legitimados como notamos nas expressões “o filme retrata” “Segundo o dicionário”, “época da escravidão “proibidos por lei” “algumas raízes, (escravos, nazistas)”.

Por assim dizer, não se tem como separar a heterogeneidade mostrada da heterogeneidade constitutiva, uma vez que estão em jogo de maneira solidária esses dois planos distintos, em que as formas marcadas da heterogeneidade mostrada funcionam como costuras escondidas nas rupturas sintáticas do discurso. Como vemos nos enunciados, essas duas ordens de realidade são irredutíveis, mas articuláveis:

[72] *Entendendo o racismo como um fenômeno psicológico-cultural construído historicamente e socialmente definido, com base nas teses racista dos séculos XIX e XX, que afirma haver relação entre características raciais e culturais e que algumas raças são superiores a outras. E, como categoria de análise o racismo é, “do ponto de vista comportamental”, identificado através do preconceito e de medidas discriminatórias onde, segundo o conceito dado por Arnold Rose, define-se preconceito como “um conjunto de atitudes que provocam, favorecem ou justificam medidas de discriminação”* (Comentário de TS) (Grifos nosso).

Tanto o sujeito-acadêmico trabalha com as formas marcadas de heterogeneidade mostrada: “do ponto de vista comportamental”, quanto retoma palavras já existentes: *Entendendo o racismo como um fenômeno psicológico-cultural construído historicamente e socialmente definido*, isto é, o sujeito esquece que o dizer já foi dito e se apropria desse dizer para se constituir enquanto sujeito.

Maingueneau trabalha com a noção de interdiscurso e aprofunda-se no conceito do primado do interdiscurso, colocando-o numa relação inseparável entre o *Mesmo do discurso do Outro*. Assim, utilizando a noção de *espaço discursivo*, proposta por Maingueneau (2008) e fazendo um recorte dessas formações discursivas, constatamos a existência de pelos menos dois espaços discursivos: num primeiro plano, opõem-se ao “discurso do senso comum” (que se mescla com a voz da escola e aparece como FDx

dominante) e a linguística de caráter científico; num outro plano (mais relacionando à construção e gerenciamento do conhecimento), temos o discurso pedagógico tal como propõe Orlandi (2003), em que o referente racismo não é dominado, mas se opõe quando emerge na interdiscursividade o referente “cotas para negros nas universidades”, o que resulta na polissemia controlada. Para isso, podemos mostrar em tais recortes essas formações discursivas entrecruzando-se:

*[73] O racismo no Brasil é uma incoerência, pois boa parte da nossa cultura é proveniente da raça negra. Podemos citar vários exemplos como a religião que se propagou fortemente em todo o país, a comida criativa e saborosa com seus exóticos temperos, o jeito de falar e não podemos esquecer da capoeira que é a única luta realmente brasileira, e foi com ela que capoeiristas baianos ajudaram a ganhar a Guerra do Paraguai/1865-1870 (Comentário de ICBO) (Grifos nosso).*

Nesse recorte [73] podemos perceber que o sujeito-acadêmico traz para seu discurso outras formações discursivas para melhor fundamentar sua fala e assumir-se como não-racista, ao explicitar a religião como uma formação dominante no país. Ou seja, o acadêmico se insere no discurso religioso que ele incorpora, além de trazer a capoeira que tem uma forte relação com a Guerra do Paraguai. São duas formações discursivas, cada qual com sua conjuntura sócio-histórica dada que vai determinar o que pode e deve ser dito neste lugar.

*[74] Várias campanhas de conteúdo social insistem em tratar negros como dignos de pena. Ao invés desta postura impertinente as campanhas poderiam ser mais eficazes, não desvinculando a pobreza do racismo como usualmente fazem. Se os anunciantes realmente tivessem interesse em contribuir para a reversão desse quadro estariam discutindo responsabilidade social (Comentário de JCCT) (Grifos nosso);*

Já nesse fragmento [74] o sujeito-acadêmico apresenta outra formação discursiva: no entrelaçar do acontecimento discursivo, isto é, traz para dentro de sua fala o discurso publicitário como responsável pela discriminação racial. Dito de outro modo, o discurso publicitário é trazido pelo sujeito como objeto, não como inscrição da subjetividade, ao contrário de quando um acadêmico se insere no discurso religioso. Com isso, a posição-

sujeito não se compromete com o seu dizer, ou seja, quando ele traz essa formação discursiva, ela pode ser vista como regionalização do interdiscurso; segundo Orlandi (2007), o interdiscurso disponibiliza dizeres, determinando, pelo já-dito, aquilo que constitui uma formação discursiva em relação a outra.

[75] ...acredito que as leis anti-racismo devem ser aplicadas com seriedade e justiça, mesmo que no Brasil isso pareça surreal (Comentário de ICRF) (Grifos nosso).

O mesmo ocorre nesse enunciado [75] ao trazer o discurso jurídico como forma de punição aos que cometem injustiça ao negro devido à cor de pele. Isso mostra que uma formação discursiva não pode ser concebida como um bloco compacto e estanque a se opor a outros, de modo que os limites entre uma FD e outra não são, sobretudo, traçados de modo definitivo, podendo deslocar-se, embaralhar-se. Nesse ponto dizemos que na ferramenta Fórum o discurso não é estanque, acabado, uma vez que a heterogeneidade se articula entre um dizer e outro, abrindo para outras possibilidades de dizer o já-dito e ainda o não-dito.

#### 4.3 ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DO ETHOS DOS ACADÊMICOS DO EVA

Para Maingueneau (2008), o *ethos* está associado à imagem do enunciador. A noção de *ethos* se desenvolveu de forma articulada à de cena de enunciação. Aqui, chamamos a atenção para a construção da imagem do sujeito-acadêmico, no caso, o enunciador, no discurso que se materializa na ferramenta Fórum do EVA. E, estando inserido nesse lugar/Fórum, o enunciador também se coloca na cena de enunciação e por isso compromete-se com o texto/enunciado.

Por um lado, temos o lugar/Fórum – cena da enunciação – que se constitui de um discurso pedagógico – *cena englobante* – em que não encontramos o predomínio do discurso autoritário. De outro lado, temos os textos postados pelos participantes – *cena genérica*. Além desses elementos, temos ainda a maneira como o enunciador constrói seu argumento, considerando, naquele momento, o desejo de que seu enunciado seja aceito pelos demais participantes. Isto é, o enunciador articula seu dizer de modo a fazer com que o público aceite

o lugar que lhe é designado na *cenografia*. Assim, vejamos nos recortes abaixo como as cenas enunciativas são construídas a fim de servir de base para o ethos *pré-discursivo* e para o ethos *discursivo*. Por assim dizer, no discurso mediado pela ferramenta Fórum, o enunciador, por exemplo, pode falar a seus interlocutores como aluno universitário branco, como se observa nestes fragmentos:

[76] *A questão de que nem sempre somos nós brancos que discriminamos os negros, muitas vezes os próprios negros se consideram inferiores para poderem desfrutar de vantagens que julgam que conseguirão se passar uma imagem de inferioridade* (Comentário de BSS) (Grifos nosso);

[77] *Se cada um de nós estamos conscientes de que ninguém é melhor que ninguém sejamos nós brancos ou negros, rico ou pobres o mundo não estaria como esta hoje* (Comentário de VGM) (Grifos nosso);

[78] *...pois os negros são como nós e tem direito a tudo como nós* (Comentário de AKC) (Grifos nosso).

A partir desses dizeres, podemos mostrar que o enunciador não só se propõe a interagir com o interlocutor, mas também quer marca a sua imagem no discurso. Ao mesmo tempo em que exprime por palavras sua especificidade, diferencia-se dos demais interlocutores, mesmo que esteja concordando com o já dito. Isto é, a maneira de dizer autoriza a construção de uma verdadeira imagem de si. Para Maingueneau (2008), o enunciador deve conferir a si e a seu destinatário certo *status* para legitimar seu dizer, declarando assim uma posição institucional e marcando sua relação com um saber.

A afirmativa do sujeito enunciador no recorte: “*os negros são como nós*” remete à construção de um “nós” branco, ao mesmo tempo em que a pessoa do “nós” se constrói em oposição à pessoa do “eles”, ou seja, os negros. Dito de outro modo, percebemos a emergência de uma força pré-discursiva que não permite posicionamento racista nesse espaço acadêmico, ao menos de forma explícita e consciente. Assim, quando o “nós” fala está alçado dentro da esfera do discurso pedagógico (ORLANDI, 2003), o que o faz deixar marcas explícitas de sua própria imagem em determinada posição subjetiva, quando o sujeito se coloca assumindo uma posição de universitário branco.

Para Auchlin (2001, apud MAIGUENEAU, 2008), a própria concepção de *ethos* está suscetível a amplas zonas de variação, como se observa nos recortes quando o enunciador se manifesta no singular – “eu”:

[79] *...posso amigos negros e são tão bons quanto os outros, porque tom de pele não reflete o que a pessoa é interiormente!* (Comentário de KPS) (Grifos nosso).

E no coletivo – “nós”:

[80] *...não precisamos esperar pelos outros para que esse problema social se resolva* (Comentário de ERS) (Grifos nosso).

Nesse recorte nos mostra a maneira como enunciador se comporta e de como se apresenta na interação. O *ethos* pode ser ainda concebido como *mais ou menos axiológico* quando o enunciador se manifesta como homem de bem, estimado, como revela esta sequência linguística retirada do corpus:

[81] *...quando o racismo acabou, os negros não tinham leis ou direitos que os ajudassem, dessa forma durante muitos anos viveram em condições mais precárias quando comparados a indivíduos brancos. Por isso, acredito que hoje eles mereçam alguns privilégios* (Comentário de FA) (Grifos nosso).

Nota-se que, ao dizer que os negros merecem mais privilégios, o enunciador se declara um ser humano com valores sociais e éticos – locutor agradável. Esse enunciador vai construindo, por meio do seu dizer, o *ethos* que o vai legitimar como pessoa do bem, reforçando sua posição de não racista. É o contrário de quando o enunciador se manifesta *ousado* ao trazer dentro do discurso o referente das cotas para negros nas universidades, como podemos observar aqui:

[82] *...o sistema de cotas citado pela C com certeza é uma palhaçada e é uma comprovação de que leis desse mesmo estilo fazem com que o racismo seja cada vez maior entre as pessoas* (Comentário de MCZ) (Grifos nosso);

[83] *...o sistema de cotas é uma palhaçada, que eu fico indignada até hoje, o próprio governo está subestimando a sua educação* (Comentário de CM) (Grifos nosso).

Nessas materialidades linguísticas o enunciador deixa claro que é contra o sistema de cotas para negros nas universidades. Ao manifestar-se assim, ele não se propõe a interagir

como no recorte anterior, em que o enunciador quer conferir a si um *status* de homem do bem, embora deixe pistas de um discurso racista, mesmo buscando distanciar-se dessa posição, atribuindo a culpa ao *próprio governo*. Nesse dizer convém destacar que a posição racista investe na tentativa de manter uma posição não racista, e para isso, a estratégia discursiva do enunciador é de produzir um deslizamento. A mesma ideia pode ser observada no recorte que segue: não é o branco que é racista em relação ao negro, mas o negro em relação ao branco:

[84] *concordo com a professora quando ela afirma que dentre os racismos o da raça é o mais agressivo, porém tenho uma ressalva no sentido de que nem sempre de branco com negros, mas também de negros com brancos (mesmo que na minoria dos casos) (Comentário ICRF) (Grifos nosso);*

[85] *o racismo racial não é apenas dos brancos para com os negros, o contrário também acontece. Não sei se você concorda comigo, mas a criação das cotas para negros nas universidades pode ser uma prova disso (Comentário de MVR) (Grifos nosso);*

[86] *é fácil perceber o preconceito do branco com o negro, no entanto em outros locais, também se encontra o preconceito do negro para com o branco, talvez em menor quantidade e tomando menores dimensões (Comentário MPPL) (Grifos nosso);*

[87] *Concordo com você e acrescento que, além do racismo do negro contra o branco, o branco contra o negro, há ainda o racismo do negro contra o negro (os negros se vêem como branco e menosprezam os negros) (Comentário de VS) (Grifos nosso);*

[88] *Concordo com você, nos dias atuais, não é só o negro que sofre preconceito, o negro se tornou igual, também discriminando o branco...(Comentário de CS) (Grifos nosso).*

A cena de enunciação permite que o enunciador se manifeste na posição de aluno universitário branco, e com isso traz para seu dizer outro referente, como se percebe no recorte [85]; ao fazer isso, não só re-afirma a sua posição de branco naquele contexto de subjetivação, como aponta para um preconceito velado, isto é, como branco não pode expor o preconceito racial contra os negros em contexto educacional. Ainda nesse fragmento podemos o aferir o *ethos dito* quando o enunciador se mostra explicitamente como homem branco.

Também se percebe nesse enunciado o deslize do tema para uma perspectiva do discurso polêmico.

[89] *Não sei se você concorda comigo, mas a criação das cotas para negros nas universidades pode ser uma prova disso. Os negros se respaldam atrás das cotas e se vitimizam através delas. Esse comportamento identifica o preconceito que eles têm contra os brancos*” (Comentário de MVR) (Grifos nosso);

[90] *Não aprovo o sistema de cotas, pois, como a JB disse, a cor de pele não afeta cognitivo de alguém!* (Comentário de KPS) (Grifos nosso);

[91] *Em relação as cotas que a KPS também comentou, eu acho realmente um absurdo, há uma discriminação totalmente estampada em relação a isso, um sentido de inferioridade, afinal, não vai ser a cor de pele que vai diferenciar a capacidade de ninguém, muito pelo contrário, eles não são inferiores e não precisam de uma “ajuda” como esta de cotas para passar, pelo contrario podem até ser bem melhores* (Comentário de JAVP) (Grifos nosso);

[92] *A questão de cotas para negros nas universidades vem sendo discutida no momento, mas encontra resistência em diferentes setores da sociedade. Argumenta-se que o estabelecimento de cotas será mais um reconhecimento da existência do racismo, não significando que assim o negro terá melhor possibilidades de acesso à promoção social* (Comentário de JCCT) (Grifos nosso).

Nessa prática discursiva instaura-se o discurso polêmico evidente nos enunciados [89], [90] e [91]: o sujeito-acadêmico não mostra diretamente sua posição racista, ou não-racista, mas quando na interação entra o tema das cotas, o enunciador manifesta diretamente suas características, dizendo ser contra ou a favor – *ethos dito*. No entanto, não ocorre o mesmo com o recorte [91], quando o enunciador não se posiciona diretamente a favor ou contra as cotas e atribui responsabilidade à sociedade ao dizer: *encontra resistência em diferentes setores da sociedade*, ou seja, a sociedade não concorda com a aprovação das cotas para negros. O que temos nesse dizer é o *ethos mostrado*, quando o sujeito-acadêmico não diz diretamente ser essa pessoa ou aquela, mas é reconstruído através de pistas fornecidas por ele no seu discurso. Não há uma distinção nítida de separação entre o explicitado e o não explicitado nesses enunciados, uma vez que ambos se relacionam mutuamente. Assim, para

que a interatividade possa causar uma boa impressão, é necessária a construção do *ethos* efetivo pelos participantes do EVA.

No enunciado [89] nota-se que a imagem do sujeito falante no discurso “eu” diferencia-se do dizer do outro, e ao mesmo tempo o sujeito quer mostrar que os negros – “eles” de quem se fala – ao aceitarem o sistema de cotas para negros em universidades tornam-se vítimas da própria discriminação racial e social. Ao enunciar [90], o sujeito-acadêmico remete ao fato de que a cor da pele não prova que o sujeito é mais inteligente, ou menos inteligente, e que o cognitivo não é medido pela cor da pele, enquanto o enunciado [91] mostra o que está em jogo: a relação de inferioridade dos negros em relação aos brancos. Desse modo, cria-se, através do dizer, o *ethos*. Segundo Ducrot (1984, p. 204), “o ‘eu’ como sujeito da enunciação e ‘eu’ como sujeito do enunciado, respectivamente, permite, não apenas ver o que o locutor diz de si mesmo, mas também a aparência que a palavra lhe confere”. Em outras palavras, é a imagem que se tem dos participantes do Fórum, uma vez que demonstram, por meio da palavra, a confiança e a simpatia.

Ainda, ao dizer: *a cor de pela não afeta a capacidade cognitiva de ninguém*, o enunciado busca estabelecer também uma posição não-racista, enquanto apaga o questionamento de sua própria afirmação na produção: *então por que os negros não estão dentro das universidades?* Isso apontaria para a prova de uma história racista que constitui os negros à margem do sistema educacional. O mesmo raciocínio pode ser aplicado no fragmento [90], quando o enunciador diz: *a cor de pele não afeta cognitivo de alguém ou não vai ser a cor de pele que vai diferenciar a capacidade de ninguém...*, dessa forma constrói, por meio de sua posição-ideológica, o *ethos visado*. Já no enunciado [91], por exemplo, o enunciador projeta uma imagem positiva em relação ao negro, de que sua capacidade cognitiva pode ser bem melhor do que a de um branco, e aí o enunciador pode ser percebido como irônico. Ou seja, o enunciador inicialmente constrói o *ethos visado*, mas nem sempre o *ethos visado* vai ser o *ethos produzido*, vai depender do ponto de vista do enunciador ou dos interlocutores.

[93] A questão de cotas para negros nas universidades vem sendo discutida no momento, mas encontra resistência em diferentes setores da sociedade. Argumenta-se que o estabelecimento de cotas será mais um reconhecimento da existência do racismo, não significando que assim o negro terá melhor possibilidades de acesso à promoção social (Comentário de JCCT) (Grifos nosso).

Ao escolher essas palavras [93], o enunciador constrói uma imagem não-racista e distancia-se do “eu”, colocando a sociedade como responsável por não aceitar o sistema de cotas para negros nas universidades. Outra questão é com relação à formação discursiva na qual está inserido e que papéis o enunciador tem a desempenhar, inscrito em um lugar que legitima seu enunciado.

Para Maingueneau (2008), o *ethos* está ligado ao ato da enunciação, isto é, os participantes também edificam representações do *ethos* de quem está enunciando. Desse modo, o autor distingue em *ethos pré-discursivo* – saber prévio que o auditório tem do orador – e *ethos discursivo* – que se divide em: *ethos dito* e *ethos mostrado*. Vejamos também nos recortes a seguir: [94] como o sujeito enunciativo se apropria do discurso religioso para criar seu *ethos discursivo*, para representar em si, a confiança e a honestidade. O mesmo ocorre no enunciado [95], ao ocupar o sujeito-acadêmico uma posição religiosa, ele apropria-se da lei no espaço religioso para enfatizar mais ainda sua qualidade de homem estimado e merecedor.

[94] *Devemos parar de olhar o lado externo das pessoas e começar a ter um olhar mais humano, pois diante de Deus, somos todos iguais, e com o mesmo valor* (Comentário de ERS) (Grifos nosso);

[95] *Aquele que diminui ou persegue o irmão pela cor da pele ou por qualquer outra característica étnica, viola o grande mandamento, síntese de toda a lei e dos profetas, "amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo* (Comentário de MCP) (Grifos nosso);

[96] *Concordo plenamente, pois se colocarmos em prática aquilo que Deus nos ensina, creio que a discriminação racial seria bem menor, pois Deus nos ensina amar o nosso irmão como a nós mesmo, esse é o segundo mandamento e o maior de todos é amar a Deus em primeiro lugar, se colocássemos isso em prática, creio que a humanidade viveria bem melhor, sem preconceitos e sem discriminação...* (Comentário de ERS) (Grifos nosso).

Mais especificamente nos enunciados [94]; [95] e [96], o sujeito-acadêmico distancia-se da posição do “eu” ao colocar a posição “nós” nos dizeres: “Devemos parar de olhar o lado externo das pessoas e começar a ter um olhar mais humano” ou ainda “se colocássemos isso em prática, creio que a humanidade viveria bem melhor, sem preconceitos” mais ainda “Deus nos ensina amar o nosso irmão como a nós mesmo”. Ao fazer isso, o sujeito-acadêmico não se compromete com o dito e evidencia em sua fala um

status de homem religioso – remissão às práticas errôneas. Mesmo se distanciando do “eu”, ao usar o “nós” o sujeito insere-se nesse dizer, não como sendo sua posição particular, mas uma posição pluralizada de um “nós” que representa a própria sociedade, um “nós” coletivo e sem chances de não pertencimento.

*[97] Entendendo o racismo como um fenômeno psicológico-cultural construído historicamente e socialmente definido, com base nas teses racista dos séculos XIX e XX, que afirma haver relação entre características raciais e culturais e que algumas raças são superiores a outras. E, como categoria de análise o racismo é, “do ponto de vista comportamental”, identificado através do preconceito e de medidas discriminatórias onde, segundo o conceito dado por Arnold Rose, define-se preconceito como “um conjunto de atitudes que provocam, favorecem ou justificam medidas de discriminação.” (Comentário de TS) (Grifos nosso).*

No entanto, percebe-se nessa materialidade linguística [97] que o sujeito-acadêmico manifesta-se num tom de quem tem o que ensinar, isto é, numa conduta professoral. Assim, o ethos *pré-discursivo* liga-se aos estereótipos estabelecidos pela sociedade – algo já cristalizado – e é construído por meio das pistas linguísticas. Desse modo, coincide com o *ethos discursivo mostrado* no momento em que o enunciador coloca seu ponto de vista com relação ao racismo e fundamenta sua fala na cientificidade. Não estamos querendo dizer que nesse enunciado predomine o discurso autoritário proposto por Orlandi (2003), mas sim que o enunciador se apropria também da voz do cientista: segundo o conceito dado por Arnold Rose, define-se preconceito como “um conjunto de atitudes que provocam, favorecem ou justificam medidas de discriminação.” para confirmar seu dizer, porquanto, além de atribuir ao cientista um *status*, não apaga o devido reconhecimento de cientista. O mesmo ocorre no dizer [98], quando o enunciador explicita seu dizer em relação ao dizer dos cientistas: vários cientistas já comprovaram.

*[98] Seria inocência dizer que não existe racismo e que por mais oculto que ele esteja sempre tem alguém que expressa ele de forma sutil ou mesmo abertamente, quando nega emprego ou mesmo quando faz gestos de desprezo a pessoas de cor. O fato é que vários cientistas já comprovaram, o que não haveria necessidade se não fosse a ignorância de alguns, é que não existe raça superior* (Comentário ICBO) (Grifos nosso).

Por meio de sua fala [98], o sujeito-acadêmico cria uma figura de um *fiador* que, segundo Maingueneau (2008), expressa sua *maneira de dizer* que é também uma *maneira de ser*. De certa forma adere-se a uma identidade, além do que, a forma de exprimir algo por meio de palavras permite a elaboração de uma verdadeira imagem de si, contribuindo no processo de inter-relação entre o locutor e seu interlocutor no momento em que o locutário faz inferência a partir de indícios discursivos. Assim, o enunciador procura, com a construção de uma imagem, causar impacto; concomitantemente, o ethos está atrelado à maneira de reconhecimento do locutor pela fala.

[99] *Racismo no Brasil é, no mínimo, uma atitude de ignorância as próprias origens. Qual é o antepassado do “verdadeiro brasileiro”? Indígena (os primeiros povos a habitar a terra do ‘Pau Brasil’)? Os negros (que foram trazidos para trabalhar como escravos e, ainda, serviram de mercadoria para seus senhores)? Os portugueses (que detém o status de descobridores desta terra)? Porém, pode ser a miscigenação de todas as raças, como vemos hoje? Afinal de contas, aqui se instalaram povos de todos os lugares do mundo. Portugueses, espanhóis, alemães, franceses, japoneses...*(Comentário de KC) (Grifos nosso);

[100] *E, como categoria de análise o racismo é, “do ponto de vista comportamental”, identificado através do preconceito e de medidas discriminatórias onde, segundo o conceito dado por Arnold Rose, define-se preconceito como “um conjunto de atitudes que provocam, favorecem ou justificam medidas de discriminação.”* (Comentário de TS) (Grifos nosso).

E no fragmento textual [99] o enunciador se mostra atrelado, também, a uma conduta professoral, isto é, o sujeito-acadêmico não apresenta as razões em torno do referente – racismo – nem se reduz ao “é porque é” como evidencia neste enunciado: *Racismo no Brasil é, no mínimo, uma atitude de ignorância as próprias origens*; e também no recorte [100]: *o racismo é, “do ponto de vista comportamental”, identificado através do preconceito e de medidas discriminatórias*. Aqui, cada enunciador vai entrelaçando seu dizer de forma a construir e apropriar o conhecimento, diferentemente do discurso autoritário, em que há conclusões exclusivas e dirigidas, não podendo o acadêmico contrariá-las.

#### 4.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE A ANÁLISE

Considerando-se que, pelo viés da análise do discurso, todo texto é uma entidade física pela qual se veicula um discurso, o discurso é, assim, palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando. E mais, todo discurso traz uma realização de linguagem de um sujeito que quer atuar sobre o interlocutor. Nesse sentido, notamos que o sujeito-acadêmico não só se propõe a interagir com o interlocutor, como ainda produz sentidos de certo lugar discursivo, no caso, o Fórum. Desse lugar, ele se coloca assumindo uma posição de estudante universitário branco, sempre em 1ª pessoa do discurso, ora singular “eu”, ora plural “nós”. Assim, nos enunciados postados veiculam-se posições sociais ideologicamente constituídas, donde se infere que o lugar/Fórum determina as posições ideológicas assumidas pelo sujeito-acadêmico, isto é, suas palavras mudam de sentido por estarem num espaço em que o dizer é determinado pela formação discursiva (UnisulVirtual).

Vale notar que a proposta (da professora) para discutir o tema racismo no Fórum visava à entrada em um assunto polêmico, isto é, abertura para os participantes assumirem posições diferentes. No entanto, percebe-se que essa polêmica não surge de imediato, porquanto há nesse espaço de enunciação uma delimitação do que é possível e do que não é possível dizer. O tema racismo, em si, não gera a produção de textos que aflorem subjetividades distintas; todos, nesse primeiro momento, são levados a produzir seus enunciados com base numa imagem que constroem de si nesse espaço: estudante universitário branco. Mas, quando o discurso adentra o referente – cotas para negros em universidades – é dominado pelos participantes, que lhe dão uma direção, indicando perspectivas particularizantes, o que resulta na *polissemia controlada*. Dessa forma, a discursividade monitorada pelos próprios interlocutores do EVA desencadeia várias posições discursivas, possibilitando ao enunciador marcar a sua imagem no discurso de diferentes formas.

Dentre as posições assumidas, sempre que o “nós” é marcado instaura-se uma contradição com o “eu” pelo fato de o “eu” defender outro posicionamento. A posição do “nós” surge coletivizada em um lugar comum no contexto social e assume certa marca de racismo, mas mesmo assim deve ser combatido pelo “eu” acadêmico, porque o indivíduo é interpelado pela língua, pela história e pela ideologia, tornando-se sujeito, e quando o homem assume a posição-sujeito, ele se subjetiva, de modo particular, visto que, teoricamente, é “sempre já” sujeito.

O mecanismo imaginário que o “nós” tem do negro, ao tomar o tema racismo como objeto do discurso e por estar inserido dentro de uma conjuntura sócio-histórica, vai apontar para aquele de quem se fala (ele) que é identificado como negro. Assim, o sujeito-acadêmico fala a partir do lugar de branco “nós” e suas palavras significam de modo diferente do que se falasse do lugar do negro “ele”. Isto é, o que significa no discurso são essas posições assumidas pelos participantes do Fórum. Além disso, as condições de produção em que os participantes estão inseridos estabelecem as relações que o sentido mantém com a memória e também o remete a determinada formação discursiva. Isto é, os participantes interagem construindo uma relação imaginária com o tema proposto e a partir dessa relação se constituem no confronto do simbólico (materialidade discursiva) com o político (UnisulVirtual).

Podemos dizer ainda que a posição-sujeito produz a ilusão de que o sujeito sabe o que diz, uma vez que o sujeito não tem acesso ao modo pelo qual os sentidos se constituem nele. O fato de que há um já-dito nos comentários postados no Fórum faz com que o sujeito-acadêmico, na formação discursiva na qual está inserido, não se permita ser racista – considerando aqui o tema racismo. No entanto, quando surge o referente das cotas, aí uma posição racista vem à tona sem que o sujeito se dê conta disso – o deslize – isto é, o sentido e o sujeito escorregam, derivam para outros sentidos, para outras posições. Ou ainda, noutro contexto – fora do espaço acadêmico virtual – essa mesma posição racista pode aflorar tranquilamente num evento social: uma festa, ou bate-papo num bar; esse sujeito poderia – por exemplo – contar, tranquilamente, uma piada de negro, em que a cor de pele fosse o mote de escárnio.

Convém salientar que a posição-sujeito “nós”, ao trazer para dentro do discurso outras vozes: “*as pessoas*”, “*várias pessoas*”, “*muitas pessoas*” não se compromete com o que foi dito. Portanto, há certo distanciamento do “nós” com relação às “*muitas pessoas*” pelo fato de o lugar/Fórum não permitir posição favorável ao racismo. Ao manifestar essas marcas linguísticas, a posição-sujeito deixa implicações de um discurso racista de que “*as pessoas*”, “*várias pessoas*” são racistas, nunca se reconhecendo como tal.

Assim, no ambiente virtual o conhecimento não é homogêneo, uma vez que o aluno constrói seu conhecimento diferentemente do que acontece quando no discurso pedagógico predomina o discurso autoritário – no qual o conhecimento já é tomado como pronto e acabado.

Nas materialidades linguísticas mediada pela ferramenta Fórum, observam-se também cortes polissêmicos, isto é, deslocamento, ruptura de processo de significação, uma

vez que a polissemia joga com o equívoco. Mais ainda: instaura-se o discurso polêmico em que cada um por si procura dominar o referente, como, no caso: cotas para negros. Disso podemos dizer que há um apagamento na posição-sujeito da formação discursiva na qual os participantes estão inseridos, permitindo-lhes posicionarem-se contra ou a favor das cotas para negros nas universidades. Isto é, o próprio espaço enunciativo já é envolvido por diversos posicionamentos. Assim, o lugar/Fórum faz com que a produção dos dizeres naquele espaço seja quase sempre colocada em posições diferentes em relação ao sistema de cotas.

No jogo entre paráfrase e polissemia os comentários postados no Fórum revelam a não transparência da língua, e por isso todo dizer é ideologicamente marcado. Nesse sentido, no Fórum os participantes se manifestam sob efeito de evidência do sujeito. Isto é, apaga-se o fato de que o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia, além de fazer com que sua palavra designe uma coisa; sua palavra muda de sentido segundo a posição ideológica dos interlocutores.

No nosso entender, na ferramenta Fórum, no que concerne à produção do discurso pedagógico, não prevalece o discurso autoritário, nem o conhecimento é homogêneo. Percebemos que os interlocutores se expõem a efeitos de sentidos em relação ao tema proposto mediado pelo professor, além de se mostrarem através das marcas explícitas de heterogeneidade, isto é, marcam-se no texto por meio do discurso relatado (direto, indireto, indireto) sem preocupação de repetir o discurso canonizado pela ciência.

Também é importante ressaltar nesta análise que a fala dos participantes é atravessada por várias formações discursivas, mostrando a heterogeneidade que está na base de sua constituição e que, num outro nível, mostra-se através de marcas específicas. O sujeito-acadêmico coloca outra formação discursiva: no entrelaçar do acontecimento discursivo, trazendo para dentro de sua fala outros dizeres, já pré-existentes. Com isso, o sujeito não se compromete com o seu dizer, ou seja, quando ele traz outra formação discursiva, ela pode ser vista como regionalização do interdiscurso. Assim, podemos dizer que na prática discursiva no Fórum os participantes interagem com base no dizer do “outro”, mantendo assim sempre algo dizível, a memória.

Do exposto se infere que uma formação discursiva não pode ser concebida como um bloco compacto e estanque a se opor a outros, de modo que os limites entre uma FD e outra não são, sobretudo, traçados de modo definitivo, podendo deslocar-se, embaralhar-se. Nesse ponto dizemos que na ferramenta Fórum o discurso não é estanque, acabado, uma vez que a heterogeneidade se articula entre um dizer e outro, abrindo-se para outras possibilidades de dizer o já-dito e o ainda não-dito.

Também ficou evidente que o enunciador não só se propõe a interagir com o interlocutor, mas também quer marcar a sua imagem no discurso. Ao mesmo tempo ele exprime por palavras sua especificidade, diferencia-se dos demais interlocutores, mesmo que esteja concordando com o já-dito. Isto é, a maneira de dizer autoriza a construção de uma verdadeira imagem de si.

É o caso de que podemos associar ao *ethos*, em que o sujeito-acadêmico cria uma figura de um *fiador*, isto é, expressa sua *maneira de dizer* que é também uma *maneira de ser*. De certa forma, adere-se a uma identidade; e a forma de exprimir algo por meio de palavras permite a elaboração de uma verdadeira imagem de si, contribuindo no processo de inter-relação entre o locutor e seu interlocutor no momento em que o locutário faz inferência a partir de indícios discursivos. Assim, com a construção de sua imagem, sujeito-acadêmico procura causar impacto, além de produzir uma imagem com valores sociais e éticos de locutor agradável. E mais: a sua imagem deve responder às necessidades de seu auditório, que vai incorporar e legitimar o lugar do orador/locutor num *ethos* produzido no e pelo discurso.

## 5 A TRILHA PERCORRIDA

Enfim, chega o grande momento de nos despedirmos e de apresentar os resultados de uma longa caminhada por imensos espinheiros e pelos caminhos estreitos que tivemos de percorrer, mas ao desfecho podemos dizer que valeu a pena atravessar essa trilha.

Ao final desta caminhada por lugares desconhecidos como o que perfizemos, atravessados pela pertinência das correntes filosóficas e linguísticas (análise do discurso) é o momento de expormos nossa tamanha aventura.

Ao iniciar esta pesquisa não suspeitávamos do resultado a que chegaríamos. O trajeto foi sendo construído ao caminhar, deparando-nos com a língua(gem) em curso, passando de lado a lado pela ideologia e pela história, à medida que ela percorria, mostrava a sua opacidade, seus tropeços e seus deslizos no enunciado do outro.

Três foram as trilhas que percorremos servindo-nos de alicerce para que esta pesquisa se sustentasse, dando-nos coragem e persistência para prosseguir nossa meta.

A primeira trilha percorrida foi traçada por algumas concepções teóricas da análise do discurso de corrente francesa, dentre as quais compreendemos as condições de produção e a noção do discurso, além de entendermos como os objetos simbólicos produzem sentidos e que todo indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer. Nossa caminhada não para por aí: andamos também pelo movediço conceito de formação discursiva, em que cada teórico traça um rumo heterogêneo em sua memória discursiva, ainda que todos cheguem a lugares obscuros e acabem entrecruzando o que pode e deve ser dito.

Avançando em nossa trilha, entendemos a definição do discurso pedagógico conforme os critérios estabelecidos por Orlandi (2003) para a distinção dos três tipos de discurso: lúdico, polêmico e autoritário. A autora parte do pressuposto de que é necessário tomar como base o referente, no nosso caso, a ferramenta Fórum, e os participantes discursivos.

Para finalizar esse percurso valemo-nos do conceito de ethos proposto por Maingueneau (2008). Para ele, antes de construir seu dizer o enunciatador está inserido numa cena de enunciação, e não somente se propõe interagir com o interlocutor, mas também marcar sua imagem no discurso de diferentes formas.

A segunda trilha percorrida foi atravessada pelo contexto da pesquisa e pelos critérios adotados em relação à escolha e delimitação do corpus, para enfim chegarmos à

análise do funcionamento do discurso mediado na/pela ferramenta Fórum do Espaço UnisulVirtual de Aprendizagem (EVA), em uma das disciplinas de Leitura e Produção Textual, ciclo letivo de 2008/2, a fim de verificar qual prática discursiva se instaura nesse espaço enunciativo.

Nessa terceira trilha muitas clareiras se abriam, muito desvelar das posições ideológicas apresentadas nos comentários postados pelos acadêmicos. Assim, com base nas materialidades linguísticas observaram-se as condições de produção discursiva do sujeito que se põe a dizer e ainda a forma como o sujeito opera o processo de ensino/aprendizagem nessa ferramenta do EVA.

Vislumbrou-se ali um modo de funcionamento do discurso pedagógico diferente daquele em que predomina o discurso autoritário tal como apontado por Orlandi (2003). Ou seja, percebeu-se outro funcionamento do DP, em que os efeitos de sentido são atualizados constantemente nessa prática discursiva. Dito de outro modo, há um resvalar com referência ao discurso pedagógico (monofônico e de sentido restrito), o que produz um movimento do DP menos centrado no discurso autoritário, além de favorecer a instauração do discurso polêmico, porquanto esse discurso constitui o próprio discurso pedagógico e o re(configura).

Assim, o conhecimento não é concebido como “algo pronto” que deve ser transmitido pelo professor ao aluno, mas como “algo em construção”, cuja modelagem deve efetivamente ser operacionalizada pelo aluno. É no processo de interação professor-aluno, aluno-professor-aluno e aluno-aluno que se percebe o movimento do discurso autoritário para o polêmico. É nesse ponto também que se observa o deslizamento da apropriação, pelo professor, do discurso científico para a produção do conhecimento a partir de jogo de dizeres entre aluno-aluno.

Dentre os objetivos específicos alcançados observou-se a maneira pela qual se estabelece a posição-sujeito enquanto participantes de Fórum de discussão, é necessário considerar o que Pêcheux pensa em relação à questão do discurso e a forma-sujeito, “uma vez que não existe prática sem sujeito [...] uma vez que os ‘indivíduos-agentes’ [...] agem sempre na forma de sujeitos enquanto sujeitos” (PÊCHEUX, 1995, p. 213-214). Assim, percebeu-se na análise das postagens que o sujeito enunciativo não só se propõe a interagir com o interlocutor, mas também produz sentidos a partir de certo lugar discursivo, ou seja, aponta para o lugar de enunciação de onde os participantes falam, assumindo uma posição de estudante universitário branco, isto é, marcam-se por meio do texto as posições ideológicas; ora se assumem em 1ª pessoa do singular (eu), ora em 1ª pessoa do plural (nós).

Deparamo-nos com duas formações discursivas em debate. A UnisulVirtual representa a instituição formadora que é vista aqui como Formação discursiva (FDx), enquanto os acadêmicos representam a outra formação discursiva (FDz). Nesse caso, são duas formações discursivas envolvidas no processo de construção do conhecimento, em que cada FD irá definir o lugar enunciativo de cada sujeito. O lugar ocupado pela instituição e pelos alunos é regulado por práticas históricas e sociais que demarcam no imaginário social o lugar definido para cada sujeito, o seu lugar e suas condições de fala. Isto é, a FDx determina o que a FDz pode e deve dizer.

O lugar ocupado pelos participantes no Fórum exerce determinadas forças estabelecidas pelos diferentes lugares de seus dizeres, materializando-se nos comentários ali postados. Mesmo que a proposta sobre o racismo conduzida pelo professor fosse propiciar a polissemia, o lugar não permite que o sujeito se apresente como racista, por estar cerceado num limite de dizer, ou seja, nem tudo pode ser dito dentro de uma instância educativa.

Constatou-se, também, que o professor, enquanto responsável pelo ensino-aprendizagem, constituído nesse ambiente virtual, interage fazendo comentários de incentivo e em algum momento se posiciona concordando com a posição de alguns participantes, fundamentando sua própria fala no dizer do outro. Considerando as 214 postagens feitas pelos participantes dessa prática discursiva, professor-aluno, aluno-professor-aluno, observamos o movimento de o discurso autoritário em direção ao discurso polêmico. Assim, observa-se que há um deslizamento da apropriação, pelo professor, do discurso científico para a produção do conhecimento a partir do entrecruzamento de dizeres entre os envolvidos na interação. E ainda, percebemos a descentralização de sua figura como único organizador de todo processo de ensino-aprendizagem.

Notou-se, também, que nesse processo de aprendizado o professor deixa de ser aquele que diz “é porque é” para ser aquele que gerencia a própria construção do saber do aluno, mas, em última instância, essa atitude é do aluno e não do professor. Essa outra forma de relação entre o conhecimento, a escola, o professor e o aluno propicia a construção e o gerenciamento do saber – permitindo, assim, uma troca dialógica entre os interlocutores, troca que se dá de maneira multifacetada. Nessa forma outra, a escola ainda é o lugar da institucionalização do saber, mas o professor, mesmo estando inserido no ambiente da escola, não é mais instrumento e passa a instrumentalizar o aluno para construir tal saber. Assim, esse outro modo de funcionamento do DP não é aquele produzido na academia (leia-se universidade), mas aquele constitutivo das condições de produção na qual o sujeito-acadêmico está inserido.

Nesse contexto, percebeu-se que o professor no DP – menos centrado no autoritário – toma a posição de mediador, diferentemente de como é caracterizado no DP como professor-cientista; este, por sua vez, conduz a discursividade para uma discussão e reflexão contrária ao racismo. No Fórum, quando o racismo é pautado como proposta de discussão, a intenção é introduzir um assunto polêmico; mas, a partir do encadeamento dos fragmentos textuais postados pelos acadêmicos, observou-se que a discursividade não produziu polêmica. Os sujeitos participantes da teia textual asseguram, através de paráfrases, diferentes posições discursivas, porém todos compartilham de uma mesma posição não-racista, não gerando a polêmica esperada pela proposta. A nosso ver, ao tomar a posição de mediador do processo da escrita, o professor pouco participa do Fórum, e quando participa, concorda com o dizer do outro, sem, muitas vezes, instigar a outras reflexões. Agindo dessa maneira, estaremos restringindo os sentidos e a liberdade do aluno de se tornar sujeito de seu discurso.

Diferentemente, quando ocorre na interação o referente das “cotas para negros”, observou-se que a discursividade direciona-se para o discurso polêmico em que é aberto à formulação de novos sentidos, possibilitando ao sujeito-acadêmico marcar sua imagem de diferentes formas. Neste caso, o discurso é direcionado, além da articulação polissêmica, à articulação parafrástica – o retorno de um mesmo dizer sedimentado. Nessa perspectiva é que podemos entender o jogo entre a paráfrase e polissemia na afirmação de Orlandi (2007, p. 38): “a paráfrase é a matriz do sentido, pois não há sentido sem repetição, sem sustentação no saber discursivo, e a polissemia é a fonte da linguagem, uma vez que ela é a própria condição de existência dos discursos”.

Além disso, o rótulo do DP: “ser mais do que ensinar, informar, inculcar fazer aceitar, impor” parece não ser apropriado à modalidade discursiva da ferramenta Fórum, considerando o modo de funcionamento do DP caracterizado por Orlandi (2003) como aquele em que a polissemia é contida, não permitindo ao aluno a reflexão sobre o objeto do discurso. E esses aspectos nos autorizam a afirmar que na ferramenta Fórum o espaço permite a entrada de novos campos semânticos, oportunizando ao aluno manifestar-se e interagir com a informação ou com os participantes, criando assim condições de aprendizagem.

Observou-se também que o uso do gênero fórum<sup>33</sup>, como prática de interação entre os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, propicia maior interação entre os interlocutores, permitindo atentar para as questões de afetividade e aproximação entre os sujeitos da aprendizagem: aluno-aluno, aluno-professor-aluno. É através dessa interação que o professor virtual toma a posição de mediador, não se apropriando da voz do cientista, mas interagindo de forma assimétrica. E o aluno, por sua vez, toma uma posição discursiva com relação ao seu texto, ao qual é atribuído um valor, não como um aglomerado de marcas linguísticas, mas sim no modo como vai se relacionando e se remetendo a possibilidades de sentido. Além disso, ele é constituído na ordem de quem lê, exposto ao sujeito que lê, que pode mudar o sentido através da interpretação.

E, como em toda trilha, espera-se chegar ao percurso traçado, contamos que a nossa percorrida que limitamos a analisar o funcionamento discursivo e os discursos que permeiam o EVA, mais especificamente na ferramenta Fórum, possa servir de norte para outras trilhas a percorrer e com outros enfoques.

---

<sup>33</sup> O termo “fórum” nessa concepção é o espaço virtual voltado para a discussão de um grupo pertencente a uma mesma comunidade. Ele é composto de mensagens que são publicadas sobre algum assunto. A sua característica principal é que ele não é feito em tempo real. Uma das diferenças entre o ensino virtual e o presencial é que os usuários podem escolher quando querem se comunicar. Ver Dacoréggio (2000).

## REFERÊNCIAS

- ACHARD, Pierre et al. (Orgs.). **Papel da memória**. Tradução e introdução José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999.
- AMOSSY, Ruth (Org.) **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005.
- AUTHIER-REVUZ, JACQUELINE. **Caderno de Estudos Linguísticos**: Campinas, 1990.
- BENVENISTE, Emile. **Problemas de linguística geral**. México: Siglo XXI, 1966.
- BRASIL. **Ministério da Educação**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf.htm>>. Acesso em: 17 de Jul. 2010.
- BRASIL. **Ministério da Educação/Secretaria de educação a distância**. Referenciais de qualidade para educação superior a distância. Brasília, 2007. Disponível em: <<http://www.portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/legislacao/refead1.pdf.htm>>. Acesso em: 17 de Jul. 2010.
- DACOREGGIO, Marlete dos Santos. **Ação docente: uma ação comunicativa um olhar para o ensino superior presencial e a distância**. Videira: UNOESC, 2000.
- DIJK, Teun A. Van et al. (Orgs.). **Discurso e poder**. São Paulo: contexto, 2008.
- DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1984.
- FOUCAULT, M. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1969.
- \_\_\_\_\_. **Verdade e Poder**. In: *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2004.
- \_\_\_\_\_. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. 10. ed. São Paulo: Loyola, 2004.
- FURLANETTO, M. M. **Análise do discurso e ensino: como a teoria situa a prática**. Texto apresentado na II Semana Integrada das Licenciaturas – Unisul PPGCL. 2003.
- MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. Tradução de C. P. de Souza e - Silva e D. Rocha. São Paulo: Cortez, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Cenas da enunciação**. Organização de Sírio Possenti, Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva. São Paulo: Parábola, 2008.
- MANTOAN, M. T. E. E BARANAUSKAS, M. C. C. **Novas mídias na aprendizagem escolar**. In: GHILARDI, M. I. e BARZOTTO, V. H. (Orgs). *Nas telas da mídia*. Campinas, SP: Alínea, 2002.
- MANUAL DO ALUNO. **Aprendendo a distância: como estudar a distância na UnisulVirtual**: orientações para o aluno estudar nas disciplinas a distância da Unisul/

Universidade do Sul de Santa Catarina. UnisulVirtual; design instrucional Dênia Falcão de Bittencourt, Carolina Hoeller da Silva Boeing. – 7. ed. – Palhoça: UnisulVirtual, 2009.

NEOTTI, Carolina. **Autoria e plágio em monografias:** uma abordagem discursiva. 2007. 173f. Dissertação (Mestre em Ciências da Linguagem)–Curso de Pós-graduação em Ciências da Linguagem, Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, 2007.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Interpretação; autoria, leitura efeitos do trabalho simbólico.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

\_\_\_\_\_. **Maio de 1968:** Os silêncios da memória. In: ACHARD Pierre (org.). **Papel da memória.** Campinas, SP: Pontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **Discurso e leitura.** 4. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

\_\_\_\_\_. **Discurso e Texto:** formação e circulação dos sentidos. Campinas, SP: Pontes, 2001.

\_\_\_\_\_. **A linguagem e seu funcionamento:** as formas do discurso. 4. ed. 3ª reimpressão. Campinas, SP: Pontes, 2003.

\_\_\_\_\_. **Interpretação.** In: ZIBERMAN Regina (org). **Leitura: perspectivas interdisciplinares.** SP: Atica, 2005.

\_\_\_\_\_. **Análise do discurso:** princípios e procedimentos. 6. ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. 2. ed. Campinas: Ed. UNICAMP, 1995.

\_\_\_\_\_. **Análise Automática do Discurso.** In: GADET F.; HAK, T. (Orgs.) Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. de Eni P. Orlandi. Campinas: Unicamp, 1997.

SANCHO, Maria Juana et al. (Orgs.). **Tecnologias para transformar a educação.** Tradução Valério Campos. Porto Alegre: Artmed, 2006.

UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA. **Espaço UnisulVirtual de Aprendizagem.** Disponível em: <<https://www.uaberta.unisul.br/eadv2/mural/index.jsp?ead=5.695106832540723E111291509297274&registroId=-1&cursoId=-1&turmaId=15500&disciplinaId=744>>. Acesso em: 04 dez. 2010.

VALENTE, J. A e BUSTAMANTE V.S. B. **Educação a Distância:** prática e formação do profissional reflexivo. São Paulo: Avercamp, 2009.

**ANEXOS**

## ANEXO A – Fórum

The screenshot displays the UnisulVirtual forum interface. At the top, the browser address bar shows the URL: <https://www.uaberta.unisul.br/eadv2/forum/index.jsp?ead=7.795471575082787E111248813760929>. The forum header includes navigation links like 'Ajuda', 'Cronograma', 'Turma', 'Chat', 'Fórum', and 'Exposição'. A main navigation bar contains 'UnisulVirtual', 'Bem vindo, Monitor DAD', and 'Plano de Ensino: Leitura e Produção Text'. Below this, there are links for 'Mural', 'Midiateca', 'Professor', 'Monitor', and 'Avaliação'. The forum title is 'Fórum'. A message box provides instructions on how to participate in the forum. The main content area lists several forum topics:

Topic	Author	Date/Time	Views
RACISMO	R F C	18/09/2008 13:57	214
Preconceito racial	A R S	06/11/2008 14:20	12
racismo	D C G	01/12/2008 14:46	2
racismo	J A V P	06/11/2008 15:28	5
Racismo	M C P	28/10/2008 18:34	12
vídeo	C M	06/11/2008 09:54	7
Racismo	E R S	03/11/2008 20:14	8
Racismo	M C P	28/10/2008 18:01	6
RACISMO	T G F	26/10/2008 03:04	20

The detailed view of the 'RACISMO' post shows the following content:

**RACISMO** - Publicado por: R F C em 18/09/2008 13:57  
 Número de comentários: 214 - Comentários não lidos: 0

- Entre as variedades de **racismo** que encontramos em na nossa sociedade, o de raça é o mais agressivo, principalmente entre branca e negros. Na **Midiateca** há um vídeo sobre **Racismo**. Assista e volte ao Fórum para fazer seu comentário.

Figura 1 – Fórum

Fonte: <https://www.uaberta.unisul.br/eadv2/forum/index.jsp?ead=4.507557510322109E111283906993058>. Acesso em 07 de setembro de 2010.

## ANEXO B – Espaço UnisulVirtual de Aprendizagem

The screenshot displays the UnisulVirtual interface within a Windows Internet Explorer browser. The address bar shows the URL: <https://www.uaberta.unisul.br/eadv2/mural/index.jsp?ead=9.1567467422217E111247249500500&registr>. The page header features the UnisulVirtual logo and a welcome message: "Bem vindo, Monitor DAD". Navigation tabs include "Ajuda", "Cronograma", "Turma", "Chat", "Fórum", and "Exposição". The main content area is titled "4538 - LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL - DAD - 2008B" and includes a notice: "O Espaço UnisulVirtual de Aprendizagem estará acessível aos alunos desta turma até o dia 18/12/2008." Below this, there are two messages from the monitor:

- NOTA - SEGUNDA CHAMADA** - Publicado por: R F C em 03/12/2008  
Meus amores, já está no sistema as notas de [segunda chamada](#). Infelizmente as notas não foram boas, mas tenho certeza que se saíram bem na avaliação final.  
Um beijo,  
Ruth
- NOTAS NO SISTEMA** - Publicado por: R F C em 30/11/2008  
Meus queridos e queridas  
as notas de segunda chamada estão no sistema como também as médias já estão corretas.  
- A maioria dos alunos erraram a metade da primeira questão, definiram o que é resenha, mas em vez de fazer uma, fizeram resumo. Esqueceram de colocar um posicionamento.  
- A última questão também merece destaque nos erros. Alguns chegaram a colocar a regra de concordância e erraram ao responder.  
Desejo um fim de domingo muito feliz.  
Um beijo,

A small chat window is visible in the bottom right corner, showing a message from Paulo Henrique Lucio: "RES: diário de classe Boa tarde. Entreguei meu diário ontem (Antropologia cultural) e gostaria de saber se está ok. Já que o".

Figura 2 – Espaço Virtual de Aprendizagem (EVA)

Fonte: <https://www.uaberta.unisul.br/eadv2/mural/index.jsp?ead=7.948037877679496E111283907295689>. Acesso em 07 de setembro de 2010.

## ANEXO C – Materialidades lingüísticas postadas na ferramenta Fórum

Participações no Forum 34374

Nome: RACISMO

COMENTÁRIO DE ARS (06/11/2008 14:20)

**Título:** *Preconceito racial*

A exclusão social pode estar relacionada a vários fatores sejam eles, políticos econômicos, religiosos, entre outros. O preconceito racial é uma forma bastante comum de exclusão social.

Apesar de o Brasil ser um país com população em sua maioria negra ou afro descendente, o racismo é uma prática muito freqüente, o que nos leva a pensar em qual seria o verdadeiro motivo para tamanha discriminação. É óbvio que a cor da pele não julga a competência de ninguém, mas, infelizmente, o preconceito existe e deve ser combatido.

É preciso que os negros sejam vistos e tratados como pessoas comuns e normais que são, e não como inferiores aos brancos. Esse é apenas o primeiro passo para à sociedade se tornar menos preconceituosa.

COMENTÁRIO DE DCG (01/12/2008 14:46)

**Título:** *racismo*

acho q a Aline esta certa deve se combater qualquer preconceito nao importando o que se faça, o negro são como nos e nao devemos trata-los como diferentes

COMENTÁRIO DE JAVP (06/11/2008 15:28)

**Título:** *racismo*

Concordo plenamente com você Aline, o preconceito racial é uma forma realmente bastante comum de exclusão social e muitas vezes ele é mascarado, muitos afirmam que não tem preconceito mas na prática nem sempre é assim. Deve-se ter consciência que a cor de pele não difere a competência de ninguém, deveríamos nos sentir envergonhados de ainda nos dias de hoje apesar de tantos levantarem a bandeira de “igualdade” existir este tipo de preconceito.

COMENTÁRIO DE MCP (28/10/2008 18:34)

**Título:** *Racismo*

O Brasil é um país racista, isso não há dúvida. Mesmo inconscientemente todos nós já agimos de forma discriminatória. O racismo é, antes de tudo, uma demonstração de atraso espiritual e desconhecimento das leis divinas. Aquele que diminui ou persegue o irmão pela cor da pele ou por qualquer outra característica étnica, viola o grande mandamento, síntese de toda a lei e dos profetas, "amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo." O vídeo relata bem, quando o branco faz críticas ao negro, sem dúvida nenhuma se trata de racismo. Após o acidente, o branco se depara com um médico negro, mas acaba não o discriminando, pois o médico acaba salvando sua vida. O racismo do branco chegou ao fim quando ele precisou da ajuda de um negro, e aprendeu com seus erros a não discrimina-los novamente.

COMENTÁRIO DE CM (06/11/2008 09:54)

***Título: vídeo***

É verdade, as pessoas na verdade se auto discriminam, no caso do exemplo do vídeo, é fato que ele apenas deixou ou nem sabemos se deixou, mais pelo menos deve ter ficado arrependido, devido ao fato de o médico negro ter salvado sua vida!!

COMENTÁRIO DE ERS (03/11/2008 20:14)

***Título: Racismo***

Concordo plenamente, pois se colocarmos em prática aquilo que Deus nos ensina, creio que a discriminação racial seria bem menor, pois Deus nos ensina amar o nosso irmão como a nós mesmo, esse é o segundo mandamento e o maior de todos é amar a Deus em primeiro lugar, se colocássemos isso em prática, creio que a humanidade viveria bem melhor, sem preconceitos e sem discriminação, pois não faria algo para o meu irmão se não quisesse que fizesse comigo. Mas essa não é nossa realidade, entã devemos começar por nós a mudança.

COMENTÁRIO DE MCP (28/10/2008 18:01)

***Título: Racismo***

O Brasil é um país racista, isso não há dúvida. Mesmo inconscientemente todos nós já agimos de forma discriminatória. O racismo é, antes de tudo, uma demonstração de atraso espiritual e desconhecimento das leis divinas. Aquele que diminui ou persegue o irmão pela cor da pele ou por qualquer outra característica étnica, viola o grande mandamento, síntese de toda a lei e dos profetas, "amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo." O vídeo relata bem, quando o branco faz críticas ao negro, sem dúvida nenhuma se trata de racismo. Após o acidente, o branco se depara com um médico negro, mas acaba não o discriminando, pois o médico acaba salvando sua vida. O racismo do branco chegou ao fim quando ele precisou da ajuda de um negro, e aprendeu com seus erros a não discrimina-los novamente.

COMENTÁRIO DE TGF (26/10/2008 03:04)

***Título: RACISMO***

O racismo no Brasil é no mínimo, uma atitude de ignorância as suas próprias origens. Embora os atos de discriminação estejam publicamente proibidos por lei, a discriminação em função da cor da pele continua a se desenvolver muito no Brasil. A maioria das pessoas afirmam que não são racistas e condenam o preconceito, no entanto essas mesmas pessoas acabam realizando em seu cotidiano atitudes racistas.

Devemos acabar com o racismo, acabar com a idéia de que a cor da pele nos torne diferentes em termo de potencial de desenvolvimento.

COMENTÁRIO DE ARS (06/11/2008 14:29)

***Título: Racismo***

concordo, apesar de grande parte da população brasileira ser negra ou afro descendente, ainda vemos, e presenciamos aqui, quase que todos os dias alguma forma de preconceito racial, seja com piadinhas sem graça, ou até mesmo como o que vimos no vídeo em que o homem de pele branca agride verbalmente o homem negro, como se ele fosse melhor apenas por ser branco.

COMENTÁRIO DE CSC (25/10/2008 23:39)

**Título:** *PRÉ conceito - um veneno no mundo.*

Segundo o dicionário, preconceito significa: “conceito ou opinião formados antecipadamente, sem ponderação ou conhecimento dos fatos; idéia preconcebida” (Dicionário Aurélio), e infelizmente o preconceito racial é uma triste realidade existente em nosso país e no mundo.

Julgar as pessoas previamente pela diferença de cor é totalmente inaceitável no mundo em que vivemos. Já foi mais que provado que a cor em nada interfere na superioridade de um ser.

Todos sabem que devem conhecer melhor as pessoas antes de julgá-las, entretanto, de uma forma inconsciente ou consciente, praticam o preconceito.

É dever de todos respeitar e zelar pelo próximo, pois perante Deus e perante a lei somos todos iguais e temos os mesmo direitos e deveres.

COMENTÁRIO DE ARS (06/11/2008 14:35)

**Título:** *Preconceito*

É uma pena que esses direitos e deveres não são respeitados como deveriam ser, e que estamos muito longe de zelar pelo próximo, pois vivemos em uma sociedade cada vez mais individualista, que não sabe conviver com as diferenças, não apenas raciais, mais também economicas e religiosas.

Comentário de RFC (03/11/2008 13:58)

**Título:** *Diferença de cor*

É isso menina. Muito fácil julgar, o difícil é reconhecer que vemos primeiro a aparência, para depois o que realmente a pessoa é.

COMENTÁRIO DE KPS (25/10/2008 22:55)

**Título:** *Racismo: preconceito além das raças*

O racismo vai além de raças, sua definição está no fator *superioridade*, quando algumas pessoas acham que por um motivo ou outro são melhores do que outras:

Racismo:

s. m.,

doutrina que tende a preservar a unidade da raça e assenta na suposta superioridade de uma raça que se confere o direito de exercer domínio sobre as outras;

reações ou atitudes que se harmonizam com esta teoria;

mostras de hostilidade face a um grupo social ou étnico.

(Dicionário virtual: [priberam.pt/dlpo](http://priberam.pt/dlpo))

Atualmente muitas pessoas tem o intuito de julgarem umas as outras, seja no fato de pensar, falar, se vestir, entre outros fatores fúteis que fazem essas mesmas pessoas seguirem uma linha - quase que irracional - de pensamento. Numa breve reflexão é visível analisar os benefícios que a sociedade diversificada traz, a diferença em gostos, raças e costumes. Talvez esse seja um dos maiores motivos em que pessoas do mundo inteiro viajam, alimentando o

setor de turismo, em busca da tão diversificada cultura ao redor do mundo.

O que faz essas mesmas pessoas desprezarem tanto aqueles que vivem em sua mesma região, com os mesmos costumes, só por diferença de tom de pele? Historiadores constatam que o racismo é uma carga acumulada da época da escravidão, e que a mente humana talvez não tenha evoluído como muitos pensam.

A verdade é que o próprio racismo sofre preconceito, sendo que várias pessoas são racistas e se negam por acharem medíocre essa situação - não tão medíocre quanto seu modo ignorante de pensar.

O racismo necessita ser extinto, somos todos únicos, e a diversidade é o fator que move o mundo!

COMENTÁRIO DE BSS (25/10/2008 21:21)

**Título:** *Outra questão*

Gostaria de comentar sobre uma outra questão. A questão de que nem sempre somos nós brancos que discriminamos os negros, muitas vezes os próprios negros de consideram inferiores para poderem desfrutar de vantagens que julgam que conseguirão se passar uma imagem de inferioridade. Alguns usam os termos "só porque sou negro" para fazer chantagem com algumas coisas. Sei que é um comentário bastante polêmico, portanto não queria generalizar. Queria deixar claro também, que sou completamente contra o racismo.

COMENTÁRIO DE BSS (25/10/2008 21:17)

**Título:** *responsabilidade*

Concordo com meu colaga jaison ao afirmar que muitas vezes o que acontece é que os negros são tratados com pena. Isto não deveria estar acontecendo, pois considero uma discriminação ainda maior. O que devemos fazer é refletir e ter a consciência de que são digos derespeito e de igualdade e não termos pena, porque a pena demonstra que os consideramos inferiores.

COMENTÁRIO DE JB (25/10/2008 21:13)

**Título:** *justiça e racismo*

Concordo com meus colegas ao citar que o racismo é o mais agressivo dos preconceitos e que deveria existir uma justiça mais atuante sobre os crimes de racismo. Isto porque, muitas vezes parece que só agimos de acordo com determinadas questões quando sentimos medo, apesar de achar que isto deveria partir de uma reflexão e de uma consciência pessoal, infelizmente não estamos imunes de agir dessa maneira.

COMENTÁRIO DE BSS (25/10/2008 21:01)

**Título:** *racismo*

Concordo com nossa colega jordana ao focar os grandes destaques "negros" do nosso país. Gostaria de destacar ainda nossa pequena notável Daiane dos Santos que nos trouxe tanta alegria, principalmente num esporte onde se destacam pessoas de cores mais claras. Diante disso podemos perceber vários outros exemplos ao nosso redor e chegamos a conclusão que acima de tudo nós brasileiros deveríamos ter vergonha de criticar uma pessoa por uma simples característica física: a cor.

COMENTÁRIO DE JB (25/10/2008 20:37)

**Título:** *concordo....*

Concordo plenamente com o que muitas pessoas descreveram, axo muito importante elas expressarem suas opiniões, sendo elas contrarias ou a favor, e se cada um de nós passarmos um pouco do conhecimento que adquirimos em um debate como esse, estaremos assim ajudando a mudar o ponto de vista de muitas pessoas que ainda tem gestos e atitudes preconceituosas mas não assumem eles como uma forma de racismo. Logo, não podemos deixar de passar nossas informações em relação ao assunto, pois só dessa forma poderemos ampliar nosso conhecimento.

COMENTÁRIO DE ICBO (25/10/2008 20:35)

**Título:** *Racismo no Brasil*

O racismo no Brasil é uma incoerência ,pois boa parte da nossa cultura é proveniente da raça negra. Podemos citar vários exemplos como a religiao que se propagou fortemente em todo o país,a comida criativa e saborosa com seus exóticos temperos,o jeito de falar e não podemos esquecer da capoeira que é a única luta realmente brasileira, e foi com ela que capoeiristas baianos ajudaram a ganhar a Guerra do Paraguai/1865-1870. Seria inocência dizer que não existe racismo e que por mais oculto que ele esteja sempre tem alguém que expressa ele de forma sutil ou mesmo abertamente, quando nega emprego ou mesmo quando faz gestos de desprezo a pessoas de cor.O fato é que vários cientistas já comprovaram ,o que não haveria necessidade se não fosse a ignorância de alguns,é que não existe raça superior.

COMENTÁRIO DE KPS (25/10/2008 23:11)

**Título:** *Racismo mascarado*

Concordo plenamente! Nosso país é rico em cultura e devemos isso a diversidade aqui existente! O racismo atualmente anda muito mascarado, justamente por pessoas que tratam desse assunto de forma sutil... Há poucos dias presenciei uma mãe de uma amiga minha dizer a seguinte frase: "Não sou racista, mas minha filha com um negro? Jamais!". E eu me pergunto: Que linha de raciocínio contraditória é essa? O que muda numa pessoa o tom de pele dela? Quer dizer que a filha dela pode namorar tranquilamente um bandido, um assassino, desde que seja branco? Que tipo de mãe não quer o melhor para seus filhos? Possuo amigos negros e são tão bons quanto os outros, porque tom de pele não reflete o que a pessoa é interiormente!

COMENTÁRIO DE KPS (25/10/2008 23:02)

**Título:** *Racismo mascarado*

Concordo plenamente! Nosso país é rico em cultura e devemos isso a diversidade aqui existente! O racismo atualmente anda muito mascarado, justamente por pessoas que tratam desse assunto de forma sutil... Há poucos dias presenciei uma mãe de uma amiga minha dizer a seguinte frase: "Não sou racista, mas minha filha com um negro? Jamais!". E eu me pergunto: Que linha de raciocínio contraditória é essa? O que muda numa pessoa o tom de pele dela? Quer dizer que a filha dela pode namorar tranquilamente um bandido, um assassino, desde que seja branco? Que tipo de mãe não quer o melhor para seus filhos? Possuo amigos negros e são tão bons quanto os outros, porque tom de pele não reflete o que a pessoa é interiormente!

COMENTÁRIO DE DCG (01/12/2008 14:48)

**Título:** *tipca racista*

entam a mãe de sua amiga e racista e ela deve ser trabalhada para perder esse preconceito.

COMENTÁRIO DE JCCT (25/10/2008 19:56)

**Título:** *Responsabilidade Social*

Várias campanhas de conteúdo social insistem em tratar negros como dignos de pena. Ao invés desta postura impertinente as campanhas poderiam ser mais eficazes, não desvinculando a pobreza do racismo como usualmente fazem. Se os anunciantes realmente tivessem interesse em contribuir para a reversão desse quadro estariam discutindo responsabilidade social. Quando digo isso quero lembrar que a questão racial é necessariamente uma questão social. As empresas de comunicação não fazem um diagnóstico positivo para mudarem suas estratégias porque ainda se encontram cheias de idéias retrógradas sobre negros.

COMENTÁRIO DE CM (06/11/2008 09:57)

**Título:** *claro!*

Realmente o mundo se atualiza cada vez mais, e a cabeça das pessoas parece que ficam paradas no tempo, não fazem nada para mudar o preconceito e não mudam suas estratégias porque ainda se encontram cheios de idéias retrógradas sobre negros, como disse nosso colega!

Comentário de RFC (03/11/2008 13:54)

**Título:** *Ótimo comentário*

Seu comentário é muito pertinente. Realmente você tem toda razão. Não há inclusão se não houver responsabilidade social.

COMENTÁRIO DE TGF (26/10/2008 22:28)

**Título:** *Racismo Responsabilidade Social*

Eu concordo com o comentário do Comentário de JCCT que tem várias campanhas de conteúdo social insistem em tratar negros como dignos de pena. Se os anunciantes realmente tivessem interesse em contribuir para a reversão desse quadro estariam discutindo responsabilidade social.

COMENTÁRIO DE VGM (25/10/2008 19:30)

**Título:** *ninguem é melhor que ninguém*

Pode-se perceber que em pleno século 21 e com todos os avanços tecnológicos são poucas as pessoas que podem se dizer não preconceituosas ou seja em relação a isso estamos num mundo em extinção.

Mas porém muitas vezes os culpados de tudo isto é nos seres humanos que temos preconceito de nós mesmos sendo ele material ou racial.

Se cada um de nós estarmos conscientes de que ninguém é melhor que ninguém sejamos nós brancos ou negros, rico ou pobres o mundo não estaria como esta hoje.

COMENTÁRIO DE ARS (06/11/2008 14:44)

**Título:** *ninguem é melhor do que ninguém*

concordo com o comentário da Vania Gava Marine; as pessoas hoje, com toda essa história de desenvolvimento tecnológico, e que estão se mostrando cada

vez mais providas de uma grande inteligencia intelectual, demonstram-se tão ignorantes quando se tratando de preconceito racial. definitivamente, ja está mais do que provado que não é porque uma pessoa é negra que ela não tem a mesma capacidade de desenvolver ações como uma pessoa branca, e tambem não é porque uma pessoa é rica que ela será melhor que as demais.

COMENTÁRIO DE ICRF (25/10/2008 18:50)

**Título:** *E você o que faz?*

O filme retrata uma realidade que ainda existe, mesmo com a modernidade, a informação, as campanhas anti-racismo, existem pessoas intolerantes e no meu entender criminosas, concordo com a professora quando ela afirma que dentre os racismos o da raça é o mais agressivo, porém tenho uma ressalva no sentido de que nem sempre de branco com negros, mas também de negros com brancos (mesmo que na minoria dos casos), independente disso acredito que as leis anti-racismo devem ser aplicadas com seriedade e justiça, mesmo que no Brasil isso pareça surreal. Acho que cabe a todos pensar o que cada um faz, o que pratica em relação a isso no dia a dia. E você?

COMENTÁRIO DE MVN (26/10/2008 00:35)

**Título:** *Racismo e cotas*

Ólá Isabel, concordo com você que o racismo racial não é apenas dos brancos para com os negros, o contrario também acontece. Não sei se você concorda comigo, mas a criação das cotas para negros nas universidades pode ser uma prova disso. Os negros se respaldam atrás das cotas e se vitimizam através delas. Esse comportamento identifica o preconceito que eles têm contra os brancos.

COMENTÁRIO DE CMDP (25/10/2008 15:08)

**Título:** *RACISMO*

***Ao assistir o video, podemos notar que o racismo existe e sempre ira existir para certas pessoas. É de grande ingnorancia mesmo com as difrenças fisicas,estéticas ou ainda com qualquer outro tipo de diferenças nao aceito pela sociedade. Independente de raça, religiao, fisica,culturas ... Devemos lembrar do que realmente o que vale, são os valores e personalidades de cada um, para uma sociedade mais justa.***

COMENTÁRIO DE GCF (25/10/2008 11:18)

**Título:** *Racismo.*

Em suma, para finalizar minhas posições, gostaria de dizer que não devemos ser condescendentes com essas diferenciações originárias da ignorância dos seres humanos, e salientar também que apesar das diferenças físicas ou estéticas que de fato existem, são os valores e personalidades de cada um que realmente devem ser levados em conta, pois somos todos iguais, e necessitamos uns dos outros para conviver em harmonia em uma sociedade sem preconceitos.

COMENTÁRIO DE KC (25/10/2008 10:13)

**Título:** *Racismo no Brasil*

Racismo no Brasil é, no mínimo, uma atitude de ignorância as próprias origens. Qual é o antepassado do “verdadeiro brasileiro”? Indígena (os primeiros povos a habitar a terra do ‘Pau Brasil’)? Os negros (que foram trazidos para trabalhar como escravos e, ainda, serviram de mercadoria para seus senhores)? Os portugueses (que detém o status de descobridores desta terra)? Porém, pode ser a miscigenação de todas as raças, como vemos hoje? Afinal de contas, aqui se instalaram povos de todos os lugares do mundo. Portugueses, espanhóis, alemães, franceses, japoneses, árabes e, ultimamente, peruanos, bolivianos, paraguaios, uruguaios e até argentinos vivem neste país que hospitaleiro até demais com os estrangeiros e, muitas vezes, hostil com sua população. Atualmente, a população brasileira faz parte do ‘vira-latismo’ mundial. Quantas pessoas mestiças nascidas no Brasil você conhece ou, pelo menos, já viu? Quantas vezes você ouviu alguém dizer que...”meu avô era africano, minha avó espanhola”, ou então...”meu pai é japonês e minha mãe é árabe”? Quando representantes ‘tupiniquins’ participam de eventos esportivos ou sociais, o que vemos são pessoas de diferentes raças, mas apenas um sangue, somente uma paixão, o Brasil.

COMENTÁRIO DE BSS (24/10/2008 16:10)

**Título:** *racismoo*

O racismo no meu ponto de vista, ta no coração das pessoas que não tem dignidade e muito menos conhecimento para sabermos que somos " TODOS IGUAIS", independente de qual seja a cor da pele de cada um, pessoas essas que esquecem que podem precisar daqueles que um dia destratarem, muitas vezes só com um olhar preconceituoso. temos provas todos os dias que não somos niguem sem precisar da ajuda, do carinho, da atenção de alguem... então para as pessoas que ainda tem RACISMO, como uma forma de ver outras pessoas troque isso igualdade social, ou amor ao proximo... ja seria um bom começo.

COMENTÁRIO DE TGF (26/10/2008 22:37)

**Título:** *TODOS IGUAIS*

Eu concordo com o comentário da Comentário de BSS que ta no coração das pessoas que não tem dignidade e muito menos conhecimento para sabermos que somos " TODOS IGUAIS", independente de qual seja a cor da pele de cada um, pessoas essas que esquecem que podem precisar daqueles que um dia destratarem, muitas vezes só com um olhar preconceituoso. O povo não podem ser Racistas é melhor para todos nós, sejam pessoas boas.

COMENTÁRIO DE JB (24/10/2008 12:46)

**Título:** *RACISMO*

Na minha opinião esta questão do racismo é ridícula. Todos sabemos que somos diferenciados um dos outros, tanto físico quanto biologicamente. Dessa forma considero até uma crueldade julgar as pessoas pela cor de sua pele. Portanto temos a consciência de que esse preconceito resulta de algumas raízes, (escravos, nazistas), porém já eram para ter sido superadas. Diante disso considero que principalmente entre nós brasileiros esse pensamento já deveria ter sido substituído, pois vivemos num país que de certa forma pode ser considerado negro, ou seja, somos o país do futebol e o rei do futebol, que é brasileiro, é negro. Nossa maior festa popular, o carnaval, se destaca pelas passistas que em sua maioria também são negras, e assim podemos encontrar vários exemplos. Enfim, considero o racismo como uma tamanha ignorância por parte de algumas pessoas.

COMENTÁRIO DE JB (24/10/2008 12:39)

**Título:** COTAS

Concordo plenamente com minhas colegas que citam o sistema de cotas para negros em universidades como uma forma de valorizar a igualdade racial. Na minha opinião eles estão dando a oportunidade para que o racismo se plorifere ainda mais, pois nunca ouvi falar que a cor negra da pele afeta o cognitivo de uma pessoa. Ou que pessoas que crescem em famílias negras ou de origem tendem a possuir uma capacidade intelectual inferior às de origem branca. Isto já era para ter acabado.

COMENTÁRIO DE KPS (25/10/2008 23:11)

**Título:** o racismo das cotas

é impressionante como uma instituição de ensino pode continuar propagando o racismo. Não aprovo o sistema de cotas, pois, como a Jordana disse, a cor de pele não afeta cognitivo de alguém! No último vestibular da Federal foi visível o rastro de racismo que deixaram, pois entraram muitos negros e alunos de escolas públicas com notas muito inferiores aos outros, e mesmo achando que o vestibular não mostra a inteligência de ninguém e sim conhecimento, essas pessoas foram chamadas por muitos de "burros", o que é mais um absurdo! Eles poderão ser os melhores alunos, não é uma nota no vestibular que mostra o intelecto de alguém, porém o fato de terem entrado por cotas e com uma nota bem inferior à dos outros candidatos, gerou ainda mais ódio no coração desse povo racista e odioso! Enfim, consequência das tais cotas.

COMENTÁRIO DE JAVP (06/11/2008 15:55)

**Título:** racismo das cotas

Em relação as cotas que a kamila também comentou, eu acho realmente um absurdo, há uma discriminação totalmente estampada em relação a isso, um sentido de inferioridade, afinal, não vai ser a cor de pele que vai diferenciar a capacidade de ninguém, muito pelo contrário, eles não são inferiores e não precisam de uma "ajuda" como esta de cotas para passar, pelo contrario podem até ser bem melhores.

COMENTÁRIO DE KPS (25/10/2008 23:10)

**Título:** o racismo das cotas

é impressionante como uma instituição de ensino pode continuar propagando o racismo. Não aprovo o sistema de cotas, pois, como a Jordana disse, a cor de pele não afeta cognitivo de alguém! No último vestibular da Federal foi visível o rastro de racismo que deixaram, pois entraram muitos negros e alunos de escolas públicas com notas muito inferiores aos outros, e mesmo achando que o vestibular não mostra a inteligência de ninguém e sim conhecimento, essas pessoas foram chamadas por muitos de "burros", o que é mais um absurdo! Eles poderão ser os melhores alunos, não é uma nota no vestibular que mostra o intelecto de alguém, porém o fato de terem entrado por cotas e com uma nota bem inferior à dos outros candidatos, gerou ainda mais ódio no coração desse povo racista e odioso! Enfim, consequência das tais cotas.

COMENTÁRIO DE JCCT (25/10/2008 20:29)

**Título:** *Cotas*

A questão de cotas para negros nas universidades vem sendo discutida no momento, mas encontra resistência em diferentes setores da sociedade. Argumenta-se que o estabelecimento de cotas será mais um reconhecimento da existência do racismo, não significando que assim o negro terá melhor possibilidades de acesso à promoção social. A destinação de determinado número de vagas nas universidades representa muito pouco, mas não se pode negar que seria um começo para mudar a pirâmide social no País. Mas vale reconhecer que os governos têm feito muito pouco para acabar com as deformações do quadro social

COMENTÁRIO DE AKC (24/10/2008 12:28)

**Título:** *rascismo*

O rascismo é um preconceito que esta em nosso mei todos os dia a muitos anos. Jugamos as pessoas pela aparencia que é muito errado. E não existe só um tipo de rascismo não é só aquele da cor da pele mais também com as pessoas com necessidades especiais ou outros. Ao invés de ajudarmos os outros pensamos só em nós mesmo, como os rico não pensam e ajudar os pobre só pensam e ter mais e mais dinheiro para serem superiores sempre, e é por isso que nosso pais é sempre cheio de problemas. Se todos visessem sua parte. O rascimo está presente até nas universidades, com a cota para negros, isso que é um absurdo em uma universidade que vai nos ensina a sermos um profissional, termos uma carreira, ter uma discriminação dessas. Para o rascimo acabar tem que começar com nos mesmos não adianta ter mais leis se não são cumpridas.

COMENTÁRIO DE VGM (25/10/2008 18:17)

**Título:** *RACISMO*

A minha colega Anne esta coberta de razão,pois se a própria universidade é feita pra nós educar por que existir cota pra negros, pois pra mim este tipo de cota já é de uma forma ou de outra um racismo.Ou seja pra acabarmos com o racismo devemos começar por nós mesmo tentando julgarmos os nossos erros raciais seja eles qual for.

COMENTÁRIO DE JCCT (25/10/2008 23:42)

**Título:** *Racismo*

Quanto ao preconceito que os negros cotistas vão sofrer ao sairem da faculdade, esse provavelmente vai ser o problema mais sério, por esse motivo são necessarias politicas afirmativas muito mais amplas do que simples cotas.

COMENTÁRIO DE TS (23/10/2008 22:10)

**Título:** *Racismo*

Entendendo o racismo como um fenômeno psicológico-cultural construído historicamente e socialmente definido, com base nas teses racista dos séculos XIX e XX, que afirma haver relação entre características raciais e culturais e que algumas raças são superiores a outras. E, como categoria de análise o racismo é, “ do ponto de vista comportamental”, identificado através do preconceito e de medidas discriminatórias onde, segundo o conceito dado por

Arnold Rose, define-se preconceito como “um conjunto de atitudes que provocam, favorecem ou justificam medidas de discriminação.”

COMENTÁRIO DE BGQ (22/10/2008 21:04)

**Título:** *cotas em universidades.*

Eu concordo com o comentário da Comentário de KF, quando ela citou que, quando se fala de uma pessoa de cor negra, vem ao pensamento que ela é pobre e sem condições alguma, por exemplo, hoje em dia a cotas em universidades para os mesmos, mas esquecem que há brancos que vivem situações de pobreza, e que não tem muitas vezes não tem uma boa qualidade de vida, no caso uma boa renda fixa. E também concordo com os argumentos usados pela colega Flávia, que é comprovado que ainda os negros são menos favorecidos na sociedade, e que o governo tenta por trás das cotas fazer como se estivesse resolvendo problemas.. em relação as cotas eu acho justo que tenham, pois se é provado o desfavorecimento aos negros novas chances para um bom futuro deve ter.

COMENTÁRIO DE GCF (22/10/2008 17:43)

**Título:** *Racismo.*

Em nossa sociedade civil vigente há o predomínio de diversos tipos de racismo devido a questão de sermos um país multicultural, e entre estes predominantemente visível e no topo dos preconceitos é o das diferenciações entre raças. Essas concepções sobre a diferenciação das raças, de negros e brancos, nos são passados de geração em geração, de pai para filho e aumentam evolutivamente cada vez mais. No entanto, essa realidade persiste e ganha força quando as próprias pessoas se designam diferentes no sentido de melhores e piores e formam barreiras contra outros grupos sociais igualmente humanos. Isso ocorre bastante com a raça negra que forma grupos, não havendo a participação de outras raças. Se consideram uma raça inferiorizada porque já o foram considerados assim num passado muito distante, trazendo o para a nossa realidade atual e aumentando cada vez mais essa distância entre os seres humanos. Ninguém é melhor do que ninguém. Diferenças existem sim e muitas, e ainda bem que existem, pois alguém já se imaginou semelhante a todas as pessoas. Como seria? É necessário e importante sim não usar essas diferenças para inferiorizar uns, privilegiando outros e sim convivermos todos como uma só sociedade com respeito mutuo entre todos.

COMENTÁRIO DE CED (22/10/2008 10:48)

**Título:** *CONHECIMENTO E EDUCAÇÃO*

Li o comentário da Flavia, eu concordo em parte com o sistema de cotas, como já falei antes o problema precisa ser resolvido na base com educação pública de qualidade para todos, no entanto o sistema de cotas resolve parte dos problemas como a nossa colega colocou e por isso é importante.

Li também o comentário da Alice e concordo com a mistura de raças do nosso país, e com a falta de conhecimento das pessoas sobre este assunto. Estas devem procurar ler mais e se conscientizar, sobre racismo, educação com o próximo, pois percebo na sociedade a falta de educação com pessoas de cor negra.

COMENTÁRIO DE FA (21/10/2008 21:44)

**Título:** *Cotas para negros*

Ja fiz meu outro comentario falando de cotas, pois acho esse assunto muito polêmico. Ao ler o cometário da Camila, sobre a necessidade de de melhorar a educação pública, ao invés de criar-se cotas para negros, pensei ainda mais nessa questão. Acredito que a criação de cotas talvez seja uma estratégia do governo para fazer de conta que está resolvendo o problema, quando na verdade não está.

Mesmo assim, mantenho minha opionião sobre a criação de cotas para negros. Pois, pesquisas

revelam que dos 22 milhões de brasileiros que vivem abaixo da linha de pobreza, 70% são negros; entre os 53 milhões de pobres do país, 63% são negros. Dessa forma, fica evidente que os negros estão em condições menos favorecidas.

COMENTÁRIO DE GCF (20/10/2008 09:29)

**Título:** *Diferenças entre a sociedade.*

O racismo é um conjunto de opiniões pré-concebidas que preconiza valores enfatizando a superioridade e dominação social tendo como base as diferenças biológicas entre os seres humanos e definindo etnias superiores e inferiores. Essa concepção vinda dos brasileiros é no mínimo, uma atitude de ignorância com as próprias origens, pois somos um país que descende de vários povos como os indígenas, os negros, os portugueses e até hoje notoriamente vem de todos os lugares do mundo e se instalam aqui árabes, japoneses, peruanos, bolivianos, paraguaios, argentinos, entre outros mais. De fato, é absurdamente ridículo se voltarmos um pouco e pensarmos que julgamos pessoas, ou melhor seres humanos pelo simples fato de serem diferentes, de talvez não se encaixarem exatamente nos padrões que exigimos nessa sociedade atual que é tão perfeccionista. Onde então ficam os valores da pessoa em si, seu caráter e inteligência, sua personalidade e dignidade, seu modo de ser, de pensar e de agir.

COMENTÁRIO DE CMB (24/10/2008 00:40)

**Título:** *Diferenças?*

Concordo, há uma grande variedade de pessoas vivendo entre si com diferentes características biológicas, fisiológicas, culturais e psicológicas de diferentes origens (italiana, alemã, árabe e entre outras). Infelizmente, a cor de pele é uma destas características, que se tornou um meio para o desenvolvimento do preconceito e racismo entre as pessoas.

Acredito, que devido este racismo a população negra acaba sofrendo conseqüências negativas como a dificuldade de ingressar no mercado de trabalho e receber um salário adequado ao mesmo. Com certeza o governo juntamente com a sociedade deveriam buscar formas para minimizar este problema.

COMENTÁRIO DE FA (25/10/2008 19:08)

**Título:** *Cor da pele*

Concordo com a Clarissa. Acho que nenhuma pessoa é igual à outra, cada um de nós tem características físicas próprias, que são semelhantes a de nossos pais, avós e familiares. Já nossas características psicológicas dependem de vários fatores, como meio social e cultural que vivemos. Essas diferenças não nos tornam melhores ou piores do que outra pessoa, mas nos tornam seres únicos e importantes. Acredito que essas diferenças enriquecem o meio social, profissional e familiar. E a cor, é uma mera diferença física, de aparência, logo não temos o direito de julgar capacidade ou personalidade de alguém por sua cor.

COMENTÁRIO DE TBS (19/10/2008 17:36)

**Título:** *RACISMO*

Normalmente o racismo é causado pela ignorância, isto é, o não conhecimento do outro que é diferente. O racismo leva à discriminação, à marginalização e à violência. Estas atitudes vem acompanhadas por teorias

justificativas. O racismo e o etnocentrismo defendem e praticam a superioridade de povos e raças. O racismo, é uma violação aos direitos humanos, visto que fora utilizado para justificar a escravidão, o domínio de alguns povos sobre outros e as atrocidades que ocorreram ao longo da história.

COMENTÁRIO DE ACS (18/10/2008 11:56)

**Título:** *Racismo uma ignorância*

Racismo no Brasil é, no mínimo, uma atitude de ignorância as próprias origens. Qual é o antepassado do brasileiro? Indígena? Os negros? Os portugueses? Porém, pode ser a miscigenação de todas as raças, como vemos hoje. Afinal de contas, no país em q vivemos se instalaram povos de todos os lugares do mundo. Portugueses, espanhóis, alemães, franceses, japoneses, árabes , peruanos, bolivianos, paraguaios, uruguaios, argentinos....

Atualmente, a população brasileira faz parte de uma mistura mundial. E ainda existe preconceito? Pura ignorância...

COMENTÁRIO DE ERS (21/10/2008 18:13)

**Título:** *Racismo*

Concordo com você alice, um país tão rico, em relação as raças, vemos de todos os tipo, tamanhos, e cores diferentes, e ainda tem pessoas que tem preconceito, a própria palavra já diz um pré conceito tiram conclusões precipitadas das pessoas, rotulam, excluem, deixam-as de fora, quando são exatamente, iguais, mas o orgulho de se misturar faz com que haja ainda um princípio de exclusão social, daqueles que possuem uma cor diferente. Por que será que a cor de uma pessoa é tão importante? E faz com que ela seja excluída!!! Não somos todos iguais perante Deus!!!

COMENTÁRIO DE CED (18/10/2008 09:55)

**Título:** *PROBLEMAS SOCIAIS*

Li alguns comentários dos colegas, e não acho que há diferença entre brancos, negros, índios. Acredito que todos são capazes, quanto ao desenvolvimento intelectual, trabalho. O que acontece é a falta de acesso à ensino de boa qualidade e outras informações culturais à população, e não somente este fato acontece com negros. Concerteza a escravidão contribui para o desenvolvimento destes na sociedade, mas é preciso ensino público de boa qualidade para todos desde o começo da aprendizagem. Embora houve a escravidão, muitas pessoas de raça negra se superaram através de muito trabalho, dedicação nos estudos, e hoje são profissionais de qualidade no mercado de trabalho, dentistas, professores, médicos, nutricionistas. Hoje em dia as universidades públicas, são dedicadas para ricos que tem acesso a ensino particular durante toda a vida, enquanto pessoas menos favorecidas passam por dificuldades para pagar universidade particular. O que é preciso não são cotas para negros em instituições de ensino superior, mas rever algumas questões sociais como ensino público de qualidade para todos.

COMENTÁRIO DE ICBO (21/10/2008 21:04)

**Título:** *comentário Problemas sociais*

Concordo contigo Camila, a escravidão contribuiu para o desenvolvimento do racismo no Brasil, todavia isso já faz tanto tempo que a sociedade deveria se preocupar com assuntos mais polêmicos, tais como a violência ou mesmo a

pobreza,tenho consciência de que isso existe mas como disse anteriormente isso é coisa do passado e acredito que realmente só mudaremos o nosso presente bem como o futuro com uma educação de base reestruturada.

COMENTÁRIO DE ERS (18/10/2008 09:50)

**Título:** *Racismo*

Hoje em dia as pessas ainda são racistas, driscriminam as pessoas só pelo sua cor, e muitas vezes perdem profissionais qualificados, devido as racisico que tem contra as pessoas de cor. As pessoas muitas vezes dizem que não são racista, mas na hora que é para mostrar que não são, as coisas apertam, como namoro, pais que não aceitam só porque o namorado é de cor, e isso gera conflitos entre a familia. Devemos parar de olhar o lado externo das pessoas e começar a ter um olhar mais humano, pois diante de Deus, somos todos iguais, e com o mesmo valor.

COMENTÁRIO DE ACS (18/10/2008 19:18)

**Título:** *roscimo*

Concordo, o rascimo vai ser contido apartir do momento que as pessoas coecarem a se concientizar de que todos somos iguais, e que o brasileiro é uma mistura de racas, e que as pessoas `não são feitas de cor...

COMENTÁRIO DE MCZ (16/10/2008 23:50)

**Título:** *Discriminação*

O preconceito é um relativismo individual que resulta em consequências graves. As pessoas por acharem que são melhores começam a desmerecer as outras. Muitos são os tipos de racismo que existem atualmente no Brasil, porém o mais "comum" é o racismo racial, no qual o branco e o preto tornam-se grandes inimigos. Acabar com o preconceito é o que muitos desejam, mas como isso será possível se criam-se ainda leis diferentes para diferentes grupos? Um exemplo disse é o fato de muitas universidades serem obrigadas a criar cotas para os negros. Criando essas leis os próprios grupos se separam, criando um muro entre eles, os colocando como diferentes. Assim fica difícil que essas pseudo - diferenças sejam extintas. O que me admira também é que são formados "grupos de negros" e esses se tratam como diferentes, defendem o sistema de cotas e são tão radicais que podem chegar ao ponto de dizer racismo o simples fato de um branco brigar com um negro na rua por causa de mulher. Algumas pessoas parecem querer que o racismo continue, tanto negros quanto brancos, para assim continuarem a lutar para mostrar qual "raça" é melhor. E isso se aplica também a ricos X pobres, esquerdistas X direitistas, etc. Concluindo, **TODOS SE TORNAM IGUAIS QUANDO SÃO TRATADOS COMO IGUAIS.**

COMENTÁRIO DE TS (23/10/2008 22:16)

**Título:** *racismo*

O racismo e preconceito fazem parte do comportamento social humano, é parte do instinto de sobrevivência. Em qualquer sociedade no planeta ocorre e tem maior ou menor grau de aceitação.

COMENTÁRIO DE CMB (17/10/2008 09:54)

**Título:** *Racismo: uma realidade, infelizmente*

Concordo com você, atualmente, mesmo com o dinâmico desenvolvimento econômico e tecnológico, ainda permanecem atitudes ultrapassadas como o aumento das diferenças, já existentes entre os países desenvolvidos e em desenvolvimento, e entre os ricos e pobres no interior dos diversos países. Embora os atos de discriminação estejam publicamente proibidos por lei, a discriminação em função da cor da pele continua a se desenvolver, por exemplo, na maioria dos países onde havia a escravidão, continuam a aumentar as diferenças socioeconômicas entre as pessoas de cor branca e as pessoas de cor negra. A maioria das pessoas admitem que não são racistas e condenam o preconceito, no entanto essas mesmas pessoas acabam realizando no seu cotidiano atitudes racistas.

COMENTÁRIO DE GMM (16/10/2008 15:56)

**Título:** RACISMO

O racismo

O racismo dificulta muito a vida de negros e índios no Brasil, essas etnias, mesmo estando em maior parte que os homens brancos, sofrem grande preconceito no Brasil, ainda no século XXI.

É uma grande ignorância existir racismo no Brasil, como em qualquer parte do mundo, já que somos todos feitos da mesma matéria, seja qual for a cor da pele. Uma forma de racismo é a exclusão social. Não podemos esquecer que vivemos num planeta que nos dá as condições para vivermos, mas sei lá porque razão nós seres humanos temos que inventar que uns são melhores que outros! Enfim temos que respeitar as diferenças e combater sempre todas as formas de racismo venha ela de onde vierem.

COMENTÁRIO DE KF (15/10/2008 23:50)

**Título:** Racismo

Hoje em dia fala-se na diversidade contra qualquer forma de preconceito, mas no entanto é só isso, não passam de palavras e utopia. Nossa realidade é bem outra... o racismo, ao meu ver, é um dos tipos que prevalecem sem qualquer disfarce, o exemplo mais popular e mais polêmico é o das cotas nas universidades, em que são reservadas algumas vagas para negros em todos os cursos, sendo que, não é levado em conta que ele também é capaz de passar no vestibular como qualquer pessoa. Isso deixa a entender que todo negro é pobre, e vive a margem da sociedade, como se essa situação também não fosse vivenciada por brancos.

COMENTÁRIO DE AKC (06/11/2008 20:21)

**Título:** comentário 2

concordo com você, sempre falamos e falamos mais também na maioria das vezes não fizemos nada contra isso. As cotas são umas das maiores amostras de racismo em nosso governo, pois os negros são como nós e tem direito a tudo como nós

COMENTÁRIO DE CS (27/10/2008 13:53)

**Título:** ..

Concordo com você Kamila, com isto fazem as pessoas se tornarem ainda mais preconceituosas, pois todos podem ter a mesma capacidade de conseguir passar no vestibular, basta estudo e vontade..

COMENTÁRIO DE KC (25/10/2008 10:19)

**Título:** Cotas

Concordo com a Kamila que o sistema de cotas também ser torna uma maneira de racismo e de se proprio descriminar,pois ao ver que pela sua cor ou até mesmo pela sua condição financeira você "ganha " um numero de vagas,isto serão resevadas as vagas para essas pessoas isso já é simplesmente um ato de descriminação.

Fora a descriminação que o próprio branco sofre,que por incrível que pareça em algumas vezes só os negros são beneficiados com a justiça.

Comentário de RFC (03/11/2008 14:10)

**Título:** Discriminação

Concordo que essa história de cotas não soluciona muito. Não há só negros que necessitam, há muitos estudantes de escolas pública, de classe baixa, que sonham com uma faculdade. A discriminação não inclui só o negro, mas uma sociedade muito pouco favorecida pelo sistema educacional vigente.

COMENTÁRIO DE JCCT (25/10/2008 21:14)

**Título:** Racismo

Um negro chamar um branco pejorativamente de "leite azedo" não tem problema. Um branco chamar um negro de "preto" é crime inafiançável. Isso nos leva à conclusão de que ser branco, ser "leite azedo" é bom, e ser "preto" é ruim. Porque então existe essa lei? Muitas universidades foram obrigadas a criar cotas para negros. Dessa forma, um branco com nota 80 é reprovado no vestibular, enquanto um negro com nota 50 passa. E novamente somos levados a crer que o negro é pior, é mais "burro", e por isso precisa dessas regalias. Então porque fizeram esse sistema de cotas? A resposta para as duas perguntas acima é: "Para reviver o racismo". Criando leis diferentes para diferentes grupos, você os separa, cria um muro entre eles, os colocando como "diferentes". O racismo que existe hoje vem da tentativa do governo de mostrar que negros e brancos são raças diferentes. Todos se tornam iguais quando são tratados como iguais. Mas num país cheio de leis diferentes para diferentes grupos, desde étnicos até sociais, é querer demais que essas diferenças sejam extintas.

COMENTÁRIO DE LTH (15/10/2008 21:32)

**Título:** Racismo

Racismo

Atualmente as pessoas se dizem sem preconceitos e não racistas, mas na pratica vimos ao contrario a grande maioria dos que dizem em seu interior são pessoas racistas e cheias de preconceitos, mas ficam com medo de assumir isto perante a sociedade e sofrer do mesmo.

Isto tem que acabar, as pessoas tem que ser o que são sem medo de serem recriminadas. As próprias pessoas são racistas consigo, querem mudar sua aparência as características de sua raça.

Acredito que a sociedade só vai mudar quando as pessoas se aceitarem e deixarem de ter preconceito consigo, só assim se aceitando que você aceita o próximo como ele é.

COMENTÁRIO DE CED (15/10/2008 21:15)

**Título:** *RACISMO E SUAS ORIGENS*

Lendo o comentário dos colegas, concordo que as origens do racismo começou com a escravidão, e que isto proporciona hoje desigualdades sociais, falta de oportunidade, qualidade no ensino. Todas estas questões são problemas sociais que precisam ser resolvidos, são problema sociais do nosso país, que precisam ser resolvidos como eu já falei antes em outro comentário.

COMENTÁRIO DE ERS (18/10/2008 09:56)

**Título:** *Racismo - Mudança começa por nós*

Não precisamos esperar pelos outros para que esse problema social se resolva. Eu creio que para começa a mudar e já mudou bastante, nós temos que mudar, olhar todos de igual modo, pois quando isso começar de nós, a coisa vai mudar, e já está mudando. Em vez de cobrarmos dos outros, vamos fazer a nossa parte, pois aí sim o Sociedade vai para frente.

COMENTÁRIO DE MVN (26/10/2008 00:41)

**Título:** *Racismo + Classe social*

Olá Elisangela, concordo que a ação contra o racismo deve começar por cada um de nós. A ressonância de nossas atitudes refletem em toda a humanidade. Vale ressaltar ainda, que quando pensamos na palavra racismo, logo nos vem a cabeça a raça, porém, olhando um pouquinho mais fundo, para as diferentes classes sociais, também podemos identificar o racismo como fator muito presente. Então pensemos melhor antes de virar o rosto na rua quando algum andarilho nos dirige a palavra, isso também é uma forma de racismo.

COMENTÁRIO DE PAS (15/10/2008 11:28)

**Título:** *Racismo*

O Brasil é um povo mestiço, uma sociedade multicultural, como pode haver preconceito?

As desigualdades sociais construídas ao longo da história, baseada na exploração, violência e escravidão originou uma conduta que viola os direitos dos indivíduos com base em critérios injustos como a raça, somos frutos de uma sociedade que classifica as pessoas pela cor da pele. É necessário que haja conscientização de toda população brasileira referente ao racismo, é inadmissível que uma colonização ocorrida no século XIX no contingente negro apontada como causalidade à inferioridade da raça persista até hoje, mas para que aconteçam mudanças é

importante modificarmos nossas ideologias e lembramos que somos dotados da mesma capacidade e possuímos os mesmos sentimentos.

COMENTÁRIO DE TBS (15/10/2008 08:49)

**Título:** RACISMO

Racismo no Brasil é, no mínimo, uma atitude de ignorância as próprias origens. Qual é o antepassado do “verdadeiro brasileiro”? Indígena (os primeiros povos a habitar a terra do ‘Pau Brasil’); Os negros (que foram trazidos para trabalhar como escravos e, ainda, serviram de mercadoria para seus senhores); Os portugueses (que detém o status de descobridores desta terra); Porém, pode ser a miscigenação de todas as raças, como vemos hoje. O que existe por aqui é muito racismo camuflado e que todo mundo faz questão de não enxergar. Os alvos, mesmo que inconscientemente, sempre são os mesmos. Negros, mestiços, nordestinos, pessoas fora do padrão da moda, ou seja, obesos, magrelas, altos demais, baixos ou anões e, principalmente, os mais pobres sofrem com a discriminação e não conseguem emprego, estudo, dignidade e respeito. Estes não têm vez na sociedade brasileira!

COMENTÁRIO DE PVZ (13/10/2008 23:24)

**Título:** Racismo

O racismo, atualmente, é um tema menos abordado no Brasil em relação a anos anteriores, mas que mesmo assim não deixa de ser um problema. Durante séculos os negros são discriminados por sua cor e acabam sendo tratados com indiferença. Houve época em que nem emprego conseguiam por causa da ignorância do povo, que não vê que todos somos iguais e temos a mesma capacidade. Implantação de cotas, indiferença, salários menores, baixos cargos em empresas, tudo isso é um reflexo da incapacidade dos brancos de não conseguirem enxergar o verdadeiro valor do povo negro ou, até mesmo, egocentrismo de pessoas que querem se sentir superiores a alguém por não conseguirem superar a si próprias. Essa é uma realidade que tem que ser mudada e mais abordada em nosso país. Não adianta esconder o Sol com a peneira, devemos sim nos conformar que o racismo é um problema, e um problema que nós mesmo criamos.

COMENTÁRIO DE JAVP (06/11/2008 16:24)

**Título:** racismo

Concordo plenamente, não adianta esconder a realidade na qual infelizmente ainda é presente, é um problema criado por nós mesmos e que ao invés de ter sido mudado permanece ao longo dos tempos, salários menores, sistema de cotas, entre outros demonstram um reflexo disso, racismo deve ser combatido e se não for feito nada para mudarmos essa realidade ele ainda continuará presente de forma mascarada ou explícita na nossa sociedade.

COMENTÁRIO DE KC (25/10/2008 10:22)

**Título:** Concordo

O racismo se torna um problema que o próprio negro ou até mesmo o próprio branco cria. Vendo assim que algumas dessas pessoas se auto-descriminam.

COMENTÁRIO DE GMM (20/10/2008 11:48)

**Título:** Concordo

Concordo com a Priscila, pois o racismo não é um tema mais comentado, mais temos muitas pessoas que ainda tem muito preconceito dentro de si, deveria a

midia e as escolas entrar mais neste assunto, como fala a colega pois durante seculo os negros sao discriminados por sua cor e acabam sendo tratados com indiferença, ate pessoas que se dizem nao ter preconceito, de vez em quando ainda faz brincadeira de mal gosto com os negros.

COMENTÁRIO DE MMR (13/10/2008 19:51)

**Título:** *Racismo e Educação*

Uma séria observação foi feita no que diz respeito ao grau de educação e oportunidades que são dadas aos indivíduos de raça negra inferior aos de raça branca. Infelizmente no Brasil é maior o estado de carência entre os negros que são excluídos da sociedade de forma injusta e cruel, há muita falta de oportunidades. A desigualdade social é um grave fator que os atinge dificultando ainda mais o acesso as mesmas oportunidades que são dadas principalmente na área da educação.

COMENTÁRIO DE TS (23/10/2008 22:20)

**Título:** *racismo*

O racismo foi inventado para uma determinada raça ser considerada superior. No Brasil existe isso porque ainda existem pessoas que crêem que ficam mais fortes assim, agindo assim. Observe algumas pessoas humildes, que não apóiam os humildes, e alguns homossexuais enrustidos que dizem ter nojo de ter relações com o mesmo sexo.

COMENTÁRIO DE BGQ 13/10/2008 14:28)

**Título:** *racismo*

Li alguns comentários e nota-se que quase todos tem a mesma opinião sobre racismo. Muitas pessoas fazem sim prejulgamentos sobre o que a pessoa é capaz ou não, o pior, sem conhecê-la. Concordo com a colega Flávia de que muitas pessoas são discriminadas pela cor negra, como a mesma citou também sobre a escravidão, e que infelizmente os negros não tem tantas prioridades e chances como para as demais pessoas ou seja os brancos. E concordo também com a colega sobre o sistema de cotas nas universidades, pois é um incentivo para que eles tenham um futuro melhor uma melhoe expectativa de vida, pois todos temos sonhos, e queremos alcançá-los, se surgiu essa oportunidade o negócio é aproveitar, para fazer um bom trabalho e assim ser bem valorizado.

COMENTÁRIO DE CED (13/10/2008 12:45)

**Título:** *RACISMO*

Li alguns comentários dos colegas, e concordo que há muitos cidadãos racistas, dizendo não ser, mas que percebemos através das atitudes do dia a dia. Embora vivemos em um mundo desenvolvido quanto as idéias de pensamento, há ainda muitas pessoas preconceituosas quanto a cor de um indivíduo. Quanto aos sistemas de cotas na universidades, eu não concordo pois é mais uma maneira de discriminar, o preconceito precisa ser combatido na base, e não simplesmente "tampar o sol com a peneira".

COMENTÁRIO DE KF (15/10/2008 23:54)

**Título:** *Racismo*

Concordo com você... pois conheço pessoas (amigos meus) de origem afro que cursaram a universidade pública sem utilizar o método de cotas, e são totalmente contra ele.

COMENTÁRIO DE FA (10/10/2008 21:49)

**Título:** *Preconceito*

Li alguns comentários e acho q a maioria das pessoas tem a mesma opinião a respeito do racismo. Parece-me que todos concordam que pessoas que praticam o racismo estão fazendo um pré julgamento sobre a capacidade ou caráter de alguém. Muitos também acreditam que pessoas negras, são as mais discriminadas quanto a sua cor, principalmente em países como o Brasil, onde os africanos foram escravizados como se fossem seres inferiores, que não mereciam respeito.

Já algumas pessoas, como a Clarissa e a Camila, parecem não concordar com o sistema de cotas. Eu não acho que seja a coisa mais correta, mas também não acho que seja injusto. Pois nada mais é, do que uma ação corretiva, que tenta "concertar" erros cometidos no passado. Afinal, quando o racismo acabou, os negros não tinham leis ou direitos que os ajudassem, dessa forma durante muitos anos viveram em condições mais precárias quando comparados a indivíduos brancos. Por isso, acredito que hoje eles mereçam alguns privilégios, assim como as mulheres, que apesar de não serem menos capazes do que os homens, sofrem preconceitos e muitas vezes encontram dificuldades em ter seu trabalho valorizado.

COMENTÁRIO DE SGS (10/10/2008 10:46)

**Título:** *PRECOMCEITO*

Nos dias de hoje não era para existir certas barbaridades com relação a muitos assuntos envolvidos na sociedade, mas atualmente o que mais chama a atenção é preconceito em relação as pessoas de cor negra.

Grande parte da população é negra e fica difícil entender como as pessoas conseguem ser mesquinhas (más), ao ponto de ofender uma pessoa simplesmente por que ela é de cor negra.

Mas esse preconceito tem que ter um fim ,através das pessoas que forem vítimas de preconceito terem a coragem de denunciar e jamais ficando calado pois através da justiça e que poderemos fazer pessoas tão mesquinhas a tomarem um pouco de consciência, entendendo que avisão que ela tem daquela pessoa é uma versão totalmente errada pois essa atitude faz com que afete muito o emocional do ser humano, pois ele é apenas negro e não uma pessoa desprovida de qualquer sentimento.

Comentário de RFC (03/11/2008 14:18)

**Título:** *Denúncia*

A denúncia deve ser feita sempre e todos devem pagar pelo seu ato discriminatório, mas acredito que isso deva acontecer quando atinge qualquer pessoa. Não discriminamos só o negro, mas qualquer um que seja diferente de nós.

COMENTÁRIO DE GMM (22/10/2008 15:57)

**Título:** *Acrescentar*

Concordo com voce Simoni, os negros principalmente brasileiro sempre foram e sao historicamente jogados a um acondicao de marginal e nossa sociedade. Apesar de muitas pessoas lutarem contra o preconceito racial, ainda podemos perceber o preconceito dentro das pessoas e no Brasil. Podemos perceber muitos apelidos preconceituosos, até mesmo em grupos de amigos.

COMENTÁRIO DE VCB (10/10/2008 18:29)

**Título:** *Preconceito*

Concordo que hoje em dia não deveria mais se falar de preconceito racial, o preconceito de qualquer forma, machuca, fere, dói na alma, porque entre tantos motivos atinge a dignidade, pois é uma tentativa de diminuir o outro. Preconceitos existem, não apenas como manifestações de discriminação racial, mas como atitudes inerentes ao comportamento humano, que tende a rejeitar tudo o que diferente de “si mesmo”. Mas são produtos mais da falta de educação e de cultura, do que da diferença da cor da pele. Porque quem recebeu uma boa e tem referências culturais sólidas, não vai perder seu tempo discriminando quem não é “igual”.

COMENTÁRIO DE GCF (10/10/2008 10:16)

**Título:** *Racismo na instituições de ensino superior.*

O preconceito racial está presente em nosso cotidiano diariamente, podemos perceber isso em nossa instituição de ensino que é constituída principalmente por pessoas de etnias brancas. Cursar uma faculdade deveria ser viável a todas as pessoas, mas deverás, não o é; é acessível apenas a uma minoria e que em muitas das vezes estão ai pela humilhante condição de "cotas para negros". Condição essa que poderia ser facilmente revertida com a reconstituição da educação, melhores escolas públicas de formação básica, que preparasse os alunos para ingressar numa universidade pública também, e que o fizessem através de seus próprios méritos, e não pelo simples fato de pertencerem a classe negra, o que não deveria ser motivo de diferenciação. Outro exemplo que poderíamos citar para melhorar essa condição, seria talvez o ingresso desses estudantes em uma instituição pública superior pela somatória das notas da vivencia escolar. Esse é apenas um ponto muito relevante na questão do racismo, dentre milhares de outros que precisamos melhorar para formarmos uma sociedade mais justa e humanitária.

COMENTÁRIO DE ICRF (25/10/2008 18:58)

**Título:** *Discordo das cotas também*

As ongs que lutam pelos negros e o governo são racistas, concordo que é humilhante entrar em função das cotas, então teremos que fazer o seguinte

20% negros, 20% japoneses, 20% indios, é ridiculo VAMOS MELHORAR A EDUCAÇÃO BÁSICA

COMENTÁRIO DE PVZ (13/10/2008 23:31)

**Título:** *Cotas*

As cotas foram implantadas para combater as diferenças raciais. Mas que método estranho é esse: cotas para os negros por que? Eles tem a mesma, senão maior, capacidade que nós de ingressar em um instituição de ensino superior. Combater o racismo implementando o mesmo racismo? Como isso? Dá a entender que os negros têm capacidade menor do que nós, mas como se eles frequentaram as mesma escolas, sejam elas pública ou particular e tiveram o mesmo ensino? Só porque são negros afeta em algo no aprendizado? Muitas atitudes devem ser repensadas no nosso país... Um país onde exige a lei da

selva, onde ninguém pensa em ninguém, só em si mesmo e no próprio bolso. Por essas e outras que o Brasil não vai pra frente.

Comentário de RFC (03/11/2008 14:21)

**Título:** *Concordo plenamente*

Seu comentário está muito bom e cheio de razão.

COMENTÁRIO DE ICRF (25/10/2008 19:02)

**Título:** *Perfeita colocação*

Concordo com vc em genero, número e grau,

O pior não é isso acho que estamos longe de melhorar estas condições no Brasil.

COMENTÁRIO DE TS (23/10/2008 22:26)

**Título:** *cotas, racismo!*

Essa opção racista e política só serve para criar mais preconceito e separar mais os brancos e negros, pois discriminar é separar pelas diferenças. Se querem acabar com as diferenças que jazem no processo étnico que assola o país desde a colônia e o império, que façam uma reforma política que acabe com a corrupção na política e de chance aos pobres de poderem viver com dignidade.

COMENTÁRIO DE ICBO (10/10/2008 10:25)

**Título:** *racismo...*

Até que enfim alguém tocou neste assunto "cotas para negros", acho humilhante esta condição já que todos somos afro descendentes, e que uma das soluções seria a revisão do ensino publico que é a formação básica da sociedade não devemos diferenciar já que "somos todos iguais".

COMENTÁRIO DE ACM (09/10/2008 16:16)

**Título:** *Racismo*

O racismo é um absurdo, como pode haver pessoas no mundo que ainda discriminam uma pessoa só pela cor da pele dela. Isso que hoje em dia já melhorou bastante, mais ainda existe, o racismo vai demorar a acabar pode ate dar uma amenizada, mais nunca vai acaba. Isso já vem de muito tempo atrás, e sempre vai ter pessoas com a cabeça fechada que acham que dependendo da cor da pele da pessoa ele é melhor ou pior que outro.

COMENTÁRIO DE CED (08/10/2008 17:02)

**Título:** *RACISMO*

Racismo é a convicção por parte de alguns indivíduos de que existe uma relação entre as características físicas, hereditarias, como cor de pele, e isto é o bastante para determinar o caráter e inteligência de alguém. o racismo subtende ou afirma que existem raças "puras" e que estas são superiores às demais e que tal superioridade autoriza um poder político, social e

histórico. Sabe-se que os grupos humanos contemporâneos são frutos da combinação de raça existentes no mundo, portanto não existe uma raça pura. Sabe-se também, que a raça que mais sofre com o racismo é a raça negra. Existe um pré conceito por alguns indivíduos da sociedade atual, que discrimina pessoa de raça negra, e que em algumas situações negam a estes, até mesmo, oportunidade de trabalho, pois desacreditam da sua capacidade, e o que determina isto é simplesmente a cor de pele. Um ser humano deve ser avaliado quanto ao seu caráter, capacidade e inteligência por sua história, atitudes durante a vida e não somente pela cor de pele.

COMENTÁRIO DE CMB (13/10/2008 22:13)

**Título:** *Racismo*

Concordo com a Camila, o ser humano deve ser avaliado quanto ao seu caráter e não pela sua cor de pele. Os negros, no nosso país, continuam sendo tratados com um preconceito oculto, hipócrita, falso e mal resolvido. Eles vivem, na maioria, numa condição de vida bem menos favorecida em relação à daquelas que se declaram de raça "branca". Isto é ocasionado especialmente pelo fator histórico da escravidão, que, ao ser abolida, não deu qualquer tipo de proteção especial aos negros, que permaneceram na pobreza. Atualmente, há ainda forte preconceito dentro da sociedade brasileira, o que seria uma forma a mais de dificultar a inserção do negro na sociedade e de contribuir para o aumento de desemprego entre os mesmos.

COMENTÁRIO DE ICBO (10/10/2008 09:58)

**Título:** *racismo*

Gostei muito do seu comentário Camila, e concordo contigo quando diz que a cor é apenas uma característica hereditária e que não identifica o caráter nem a inteligência das pessoas .

COMENTÁRIO DE CMB (08/10/2008 00:46)

**Título:** *RACISMO*

O racismo é a tendência do pensamento, ou do modo de pensar em que se dá grande importância à existência de raças humanas distintas e superiores umas às outras. O racismo é um conjunto de opiniões pré-concebidas onde a principal função é valorizar as diferenças biológicas entre os seres humanos, em que alguns acreditam serem superiores aos outros de acordo com sua cor de pele. É um erro não perceber que a cor de pele, seja ela qual for, não interfere no desenvolvimento e crescimento do indivíduo, ser branco ou negro, tanto faz, se a pessoa vai se tornar um assassino ou um padre não é a cor de pele que vai decidir. Na nossa sociedade, o racismo é tão presente que muitas vezes é realizado de forma inconsciente, como por exemplo, o esquema de cotas nas universidades, será que é necessário "dar uma chance" para a população negra poder realizar o ensino superior? Na verdade, a educação tem que ser acessível e adequada desde a infância e para todos.

COMENTÁRIO DE MMR (06/10/2008 18:04)

**Título:** *Sociedade Ignorante*

Realmente ainda temos e teremos que conviver com tal preconceito pois sempre existirá e nada será feito, são pensamentos, culturas e tradições que são passados de geração para geração famílias preconceituosas e que acabam passando esse tipo de atitude para seus filhos que agem muitas vezes da mesma forma, maltratam os negros e os ridicularizam perante a sociedade, é triste mas é real. Falta de ética e educação pessoas que agem assim não se dão conta de que somos todos iguais.

COMENTÁRIO DE CMB (08/10/2008 00:56)

**Título:** *Sociedade racista*

Concordo com você, muitas vezes as crianças já tornam-se racistas sem mesmo saber o significado, mas aprendem com os seus pais. As piadas de mau gosto que envolvem as diferenças de raças, presentes nos mais variados meios de comunicação, são mais um incentivo para a permanência de uma sociedade racista.

COMENTÁRIO DE ICBO (10/10/2008 10:04)

**Título:** *racismo*

Concordo com vc Clarissa essas piadas racistas bem como as piadas que desvalorizam as mulheres devem acabar pois elas são um incentivo a falta de amor fraterno .

COMENTÁRIO DE DCG (06/10/2008 14:24)

**Título:** *Ainda culpando a escravidão!!!*

No Brasil existe muito racismo em relação aos negros. Se no acadêmicos e futuros intelectuais, juntamente com o governo federal e estadual e municipal não fizer nada, continuara culpa da escravidão, que já acabou há mais de 100 anos. E não pode mais ser usada como desculpa. Depois da escravidão, houve convivência do poder estatal com a discriminação racial. Então, o Estado que escravizou é o mesmo Estado que tem que fazer política de promoção da igualdade racial. Vamos fazer nossa parte, dizendo não ao racismo.

COMENTÁRIO DE APA (04/10/2008 00:25)

**Título:** *Racismo x desenvolvimento do país*

O racismo é a pobreza da sociedade, sendo este muitas vezes camuflado na própria ignorância do homem. Os alvos, mesmo que inconscientemente, sempre são os mesmos, negros, mestiços, nordestinos, pessoas fora do padrão da moda, ou seja, obesos, magrelas, altos demais, baixos ou anões e, principalmente, os mais pobres sofrem com a discriminação e não conseguem emprego, estudo, dignidade e respeito. Estes não têm vez na sociedade brasileira, mesmo que a Constituição Brasileira pregue que qualquer pessoa que se sentir humilhada, desprezada, discriminada, etc...por sua cor de pele, religião, opção sexual...pode recorrer a um processo judicial contra quem cometeu tal atrocidade. Como queremos ter um país de respeito, um país desenvolvido culturalmente e financeiramente, se nem respeito ao próximo nós temos. O brasileiro tem de valorizar e acreditar nas suas e nas virtudes do seu próximo, para que um dia este país tenha condições de lutar com igualdade pelos seus direitos e por todos nós, além de almejar um posto de destaque no cenário mundial.

COMENTÁRIO DE CM (06/11/2008 10:02)

**Título:** *falta de respeito.*

É, realmente é uma questão de respeito, que acho que cada um ganha no seu aprendizado, vem da sua própria índole, onde muitos ainda ignorantes, não tem nenhum pouco de respeito nem com um idoso, nem com seus próprios pais.

COMENTÁRIO DE KPS (25/10/2008 23:25)

**Título:** *Injustiça Social - Ignorância Cultural*

O país é um atraso! Há alguns meses passou no programa de gênero humorístico, sendo até mesmo rude e irônico: Pânico na TV, um episódio de racismo puro... Estava em cartaz uma peça de Miguel Falabella, com Juliana

Paes e Vladimir Brichta no elenco, e a equipe do programa encontrou um catador de latinhas do lado de fora do espetáculo e deram-lhe um ingresso para que ele pudesse assistir a peça. Acontece que o homem foi barrado na entrada por seguranças, e uma das organizadoras (que estava na entrada) disse que ele não poderia entrar por não estar vestido de acordo com o quesito determinado pelo local. Assim, os apresentadores tiraram a roupa do produtor e deram para que o homem entrasse, e mesmo com uma roupa mais adequada, não deixaram-no entrar... Depois de muita discussão o homem entrou e, pouco tempo depois, descobriram que ele não conseguiu assistir a peça e que estava detido em outro lugar do teatro. As pessoas que se acham chiques indo a teatros caríssimos, acabam pagando com seu glamour para que haja toda essa mediocridade.

Esse episódio do Pânico na TV pode ser encontrado no YouTube, no endereço: <http://www.youtube.com/watch?v=LyxH33T-HuE>

COMENTÁRIO DE ICBO (10/10/2008 10:11)

**Título:** *racismo*

Parabéns Ana Paula vc soube expressar tudo o que sinto, precisamos esquecer que existem essas diferenças e nos unir para lutarmos pelos nossos direitos, lembrando sempre que somos iguais independente de qualquer circunstância.

COMENTÁRIO DE FA (03/10/2008 21:23)

**Título:** *Racismo...como acabar com ele.*

O racismo é uma forma de preconceito, onde julgamos as pessoas por sua forma física, biológica de ser. Como a própria palavra diz, é PRÉ CONCEITO, formulamos uma imagem de algo ou alguém, sem conhecermos de fato a realidade. Atualmente muito se fala sobre o preconceito, racismo, machismo e outras formas de discriminação social. Todos sabem o quanto é errado ter esse pensamento ou sentimento, mas muitas vezes somos preconceituosos sem nos dar conta.

Quantas vezes achamos que uma pessoa é menos competente ou menos capaz do que nós, sem nem ao menos conhecermos quem é, ou o que essa pessoa faz.

Acredito, que vencer o racismo hoje é um desafio de cada um de nós. Não cabe mais ao governo criar leis que permitam ou favoreçam o negro a entrar em uma universidade ou em uma empresa. Acredito que essa seja uma medida corretiva, que tenta amenizar os erros cometidos no passado. Mas de nada adianta essa lei existir, se nós não mudarmos. É preciso entender, que o negro e as mulheres, por exemplo, tem privilégios em algumas questões, porque durante anos foram reprimidos, e que apesar de terem a mesma capacidade intelectual e física (respeitando individualidades, é claro) hoje precisam de incentivo para se igualarem aqueles que antes estavam no poder.

COMENTÁRIO DE FBM (07/10/2008 20:48)

**Título:** *Racismo*

Sim, concordo, vencer o racismo é um desafio. Em relação ao preconceito, o mundo inteiro necessita da conscientização das pessoas que o habitam. Essa tal lei que o governo criou, mais conhecida como "Cotas", nada

mais é do que mais racismo. A solução está em nós, na cabeça de todas as pessoas. Precisamos entender que todos os seres humanos são iguais, onde todos possuem os mesmo direitos e obrigações dentro de uma sociedade. A questão é... como conscientizar a todos?

COMENTÁRIO DE BLA (02/10/2008 15:29)

**Título:** *Ignorantes racistas*

O racismo parece crescer cada vez mais. São feitas campanhas, reportagens, enfim, e as pessoas continuam dizendo: "eu não sou racista". Mas infelizmente, a maioria é sim. Pessoas que cometem um ato racista, como no vídeo, são bandidas, assassinas, são ignorantes. No era da globalização o racismo é presente. Isso é inaceitável pois o mundo evolui tecnologicamente, digitalmente, na área da saúde e muitas outras. Mas de fraternidade e de amor o mundo não evolui em nada.

COMENTÁRIO DE VGM (25/10/2008 18:56)

**Título:** *Preconceito a si mesmo*

Concordo com a opinião da Bruna, pois a cada dia que passa o racismo parece estar crescendo mais.

Mas se pararmos para analisar muitas vezes as pessoas tem preconceitos de si mesmo com isto gerando mais e mais preconceitos dentro da nossa sociedade.

COMENTÁRIO DE KC (25/10/2008 10:30)

**Título:** *Concordo*

O racismo cresce cada vez mais no Brasil e no mundo por falta de cultura das pessoas como já disse em um comentário, não existem pessoas diferentes mais sim cores que não mudam em nada todas as pessoas são iguais tendo sentimentos e valores.

COMENTÁRIO DE KF (16/10/2008 00:00)

**Título:** *Racismo*

Concordo com você... existem cidades aqui mesmo em nosso estado que são totalmente racistas, falo isso pois meu pai que nem é afro, mas é moreno, tem cabelos pretos e olhos escuros já foi discriminado ao ser chamado de 'caboclo' de um forma pejorativa.

COMENTÁRIO DE PAS (15/10/2008 11:02)

**Título:** *Racismo*

Concordo com você Bruna, a humanidade está em busca de novas descobertas, todos os dias somos apresentados a novas tecnologias, mas do que ainda tudo isso se não somos capazes de mudar nossas ideologias?

COMENTÁRIO DE VS (01/10/2008 12:54)

**Título:** *Racismo, o que mudou????*

Por mais que o governo e a sociedade tentem camuflar o racismo, ele ainda é um grande problema. As pessoas podem ser inibidas para não hostilizar outras pessoas abertamente, mas não podem ser impedidas de serem preconceituosas. E esta hostilidade gera violência.

Como o texto coloca, o racismo o Brasil iniciou-se no período colonial, quando os portugueses trouxeram os primeiros africanos negros para serem escravos nos engenhos de cana de açúcar, o que levou a sociedade a crer que eram uma raça inferior. Esse pensamento deveria ser extinto quando aconteceu a abolição da escravatura. Mas não aconteceu

Hoje o racismo acontece com pessoas de todas raças. O livre arbítrio que é direito de todos, acaba sendo violado de certa forma, porque nem todas as pessoas tem os mesmos direitos. Principalmente os afro descendentes que ainda são vistos como uma raça inferior.

Comentário de RFC (03/11/2008 14:26)

**Título:** *Eterno problema*

A questão do racismo é cultural. Sempre houve e sempre haverá. Poderia haver campanhas mais sólidas para conscientização desse mal.

COMENTÁRIO DE VS (14/10/2008 22:18)

**Título:** *Só complementando...*

...E como todo acontecimento da vida é uma lição, o que teria acontecido com o rapaz atropelado se o médico fosse racista como ele e não o atendesse (embora saibamos que todos os médicos não podem negar atendimento)?

COMENTÁRIO DE MVN 08/10/2008 20:41)

**Título:** *O racismo camuflado*

Olá Vilma, adorei o termo que você utilizou: "camuflar o racismo". Concordo com você, todos nós tentamos camuflar o racismo porque esse sentimento nos dá vergonha, é um sentimento de inferioridade. Ser racista, fazer parte desse grupo, é que é a raça inferior. Mas não podemos nos restringir apenas as raças (cor de pele), participar de grupo ou culturas também nos torna diferentes, outro motivo que gera o sentimento de racismo em alguns.

COMENTÁRIO DE JB (25/10/2008 21:08)

**Título:** *o racismo camuflado*

Ola meninas, também concordo com vocês, que muitas pessoas falam mal do racismo pelo simples fato de ter vergonha para assumir o preconceito. Realmente elas camuflam seu próprio preconceito e, na maioria das vezes escondem isso delas mesmas. Precisamos refletir mais sobre essa questão e principalmente olhar para dentro de nós mesmo pois isto pode estar acontecendo muito perto da gente e passar despercebido.

COMENTÁRIO DE EMO (01/10/2008 09:02)

**Título:** *Racismo*

È triste ainda observarmos que existe racismo nos dias de hoje. Ainda há pessoas ignorantes que se acham melhores do que outras por sua cor. Somos todos iguais, com os mesmos direitos e deveres. Independente de nossa cor, religião, opção sexual, trabalho ou de qualquer outra coisa, todos temos o direito de sermos respeitados e o DEVER de respeitar todos sem distinção.

COMENTÁRIO DE AKC (06/11/2008 20:24)

**Título:** comentário 3

é verdade somos todos iguais não importa a raça e não importa a cor, e nem a religião, somos todos iguais e não podemos mudar isso.

COMENTÁRIO DE LTH (15/10/2008 21:38)

**Título:** Racismo

Concordo com a Elizandra, somos todos iguais acho um absurdo as pessoas se acharem superiores as outras

COMENTÁRIO DE VS (14/10/2008 21:52)

**Título:** Racismo

Concordo com você. E seria muito bom se todas as pessoas concordassem com esta questão. Essas pessoas não entendem que ser preconceituosa não faz delas melhores que outras pessoas. Eu acredito que se as pessoas se preocupassem com questões mais importantes, como a fome, o aquecimento global, o amor próprio, não teriam tempo para sentimentos mesquinhos como o racismo. Não entendo o que se passa com estas pessoas, tenho certeza que elas seriam muito mais felizes se se preocupassem com os próprios problemas e deixassem o preconceito fora de suas vidas. Cedo ou tarde, pode acontecer de essas pessoas precisarem de ajuda, e também pode acontecer, de esta ajuda vir de um negro. Qual seria a reação destas pessoas ? Recebiriam esta ajuda?

COMENTÁRIO DE EMO (11/10/2008 23:50)

**Título:** Racismo

È triste ainda observarmos que existe racismo nos dias de hoje. Ainda há pessoas ignorantes que se acham melhores do que outras por sua cor. Somos todos iguais, com os mesmos direitos e deveres. Independente de nossa cor, religião, opção sexual, trabalho ou de qualquer outra coisa, todos temos o direito de sermos respeitados e o DEVER de respeitar todos sem distinção. Infelizmente, temos que admitir que ainda temos o preconceito em nosso coração. O fato de concordarmos com as cotas das universidades, mostra que pensamos que os negros só conseguem estudar por serem beneficiados pelas cotas. Particularmente, sou extremamente contra as cotas. Os negros são iguais a todos, inteligentes, esforçados, competentes e capazes de conseguir realizar todos os objetivos com determinação. Merecem competir com os outros candidatos de igual para igual.

COMENTÁRIO DE EMO (12/10/2008 00:32)

**Título:** Racismo

: continuação

do

comentário

acima...

Infelizmente, temos que admitir que ainda temos o preconceito em nosso coração. O fato de concordarmos com as cotas das universidades, mostra que pensamos que os negros só conseguem estudar por serem beneficiados pelas cotas. Particularmente, sou extremamente contra as cotas. Os negros são iguais a todos, inteligentes, esforçados, competentes e capazes de conseguir realizar todos os objetivos com determinação. Merecem competir com os outros candidatos de igual para igual.

COMENTÁRIO DE EMO (12/10/2008 00:34)

**Título:** *r*

COMENTÁRIO DE ICBO (10/10/2008 10:29)

**Título:** *racismo*

Concordo temos o DEVER de respeitar a todos, só assim poderemos viver de forma civilizada.

COMENTÁRIO DE VS (01/10/2008 13:20)

**Título:** *Racismo*

Alterado em 14/10/2008.

COMENTÁRIO DE TBS (30/09/2008 23:05)

**Título:** *racismo*

O **racismo** é a tendência do pensamento, ou do modo de pensar em que se dá grande importância à noção da existência de raças humanas distintas e superiores umas às outras. Onde existe a convicção de que alguns indivíduos e sua relação entre características físicas hereditárias, e determinados traços de caráter e inteligência ou manifestações culturais, são superiores a outros. O racismo não é uma teoria científica, mas um conjunto de opiniões pré concebidas onde a principal função é valorizar as diferenças biológicas entre os seres humanos, em que alguns acreditam ser superiores aos outros de acordo com sua matriz racial. A crença da existência de raças superiores e inferiores foi utilizada muitas vezes para justificar a escravidão, o domínio de determinados povos por outros, e os genocídios que ocorreram durante toda a história da humanidade.

COMENTÁRIO DE CS(30/09/2008 20:45)

**Título:** *o racismo continua....*

Assim como mostra o vídeo, também presenciamos em nossas vidas um ato de brutalidade, pois cor, raça não modifica a dignidade que uma pessoa pode ter. Não consigo entender, porque tratar as pessoas com indiferenças se somos todos iguais, com defeitos e qualidades. O mundo evoluiu mais seus pensamentos continuam iguais, completamente medíocre. Outro tipo de racismo é a cota que existe nas Universidades, pois desta forma difere os negros dos brancos, mostrando que eles são inferiores, o que realmente deveria ser feito é ter uma qualidade de ensino desde o início de nossa aprendizagem

COMENTÁRIO DE CSC(25/10/2008 23:48)

**Título:** *Concordo...*

Concordo com você Camila, acho que as pessoas não podem ser julgadas pelas suas diferenças (no caso a cor da pele), pois temos os mesmos direitos e deveres.

Também acho que as cotas nas universidades é uma forma de discriminar ainda mais os negros mostrando a sua incapacidade de competir com os brancos. Acho que nesse caso os negros estão se discriminado só para se beneficiarem.

COMENTÁRIO DE GPR (29/09/2008 22:04)

**Título:** *Racismo: degradação social de uma nação!*

Racismo no Brasil é, no mínimo, uma atitude de ignorância as próprias origens. Afinal de contas, aqui se instalaram povos de todos os lugares do mundo. Portugueses, espanhóis, alemães, franceses, japoneses, árabes e, ultimamente, peruanos, bolivianos, paraguaios, uruguaios e até argentinos vivem neste país que hospitaleiro até demais com os estrangeiros e, muitas vezes, hostil com sua população.

O preconceito racial é o que mais se abrange em todo o mundo, pois as pessoas julgam as demais por causa de sua cor, ou melhor, raça. Com tudo isso, percebemos que o preconceito é um dos problemas mais graves em todo o mundo, e que as pessoas precisam conhecer melhor as pessoas, indiferente da cor ou raça, sendo branco, preto, índio ou qualquer outro tipo, devemos respeitar e zelar pelo próximo.

O vídeo demonstrado retrata bem essa situação onde o preconceito imposto pelo homem que cor branca em relação ao negro, tratou o negro com desrespeito e desumanidade, e acabou sendo tratado por um medico negro... Que ironia! Isso quer dizer que perante todas as coisas somos iguais somos imagem e semelhança do próximo e não é pela sua cor, raça, religião ou classe social que você não vai luta pelos seus sonhos, conquistar seus objetivos, a sociedade é discriminatória, medíocre, alienada precisa aprender muito ainda, precisa evolui em vários aspectos só assim uma nação poderá evoluir e crescer.

COMENTÁRIO DE VS (14/10/2008 22:13)

**Título:** *Racismo, até quando ?????*

Concordo com você Gabriela. Nosso país que aceita pessoas de todos os países, ainda é preconceituoso com sua própria raça. A grande maioria dos brasileiro tem " o pezinho na senzala" e ainda assim é racista. Gostaria de entender como estas pessoas convivem consigo próprias! Todas as pessoas, indiferente de sua raça, busca uma vida melhor. A cada dia que passa, as dificuldades são maiores, as pessoas deveriam se preocupar muito mais com seus problemas e deixar de lado esse tipo de preconceito que não leva a lugar nenhum.

Foi muito irônico o que aconteceu com o rapaz do vídeo. Mas quem garante que já não aconteceu com outras pessoas a mesma situação, ou situação parecida? Complicado né????!!!!!!

COMENTÁRIO DE BLA (02/10/2008 15:33)

**Título:** *CONCORDO!*

É verdade Gabriela, a sociedade precisa aprender muito ainda...é uma sociedade medíocre, preconceituosa e ignorante. Resta cada um fazer a sua parte, respeitando e tratando com dignidade o próximo!

COMENTÁRIO DE VS (01/10/2008 13:06)

**Título:** *Racismo*

Concordo com você. Embora muitas pessoas não vêem as outras pela raça, existem muitas que pensam ser melhores do que a maioria. Enquanto as pessoas seguirem o que "manda" a sociedade de seus antepassados (meu pai foi assim, o pai do meu pai foi assim...), não acredito que haverá a extinção do racismo.

COMENTÁRIO DE VCB (03/10/2008 22:59)

**Título:** *Racismo e extinção*

A palavra extinção não acredito que aconteça literalmente, mais se as novas gerações que estão por vim seguirem outro tipo de raciocínio e conduta, acredito que podemos melhorar como seres humanos que somos. O racismo é um desses sistemas que tendem a desaparecer, na medida em que a humanidade evolui e adquire novos conhecimentos, valores e virtudes que não fiquem somente no papel, ou no mero discurso de religiosos hipócritas e humanistas de segunda classe.

COMENTÁRIO DE DCG(06/10/2008 14:29)

**Título:** *Concordo*

Concordo que isso vai acabar, realmente aos poucos esta se extinguindo o racismo.

COMENTÁRIO DE HWF (29/09/2008 13:36)

**Título:** *racismo*

O racismo é a convicção de que existe uma relação entre as características físicas hereditárias, como a cor da pele, e determinadas traços de carácter, inteligência ou manifestação cultural. A base mal definida é o conceito de uma raça pura aplicada aos homens, sendo praticamente impossível descobrir-lhe um objeto bem delimitado, sendo que em nosso país há uma mistura incrível de raças, não sabendo se essa ou aquela é mais pura. Perante a sociedade somos todos iguais e temos os mesmos direitos e deveres como cidadão. Ter uma opinião racista no Brasil é uma atitude de pura ignorância, pois nossa raça vem dos índios, negros e portugueses porém uma miscigenação de raças. Enfim todos nós temos nossas virtudes podendo contribuir para uma sociedade mais justa e menos hipócrita, independente de nossa cor.

COMENTÁRIO DE ACM (26/10/2008 13:37)

**Título:** *RACISMO*

Concordo contigo hunter, como pode acontecer racismo num país onde o que mais tem é mistura de raças. Muitas vezes aquela pessoa que é racista nem sabe mais um dos seus antepassados poderia ser negro. E principalmente concordo quando tu falas que perante a sociedade somos todos iguais e temos os mesmos direitos e deveres como cidadão.

COMENTÁRIO DE CSC (25/10/2008 23:57)

**Título:** *Mistura de raças.*

É verdade. Em nosso país existe uma mistura de raças muito grande, e as vezes aquele que discrimina um negro esquece que pode ser descendente de um deles, e mesmo assim o julga inferior somente por causa da cor. Isso é realmente inaceitável.

COMENTÁRIO DE DNM (29/09/2008 02:56)

**Título:** *ninguém pode viver sozinho, o sucesso depende da união!*

O racismo trata-se de um conjunto de opiniões incoerentes. As vezes não conseguimos percebê-lo explicitamente, porém ele se manifesta em atitudes discretas, como através de um olhar, de um comentário maldoso ou até mesmo uma piada. Muitas pessoas são racistas camufladas, nos trazendo a falsa esperança de que o povo está evoluindo. Este tipo de preconceito não faz mal apenas àquele que é discriminado, mas à toda a sociedade. Como podemos perceber no vídeo, ninguém pode viver sozinho, nós dependemos uns dos outros. O ser humano nasceu para viver em grupo. No vídeo, a vida do homem branco dependia do médico negro, nos mostrando assim, que não importa a cor da pele, todos somos igualmente importantes. Enquanto ainda existirem indivíduos que se acham superiores e auto-suficientes o racismo estará presente. Ele só diminuirá quando as pessoas souberem respeitar as diferenças. Somente através da conscientização poderemos viver em uma sociedade justa e igualitária!

COMENTÁRIO DE ICRF (25/10/2008 18:53)

**Título:** *Concordo*

E acho que esta conscientização vem dos pais, da escola, da igreja ou seja de toda sociedade, por mais hipócrita que isso pareça.

COMENTÁRIO DE MEEPL (26/09/2008 18:59)

**Título:** *Racismo entre ambas as partes?*

O vídeo demonstra, infelizmente uma realidade que ainda está presente em pleno século XXI. O preconceito do branco para com o negro é visível em muitas situações, como em oportunidades de emprego, em amizades, entre outras. Somos todos iguais, independente de raça, cor, cultura ou sexo; temos os mesmos direitos e deveres perante a sociedade e uns com os outros. Não se pode julgar as pessoas devido a esses aspectos e sim as suas atitudes. Na nossa região, onde a cor branca é predominante, é fácil perceber o preconceito do branco com o negro, no entanto em outros locais, também se encontra o preconceito do negro para com o branco, talvez em menor quantidade e tomando menores dimensões. É uma questão de respeito e princípios a ocorrência dessas situações, cabe a cada um de nós agir de acordo com a justiça, independente de qualquer outra coisa.

COMENTÁRIO DE CSC (26/10/2008 00:10)

**Título:** *Concordo*

Também concordo que o preconceito existe de ambas as partes, temos que usar o bom senso e tratar as pessoas da mesma maneira, independente da sua cor, raça ou crença.

COMENTÁRIO DE VS (14/10/2008 21:37)

**Título:** *Racismo*

Concordo com você e acrescento que, além do racismo do negro contra o branco, o branco contra o negro, há ainda o racismo do negro contra o negro (os negros se vêem como branco e menosprezam os negros) em proporções absurdas; e o branco contra o branco (os brancos se vêem como negros e menosprezam os brancos) claro que é uma minoria, mas existe. Embora se fale em extinção do racismo, ele ainda existe e isso faz com que as

peças negras sejam discriminadas no trabalho, em locais públicos e em escolas o que na maioria das vezes acaba gerando violência. O racismo, parece aumentar a cada dia, e com isso a violência também aumenta.

COMENTÁRIO DE VS (14/10/2008 21:37)

**Título:** *Racismo*

xx

COMENTÁRIO DE VS (01/10/2008 13:34)

**Título:** *Racismo*

Alterado em 14/10/2008.

COMENTÁRIO DE CS (30/09/2008 20:16)

**Título:** *racismo*

Concordo com você, nos dias atuais, não é só o negro que sofre preconceito, o negro se tornou igual, também discriminando o branco..

COMENTÁRIO DE JAVP (26/09/2008 18:50)

**Título:** *Racismo*

Analisando pode se chegar a conclusão principal que não podemos julgar as pessoas sem ao menos conhecê-las, o foco do vídeo foi a discriminação de cor e hoje em dia apesar da maioria dizer que não tem preconceito ele está mascarado de várias formas, às vezes até sem percebemos. Eu acho que a maior lição que o vídeo passou é que realmente não somos melhores ou piores pela cor, somos todos iguais temos a mesma capacidade de vencer, nossas diferenças são o que fazem ter nossa identidade.

COMENTÁRIO DE JR (25/09/2008 23:18)

**Título:** *Racismo.*

o vídeo nos mostra que não se deve julgar antes de conhecer as pessoas, como mostrou no vídeo o rapaz chingou o negro e não pensou no que poderia acontecer consigo, deixou se levar pela ignorância, mas depois precisou de outro negro para salvar sua vida e isso de certo o fez refletir sobre o seu preconceito com os negros, e isso serve para mostrar também que a diferença de "raça ou cor" não faz ninguém melhor ou pior do que ninguém.

COMENTÁRIO DE LTH (15/10/2008 21:53)

**Título:** *Preconceito*

Concordo, o vídeo nos mostra o preconceito perante as raças é muita ignorância julgar antes de conhecer.

COMENTÁRIO DE GDF (25/09/2008 15:43)

**Título:** *Todos somos iguais!*

Vi o vídeo e ele nos mostra, mais do que nunca, que todos nós somos iguais, temos os mesmos direitos e deveres! Ao chingar o negro que sem querer o esbarrou, não pensou no que poderia lhe acontecer! E quando viu o homem que salvou sua vida, com certeza deve ter se arrependido do que fez! Esse vídeo nos faz pensar antes de julgar as pessoas!

COMENTÁRIO DE TGF (26/10/2008 22:53)

**Título:** *Somos iguais*

Eu concordo com o comentário da Comentário de GDF que o vídeo mostra, mais do que nunca, que todos nós somos iguais, temos os mesmos direitos e deveres. Ao xingar o negro que sem querer o esbarrou, não pensou no que poderia lhe acontecer. E quando viu o homem que salvou sua vida, com certeza deve ter se arrependido do que fez. Esse vídeo nos faz pensar antes de julgar as pessoas!

COMENTÁRIO DE JR (25/10/2008 23:25)

**Título:** *igualdade*

todos devemos pensar antes de julgar as pessoas, quem sabe um dia não precisaremos delas, como aconteceu no vídeo com o rapa seu preconceito levou ele um dia a precisar da ajuda de uma pessoa a quem ele julgava antes.

COMENTÁRIO DE GPR (14/10/2008 17:12)

**Título:** *Refletindo!!*

Veja só, o preconceito racial é uma forma de exclusão social bastante comum no mundo, porém, pode-se observar que o Brasil, apesar de ser um país com população em sua maioria negra ou afro descendente, o racismo é uma prática muito freqüente, o que nos leva a pensar em qual seria o verdadeiro motivo para tamanha discriminação. e o vídeo realmente mostra isso, acho que cabe a humanidade tratar melhor as pessoas não só negros brancos mais deficientes dentro outros que o mundo vê como "diferente". É preciso que os negros sejam vistos e tratados como pessoas comuns e normais que são, e não como inferiores aos brancos. Esse é apenas o primeiro passo para a sociedade se tornar menos preconceituosa.

COMENTÁRIO DE MMR (25/09/2008 11:30)

**Título:** *Todo mundo é igual!!!*

Infelizmente ainda existe ignorância e preconceito, quanta pobreza de espírito!!! Somos todos iguais e merecemos respeito independente de nossa cor, e como mostra o vídeo tudo que fizermos de ruim voltará pra nós e de forma pior. Isso serve de lição para muitos refletirem a maneira de como andam agindo.

COMENTÁRIO DE EMO (01/10/2008 09:14)

**Título:** *racismo*

É lamentável ainda vemos pessoas sendo tratadas com desprezo por sua cor. Isso nos mostra quantas pessoas sem cultura e ignorantes existem por aí. Esquecem que somos todos iguais.

COMENTÁRIO DE VCB (29/09/2008 20:57)

**Título:** *Racismo*

Isso mesmo Mislene, você falou tudo em poucas palavras a pobreza de espírito só nos leva a um retorno ainda pior e refletir sobre o racismo e o "preconceito", não só dos negros, mais do pobre, gordo ou deficientes. É óbvio que

no Brasil sempre existiu racismo, mas também é óbvio que este racismo não é igual àquele que existe nos EUA, por exemplo. Não é um racismo militante, mas passivo, feito de atitudes individuais e não de normas coletivas.

COMENTÁRIO DE FH (24/09/2008 16:47)

**Título:** *Racismo - isso ainda existe!!!!*

Bem infelizmente esse sentimento ainda existe. O tempo passou, os anos evoluíram tantas coisas conquistamos e construímos, mas isso ainda não vencemos. Por que me pergunto???

Será que o humano é tão egoísta assim, ou nós não queremos que isso seja eliminado de nossa sociedade. Minha cultura familiar vem de histórias de racismo mas nem por isso posso me considerar uma dessas que comete tal ato.

Todos nós um dia iremos precisar do outro seja ele quem for, e acordar de mal humor isso é normal, mas descontar a raiva nos outros é outra coisa. e além do mais todos temos direito de viver e andar onde queremos, esbarrar nos outros faz parte.....

COMENTÁRIO DE KF (16/10/2008 00:05)

**Título:** *Racismo*

o racismo existente hoje é algo hereditário, principalmente na geração de nossos pais, já na nossa isso tem mudado. os jovens da sociedade atual possuem a mente mais aberta para novo valor do ser que é a essência e não a aparência.

COMENTÁRIO DE LFS (24/09/2008 14:14)

**Título:** *Racismo, um sentimento medíocre!*

O racismo é um sentimento medíocre. Ele demonstra a desigualdade entre as pessoas, pois muitos são discriminados por serem negros, por terem religiões diferentes, culturas diferentes. Todos os tipos de discriminação são frutos de indivíduos pobres de espírito que não se dão conta que somos fruto de um povo miscigenado, e nossa cultura se baseia na mistura de raças procedentes de inúmeras pessoas de diversos países.

COMENTÁRIO DE KC (25/10/2008 10:26)

**Título:** *racismo*

Concordo com você Laila, quem tem preconceito são pessoas que de alguma maneira não tem cultura que não sabem que em seus antepassados alguns foram negros. E também a discriminação não vem só de negros e brancos, vem também de pessoas de outras religiões ou crenças, que isso se torna um absurdo!

COMENTÁRIO DE PAS (15/10/2008 11:22)

**Título:** *Racismo*

Concordo Laila, somos um povo multicultural, somos todos dotados da mesma capacidade intelectual e possuímos os mesmos direitos perante a sociedade.

COMENTÁRIO DE GPR (29/09/2008 22:13)

**Título:** *racismo*

concordo com vc Laila, jah que somos um povo misigenado ... porq tanta mediocridade com as diferenças né , isso vem desde da antiguidade e o ser humano nao evolui nessas questões ... e como sera futuramente ... acho que cabe a toda a população tentar reverter essa situação visualiza que todos somos iguais alguns com limitacoes mais iguais ... e mesmo assim podemos mudar certas questoes que nos afligem como a questão do preconceito.

COMENTÁRIO DE DNM (29/09/2008 03:13)

**Título:** *racismo*

É verdade Laila. Também pensei por este aspecto, não existe uma raça que seja absolutamente "pura", somos descendentes de uma mistura de raças. Mesmo assim, a distinção racial é algo decorrente em nosso cotidiano, onde as pessoas são menosprezadas por sua cor da pele, que é uma ignorância! O que torna uma pessoa superior não é a sua raça, mas sim a riqueza de espírito, a humildade e a simplicidade. Ao contrário, devemos ter preconceito sim, mas contra esses indivíduos praticantes de atitudes e pensamentos racistas. A nossa sociedade só evoluirá a partir do momento que souber respeitar as diferenças.

COMENTÁRIO DE VCB (24/09/2008 00:51)

**Título:** *Racismo.*

O vídeo só nos confirma uma realidade cruel de racismo com os negros, a questão também hoje em dia tem muito a ver com nível sócio econômico, o negro realmente sofre com isso tudo e um exemplo disso é a exclusão nas Universidades e no mercado de trabalho. Os negros são discriminados pelos brancos desde que a Europa invadiu a África. Mostrou que o racismo de integrantes de um grupo racial acredita ser superiores a outro grupo, demonstrando uma grande estupidez. É importante, então, que todos nós devamos ter consciência disso, pois a luta contra o racismo é muito mais difícil do que se pode imaginar. Enfim, a palavra racismo tinha tudo para ser enviada ao nosso arquivo morto, e lá permanecer enquanto discutíssemos questões realmente relevantes. Mas não é isso o que venho observando. A maldita palavrinha saiu do armário, e está cada vez mais na ordem do dia. Primeiro, o racismo é um "crime hediondo", como se não houvesse outros crimes piores, e como se já não houvesse sido aprovada uma lei condenando quem os comete, o que é um absurdo hoje esse tipo de coisa ainda acontecer e precisar existir, bastava sermos um pouco mais racionais. Precisamos de mais amor próprio e ao próximo para um mundo mais justo sem nos sujeitarmos a passar por esse tipo de situação.

COMENTÁRIO DE FBM (23/09/2008 22:53)

**Título:** *Racismo*

O brasileiro perdeu a tal ponto o orgulho de sua nacionalidade, que, em vez de orgulhar-se de ser brasileiro, prefere identificar-se com uma ou outra raça à qual, na verdade, não pertence. Se existe um grupo étnico brasileiro a que se possa chamar de "povo tal", este é o Povo Índio. Não existe no Brasil um "povo negro"; não existe no Brasil um "povo branco".

A realidade social brasileira, no entanto, ainda não acompanha o avanço do quadro jurídico pátrio. O racismo continua sendo disseminado no Brasil ao ponto de produzir efeitos estruturais na sociedade brasileira.

Ultimamente, os sistemas de cotas e a criação de um ministério voltado para essa única questão demonstram o tamanho do nosso problema. Ainda aceitamos distinguir o negro do moreno, em uma aquarela de tons onde o último ocupa uma situação melhor que a do primeiro.

Percebemos que o preconceito é um dos problemas mais graves no mundo, e que as pessoas precisam conhecer melhor as pessoas, indiferente da cor ou raça, sendo branco, preto, índio ou qualquer outro tipo, devemos respeitar e zelar pelo próximo.

COMENTÁRIO DE PAS (15/10/2008 11:12)

**Título:** *Racismo*

Concordo Fernanda, o Brasil é formado por diversas etnias, somos um povo mestiço por isto é um absurdo que haja preconceito referente à raça.

COMENTÁRIO DE DNM (23/09/2008 17:37)

**Título:** *Respeitas as diferenças*

O vídeo reforça a idéia de que infelizmente o racismo ainda está presente no mundo em que vivemos. Muitas pessoas ainda julgam os outros pela sua cor, discriminando-os. Essa idéia de que a cor da pele nos faz superiores ou inferiores é totalmente incoerente se pensarmos que somos descendentes de uma missigenação de raças. O que falta é as pessoas aprenderem a respeitar as diferenças!

COMENTÁRIO DE MCZ (17/10/2008 13:54)

**Título:** *Respeito*

Com certeza é isso que falta mesmo: respeitar as diferenças. Está mais do que comprovado que a cor da pele não determina se uma pessoa é melhor ou pior que a outra. As diferenças existentes entre determinados grupos populacionais, seja diferenças de cor, de sexo, de condições socioeconômicas, de partido político, etc, passa a ser fator de comparações entre tais grupos, os quais lutam e defendem suas características sempre menosprezando os outros q são "diferentes".

COMENTÁRIO DE FBM (01/10/2008 21:59)

**Título:** *Racismo*

Sim, concordo com você, poderemos até ser diferentes em relação à cor e raça. Porém, o mais importante é que as pessoas aprendam a enxergar a igualdade, onde todos nós somos iguais, somos seres humanos com os mesmos direitos e deveres. Deste modo, precisamos respeitar o próximo para podermos ser respeitados. É decepcionante ver que a maioria dos brasileiros não se concientizam!

COMENTÁRIO DE LFS (24/09/2008 14:01)

**Título:** *Missigenação*

Concordo com você no aspecto de que somos descendentes de uma missigenação, pois nosso país é uma mistura de raças, e nossa cultura é baseada nas diferentes culturas trazidas por outros povos.

COMENTÁRIO DE BGQ /09/2008 16:50)

**Título:** *ignorância, não leva a lugar nenhum.*

Assistindo a esse vídeo só prova que, há preconceito de raça, sim!

Ser uma pessoa negra não significa que ela tenha q estar somente na África, ou ser tratados como "escravos", eles são pessoas normais, civilizadas, educadas com objetivos e ganância de vencer em suas vidas como qualquer outro ser em uma sociedade

. O preconceito não leva a nada, pois como mostra o vídeo, logo ao ser atropelado, ironia do destino, o médico responsável pela sua recuperação ou talvez por estar vivo, ser um negro? Precisamos um dos outros, não julgar ninguém por sua religião, credo ou cor.

COMENTÁRIO DE EMO (01/10/2008 09:05)

**Título:** *Racismo*

Concordo com vc Barbara. Muitos julgam os outros por sua cor, religiao... e esquecem que são pessoas como qualquer outra que tem capacidade de desempenhar suas tarefas com igual capacidade

COMENTÁRIO DE DCG (06/10/2008 14:31)

**Título:** *concordo*

Concordo as vezes uma pessoa que e da cor negra e ate muito mais culta e educado do que um da cor branca

COMENTÁRIO DE GDF (25/09/2008 15:46)

**Título:** *Concordo*

Concordo com oque disse Bárbara.Não podemos julgar as pessoas por cor, religião nem nada!A única coisa a que o preconceito leva, é a infelicidade de quem o faz!

COMENTÁRIO DE LFS (24/09/2008 14:19)

**Título:** *Racismo, desprezível!*

Concordo com você, pois todos somos iguais, o que nos difere é nossa estatura, cor de cabelo, tipo físico, da mesma maneira nossa cor. E por que só a cor sofre discriminação? Isso demostra a ignorância de alguns indivíduos que são acometido por esse sentimento desprezível.

COMENTÁRIO DE KSW (23/09/2008 11:39)

**Título:** *Realidade*

É incrível como nos dias de hoje ainda sofremos e vemos muito disso...negros e brancos tem os direitos e deveres iguais sendo que nem negros nem brancos sao inferiores perante aos mesmos.E no video mostra isso,muito bom o video,todos tem capacidade,e racismo é uma atitude de gente ignorante,que nao consegue nem resolver seus proprios problemas.

COMENTÁRIO DE GPR (29/09/2008 22:09)

**Título:** *Realidade - comentada*

concordo com vc karina, tambem acho que todos nos temos direitos a todas as oportunidades cabives ... mais acho que a sociedade desde da antiguidade impoe muitas diferenças tanto em relação a cor a classe social... e essa é uma questao que o ser humano nao evoluiu ao longo dos anos o que muito ruim ... tanto para nos hj como pras futuras gerações!!!

COMENTÁRIO DE SGS (23/09/2008 11:58)

**Título:** *Racismo*

Na verdade pessoas racistas não tem o menor tipo de sentimento, não tem capacidade de identificar que ali a apenas uma diferença de cor mas não de sentimento ou de igualdade sendo que aquele "negro " é provido dos mesmos direitos que o racista tem perante a sociedade.

COMENTÁRIO DE ACS (23/09/2008 11:52)

**Título:** *Racismo infelizmente ainda é a nossa realidade*

Concordo... o vídeo mostrou muito bem a realidade que vivemos, os anos passam td evolui, mais o pesnamento das pessoas continuam os mesmos, o racismo é uma fato muito presente ainda na vida da população, Ridículo pensar que cor, raça pode distinguir as pessoas, distinguir seus direitos, seus deveres.

COMENTÁRIO DE FBM (01/10/2008 21:43)

**Título:** *Racismo*

Com certeza, Alice. O vídeo nos mostra a nossa realidade, a realidade brasileira. Infelizmente o racismo ainda faz parte do nosso dia-a-dia. Os anos passam e as pessoas, de um modo geral, não se conscientizam que todos nós somos iguais, independente de raça e de cor, todos nós possuímos os mesmo direitos e deveres. Sendo assim, o que me deixa mais decepcionada é que não consigo enxergar uma mudança... Será até quando vamos conviver com o racismo em nosso meio?

COMENTÁRIO DE EMO (01/10/2008 09:07)

**Título:** *racismo*

Concordo com vc Alice, no tempo que vivemos, infelizmente ainda existe pessoas que se acham melhor que outras por sua cor. Esquecem que somos todos iguais, com responsabilidades e obrigações iguais para todos.

COMENTÁRIO DE GDF (25/09/2008 15:51)

**Título:** *Racismo em pleno século 21!*

Pois é Alice, como podemos acreditar nisso não é??concordo plenamente contigo ao citar que o racismo ainda faz parte da nossa realidade...è complicado pensar que em pelno século 21 muitas pessoas ainda tratam negros como na época da escravidão!Isso é um absurdo!

COMENTÁRIO DE GMM (22/09/2008 10:45)

**Título:** *racismo*

Racismo é no mínimo uma atitude de ignorancia as proprias origens, pois nossos antepassados eram Indigena, pois os negros foram trazidos para trabalhar como escravos, e ainda serviram de mercadoaria para seus senhores. O que existe é muito racismo camuflado é que todo

mundo faz questao de nao enxergar. Mas o que retrada no video é um racismo descarado entre o personagem, foi um absurdo.

COMENTÁRIO DE MVN(21/09/2008 12:23)

**Título:** *Racismo*

É triste saber que ainda estamos envoltos por essa névoa chamada racismo. Difícil é entender como nosso preconceito pode tomar frente de nossas idealizações de um mundo mais pacífico e unido. A diferença entre os povos não deveria ser uma barreira nas relações interpessoais, deveria ser uma ferramenta de auxílio ao crescimento e superiorização do ser humano. Meu desejo é que essa névoa se disperse antes que nos tome toda a visão e nos impeça de enxergar a essência das diferenças.

COMENTÁRIO DE VCB (24/09/2008 00:57)

**Título:** *Racismo*

Realmente Mariana, é muito triste o racismo, ainda mais no Brasil um país com uma mistura de raças e culturas onde deveríamos cada vez mais nos orgulharmos de ser brasileiros, e o seu desejo acredito que seja o de todos que tenham um pouco de respeito pelo próximo. Somos sim, Brasileiro, filhos de um país lindo e sem dúvida abençoado por não ter quase que nenhum problema climático ou similar. Fomos povoados pelo mundo, sem dúvida, difícil aqui é achar um país que não tenha alguém no Brasil. Somos uma mistura d cores, ritmos, pessoas, etnias e raças. Talvez por isso que nosso povo seja tão alegre, bonito pra várias situações, e muito guerreiro, pegamos todas as melhores qualidade de todos os países que nos habitam. Acho q vale a pena querer saber quem somos na realidade, antes de nos julgar.

COMENTÁRIO DE ICBO (21/09/2008 15:48)

**Título:** *racismo*

oi Mariana,gostei do seu comentário pois é o que quase todos almejamos ao querermos um mundo melhor,fique tranquila pois se uma pessoa ainda acreditar que isso pode ser real faremos uma grande corrente até que um dia com certeza nosso sonho se realizará.

COMENTÁRIO DE JN (21/09/2008 10:51)

**Título:** *Racismo*

*O video nos mostra o grande racismo que ainda hoje presenciamos, e que não podemos tratar pessoas negras com diferenças, somos todos iguais independente de cor de pele. Precisamos uns dos outros como mostrou no video o médico que cuidou do branco, salvou a vida dele era negro.*

COMENTÁRIO DE SGS (23/09/2008 12:04)

**Título:** *racismo*

É preconceito mais mesquinho que existe, como sera que ficou a mente dele quando percebeu que o medico que lhe salvou a vida era negro e ele foi para lá devido a esse devido a esse poeconceito idiota.

COMENTÁRIO DE APA (21/09/2008 18:56)

**Título:** *Racismo*

Infelizmente o racismo ainda persiste no meio cultural, e só valorizamos o próximo quando precisamos dele, como no caso do vídeo. Eu ainda acredito num mundo melhor, com pessoas melhores e cabe a cada um fazer a sua parte, se o mundo está ruim (racismo, assaltos, violência contra mulher e crianças), imagine este sem fé...????????????

COMENTÁRIO DE DNM (03/10/2008 01:41)

**Título:** *devemos saber valorizar as pessoas*

É mesmo Ana Paula, muitas pessoas só dão o valor merecido ao outro no instante em que precisa dele. Infelizmente isso acontece e muito em nossa sociedade. No momento de necessidade, como no caso do vídeo, com certeza a cor da pele do médico não teve nenhuma influência ao homem que estava lutando por sua vida. Ele só queria voltar a viver, sem importar quem o fizesse. Não podemos deixar chegar a um estágio tão crítico para valorizar uns aos outros. Todos somos seres humanos e devemos ser igualmente valorizados.

COMENTÁRIO DE MCZ (24/10/2008 18:40)

**Título:** *valorizar*

Com certeza existem pessoas que agem exatamente como no vídeo. Mal tratam determinados grupos devido o preconceito e em outras ocasiões acabam se surpreendendo, porque justamente aquela pessoa que foi discriminada é quem irá poder ajudar. Com isso, a sociedade precisa valorizar e respeitar as diferenças, quem sabe assim poderemos diminuir o preconceito que existe.

COMENTÁRIO DE ICBO (21/09/2008 15:42)

**Título:** *racismo*

Achei o vídeo uma grande ironia, acho que fez muita gente pensar melhor em seus preconceitos e com certeza chegar a conclusão de que todos precisamos uns dos outros.

COMENTÁRIO DE GDF (25/09/2008 15:48)

**Título:** *racismo*

É Iane, quando vi o vídeo também pensei na ironia! Uma grande lição de que sim, precisamos uns dos outros mais do que nós podemos imaginar!

COMENTÁRIO DE DCG(19/09/2008 10:17)

**Título:** *racismo*

Bom vendo o video , mostra que ainda a muito preconceito contra os negros, e no video mostra claramente que nos precisamos das outra pessoas independente de raça ou classe.

COMENTÁRIO DE VGM (17/10/2008 14:19)

**Título:** *racismo*

Concordo plenamente com o Daniel,pois indeterminado da cor ou classe social precisamos uns dos outros, pois sozinhos nao chegamos a lugar nem um.

COMENTÁRIO DE ICBO (21/09/2008 15:37)

**Título:** *racismo*

Concordo com o colega Daniel,pois precisamos uns dos outros não importando a cor.

COMENTÁRIO DE CM(18/09/2008 22:54)

**Título:** *Pura ignorância!!!*

O racismo é uma realidade inegavel, que acaba afetando toda a gente, embora as vezes de forma indireta, alma e caráter não tem cor, e são essas as duas coisas que devemos enxergar no próximo, racismo é o fim da essência humana! Acho que é algo que sempre vai existir, pois está na natureza humana sempre querer ser superior, uma tremenda ingorância, que leva a pessoa a uma extrema infelicidade, o sistema de cotas é uma palhaçada, que eu fico indignada até hoje, o próprio governo está subestimando a sua educação.

COMENTÁRIO DE AKC (06/11/2008 20:18)

**Título:** *comentário 1*

concordo com você. o racismo vai ta sempre entre nós, o ser humano quer sempre ser superior, e esse negócio de cota é pior ainda.

COMENTÁRIO DE ACM (26/10/2008 13:53)

**Título:** *racismo*

Concordo contigo Camila, não tem o porquê olharmos só a aparência da pessoa, si ela é negra ou não e deixarmos de lado o que mais importa que é o caráter dela.

COMENTÁRIO DE MCZ (17/10/2008 13:41)

**Título:** *Ignorância mesmo...*

Concordo com a Camila, a própria humanidade é a principal responsável pelo racismo existente no mundo. Sempre existirá determinados grupos que se consideram melhores que outros, seja porque são mais ricos, ou porque são brancos, ou são negros, etc.O sistema de cotas citado pela Camila com certeza é uma palhaçada e é uma comprovação de que leis desse mesmo estilo fazem com que o racismo seja cada vez maior entre as pessoas.

COMENTÁRIO DE LTH (15/10/2008 21:47)

**Título:** *Racismo*

Concordo com a Camila, acho que se somos todos iguais não deveria existir cotas para negros e realmente o governo esta gerando preconceito e racismo.

COMENTÁRIO DE VCB (29/09/2008 20:53)

**Título:** *Racismo*

Concordo plenamente com tudo o que você fala Camila, sua indignação é a mesma que a minha e de muitas pessoas que tenham um pouco de respeito ao proximo. Alguns argumentam que a idéia de raça deve ser abolida, por estimular a divisão do país em grupos étnicos. A introdução do sistema de cotas rompe com esse opinião e produz uma sociedade que tem a obrigação legal de se classificar como "branca ou negra". Se os próprios negros batessem o pé e não concordassem com o sistema de cotas o próprio governo teria que rever essa questão, mas eles apenas se acomodam com a questão.

COMENTÁRIO DE LFS (24/09/2008 14:04)

**Título:** *Somos todos iguais*

Concordo com você, pois o racismo é um sentimento pobre, pois todos somos seres iguais, e a cor não determina caráter e muito menos o que somos.

COMENTÁRIO DE APA (05/10/2008 21:14)

**Título:** *Devemos respeitar as diferenças*

Devemos respeitar as diferenças, não somente da cor, mas da classe social, profissão, religião...etc...afinal cada indivíduo tem seu valor independente da sua cor ou de quanto ganhe...

COMENTÁRIO DE FBM (23/09/2008 22:29)

**Título:** *Racismo*

Concordo plenamente com você, Camila. O sistema de cotas é o maior exemplo de racismo, uma verdadeira palhaçada, onde, além de subestimar a capacidade do indivíduo, fortalece a idéia de diferença entre raças.

COMENTÁRIO DE VCB (24/09/2008 00:59)

**Título:** *Racismo*

A inclusão de cotas apenas revela um preconceito que já é real. Uma forma de racismo, que é oculto, sendo uma forma de gerar um preconceito maior que do já existente. Geralmente não há raças, mas socialmente elas existem, a discriminação pela cor da pele não só no sistema de cotas mais o fato de que os próprios negros em alguns casos fazem seu próprio racismo. Todos devem ter os mesmos direitos para evitar o máximo de qualquer forma de preconceito, com isso mudar algumas formas de delectonar as pessoas.

COMENTÁRIO DE ACM (26/10/2008 13:49)

**Título:** *racismo*

Concordo contigo Vanessa, acho que esse negócio de cotas só veio pra gerar mais preconceitos. Se todo mundo é igual, tem os mesmos direitos e deveres então pra que ter cotas.

COMENTÁRIO DE DNM (23/09/2008 17:14)

**Título:** *sistema de cotas raciais*

Com certeza Camila, o sistema de cotas não deixa de ser uma forma de discriminação racial, onde nos faz pensar que os negros são menos capacitados do que as demais raças. Isso faz com que os próprios negros se sintam menosprezados, por não poder atribuir o ingresso à faculdade a mérito próprio. A cor da pele não determina a capacidade de ninguém!

COMENTÁRIO DE EMO (01/10/2008 09:19)

**Título:** *Cotas - Racismo*

Concordo , inteiramente com vc Débora. sempre fui contra esse sistema de cotas, só serve pra menosprezar os negros, querem dizer que eles só conseguem entrar numa universidade porque foram beneficiados, tiveram uma "ajudinha". As pessoas esquecem que somos iguais, temos a mesma capacidade e inteligência, o que difere é a oportunidade dada a cada um. talvez mtos negros não tiveram oportunidade de estudar e acabam tendo mais dificuldade, mas não quer dizer que não sejam capazes.

COMENTÁRIO DE ACS (23/09/2008 11:56)

**Título:** *Racismo*

Realmente Camila, O racismo já começa ai, quem disse que pessoas de cor são inferiores ou possuem alguma diferença para participarem do sistema de cotas. Isso também me revolta!!!

**ANEXO D – Transcrição do Vídeo da MEDIATECA****Homem negro (Africano):**

- Desculpe!

**Homem Branco (Português):**

- O preto quem sabes não pensas que aqui não tens que andar como gente.

- Aqui não é a África

- O quê!!! não achas bem?

- Volta pra tua terra e pra lá tu levas os brasileiros, os chemuças (gíria usada para identificar os indianos) e chinocas.

Fonte:<http://www.youtube.com/watch?v=dergWtU1tnE>. Acesso em 07 de setembro de 2010.

**ANEXO E – AUTORIZAÇÃO DA UNISULVIRTUAL**